

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

RONIE FRANÇA COSTA

**LITERATURA DE CORDEL E ENSINO DE HISTÓRIA:
DIÁLOGOS E POSSIBILIDADES NO ENSINO FUNDAMENTAL**

**GUARULHOS
2021**

RONIE FRANÇA COSTA

**LITERATURA DE CORDEL E ENSINO DE HISTÓRIA:
DIÁLOGOS E POSSIBILIDADES NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre no Programa
de Mestrado Profissional em Ensino de
História da Universidade Federal de São Paulo
Orientador: Prof. Dr. Denilson Botelho

**GUARULHOS
2021**

Na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei de direitos autorais nº 9610/98, autorizo a publicação livre e gratuita desse trabalho no Repositório Institucional da UNIFESP ou em outro meio eletrônico da instituição, sem qualquer ressarcimento dos direitos autorais para leitura, impressão e/ou download em meio eletrônico para fins de divulgação intelectual, desde que citada a fonte.

COSTA, Ronie França.

Literatura de cordel e ensino de história: diálogos e possibilidades no Ensino Fundamental / Ronie França Costa. – 2021. – 1 f.

Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História). – Guarulhos : Universidade Federal de São Paulo. Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

Orientador: Denilson Botelho.

Título em Inglês: Cordel literature and history teaching: dialogues and possibilities in elementary school.

ProfHistória. Literatura de Cordel. Ensino de História. Ensino Fundamental

RONIE FRANÇA COSTA
Literatura de cordel e ensino de História:
diálogos e possibilidades no Ensino Fundamental

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino de História. Universidade Federal de São Paulo.

Área de concentração: Ensino de História

Aprovação: ____/____/____

Prof. Dr. Orientador Denilson Botelho
Universidade Federal de São Paulo

Prof. Dr. Fábio Franzini
Universidade Federal de São Paulo

Prof^a. Dr^a. Isabel Cristina Martins Guillen
Universidade Federal de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, à minha família, que é meu porto seguro e que me dá apoio para seguir atuando na educação. À minha esposa Suzana, que me transmitiu tranquilidade e paz nos momentos mais difíceis. A meus filhos Heitor e Otávio e meu enteado Gustavo, que me dão orgulho e me fazem querer melhorar sempre. À minha mãe Sebastiana, que sempre demonstrou muito contentamento em ter um filho professor. A meu pai Odilon, que sempre me incentivou a estudar, mesmo nos momentos em que passamos por mais dificuldades. A meus irmãos Jeferson e Priscila, pela torcida.

Agradeço à Educação Pública, que fez parte de todos os momentos de minha formação, e para a qual espero dar minha contribuição em reconhecimento. À Escola Municipal de Educação Básica Estância Hidromineral de Poá, pois foi a partir do trabalho desenvolvido nesta escola que me senti desafiado e encorajado a realizar o mestrado.

Agradeço aos colegas da turma do ProfHistória de 2018, que não mediram esforços em ajudar, sempre que necessitei. São docentes e pesquisadores extremamente qualificados que representam com muito brilhantismo uma longa tradição de professores de História. Ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História, uma proposta que desde seu aparecimento me cativou e me estimulou a realizar o mestrado, uma possibilidade de crescimento profissional e pessoal. À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa concedida, que auxiliou sobremaneira na realização da pesquisa.

Agradeço à Universidade Federal de São Paulo, instituição pela qual sempre nutri uma imensa admiração, principalmente depois da abertura do campus Guarulhos, que possibilitou acesso a muitos que residem na região leste da grande São Paulo. Aos professores do ProfHistória de quem fui aluno, por suas aulas memoráveis, sua preocupação com educação básica e pesquisa de qualidade, e suas sugestões sempre relevantes e oportunas.

Um agradecimento especial ao meu orientador, Professor Doutor Denilson Botelho, um exemplo de profissionalismo e humanidade, que me incentivou e cobrou nos momentos necessários, dando-me liberdade para fazer escolhas durante a pesquisa, e sugerindo mudanças essenciais. Sem sua contribuição e compreensão, esta jornada teria sido muito mais difícil.

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo investigar os possíveis usos da literatura de cordel no ensino de História, nos anos finais do Ensino Fundamental. A abordagem concentrou-se sobre a produção de folhetos de cordel no Nordeste brasileiro, desde o seu aparecimento, no final do século XIX, até a década de 1920, período em que estiveram em atividade os poetas pioneiros da nossa literatura de cordel. Após contemplar o surgimento da literatura de cordel, suas características e precursores, passou-se a examinar as propostas e possibilidades de trabalho com os folhetos no ensino de História. Considerando que o uso da literatura de cordel nas aulas de História pode favorecer a interdisciplinaridade, a criatividade, o desenvolvimento de habilidades de leitura, oralidade e trabalho coletivo, analisamos 34 folhetos com temáticas da História brasileira durante a Primeira República como: movimentos sociais do campo, rebeliões, a participação do Brasil na Grande Guerra, desigualdades sociais, problemas econômicos, eleições, política, cangaço, costumes, religiosidade, etc. Os resultados da pesquisa apontaram que os folhetos de cordel são uma fonte histórica privilegiada que pode contribuir de forma substancial para o ensino de História, proporcionando um diálogo com o conhecimento histórico dos livros didáticos e da historiografia. A utilização do cordel nas aulas de História pode enriquecê-las e torná-las mais atrativas e estimulantes, contribuindo para experiências de ensino-aprendizagem mais significativas.

Palavras-chave: ProfHistória; Literatura de Cordel; Ensino de História; Ensino Fundamental.

ABSTRACT

The objective of this research is to investigate the possibilities of using cordel literature in history teaching, in the final years of elementary school. The research focused on the production of cordel leaflets in Northeastern Brazil, since its appearance, at the end of the 19th century, until the 1920s, a period in which the pioneering poets of our cordel literature were active. After discussing the emergence of cordel literature and its characteristics and precursors, we began to discuss the proposals and possibilities of working with the leaflets in the teaching of history. It was highlighted that the use of cordel literature in history classes can favor interdisciplinarity, creativity, the development of reading skills, orality and collective work. A documentary corpus of 34 leaflets was selected and analyzed, with themes from Brazilian history during the First Republic such as: rural social movements, rebellions,

Brazil's participation in the Great War, social inequalities, economic problems, elections, politics, cangaço, customs, religiosity, etc. The results of the research pointed out that cordel leaflets are a privileged historical source that can contribute substantially to the teaching of history, providing a dialogue with the historical knowledge of textbooks and historiography. The use of cordel in history classes can enrich them and make them more attractive and stimulating, contributing to more significant teaching-learning experiences.

Keywords: ProfHistória; Cordel Literature; History teaching; Elementary School.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 BREVE HISTÓRIA DA LITERATURA DE CORDEL	11
2 A LITERATURA DE CORDEL NA SALA DE AULA	33
2.1 LITERATURA E ENSINO DE HISTÓRIA	33
2.2 LITERATURA DE CORDEL E ENSINO	36
2.3 LITERATURA DE CORDEL E ENSINO DE HISTÓRIA	43
3 MULTIPLICIDADE DE VOZES NOS FOLHETOS DE CORDEL	54
3.1 QUEIXAS E LAMÚRIAS CONTRA IMPOSTOS, CARESTIA, FOME E GOVERNOS	57
3.2 REVOLTAS POPULARES E CONFLITOS NA PRIMEIRA REPÚBLICA	68
3.3 PROCESSO ELEITORAL NA PRIMEIRA REPÚBLICA	76
3.4 SITUAÇÃO DOS TRABALHADORES RURAIS E O CLIMA DO SERTÃO	79
3.5 GRANDE GUERRA	83
3.6 NOVIDADES, GÊNERO E RELIGIÃO	87
3.7 CANGAÇO E ALISTAMENTO MILITAR	92
3.8 CRÔNICAS POÉTICAS	96
4 PRODUTO: SITE CORDEL NA ESCOLA	98
4.1 SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1: ECONOMIA NA REPÚBLICA OLIGÁRQUICA	101
4.2 SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2: MESSIANISMO E REVOLTAS NA PRIMEIRA REPÚBLICA	104
4.3 SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3: AS ELEIÇÕES NA PRIMEIRA REPÚBLICA	108
4.4 SEQUÊNCIA DIDÁTICA 4: SITUAÇÃO DOS TRABALHADORES RURAIS E A SECA NO SERTÃO NORDESTINO	111
4.5 SEQUÊNCIA DIDÁTICA 5: A GRANDE GUERRA VISTA PELOS POETAS DO CORDEL	115
CONCLUSÃO	120
REFERÊNCIAS	123

INTRODUÇÃO

Pesquisas apresentadas nas diversas edições do Simpósio Nacional de História da ANPUH, do Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História e do Encontro Nacional dos Pesquisadores do Ensino de História constataam que os professores estão constantemente em busca de novas metodologias para o ensino de História. Jaime Cordeiro (2000), por exemplo, analisa “projetos didáticos alternativos” para o ensino de História nas décadas de 1970 e 1980 e identifica diversas sugestões metodológicas nesse conjunto de relatos: pesquisa histórica; estudo e investigação de texto; estudo do meio; utilização de outras linguagens além da verbal; método retrospectivo; uso de documentos históricos e fichas de pesquisa. De lá para cá, com o incremento das pesquisas e com a implementação das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação, diversas propostas de renovação do ensino de História têm sido pensadas. Neste sentido, a perspectiva do ProfHistória, de promover investigações sobre o ensino de História a partir de questões que emergem da prática docente, pode contribuir para novos caminhos e diálogos.

Atuo na área da educação há 12 anos e o que me motivou a enveredar por este caminho, sem dúvida, foi a identificação que tive com professores de História ao longo da minha trajetória escolar, principalmente no Ensino Fundamental.

Cursei o Ensino Fundamental num pequeno povoado do interior da Bahia chamado Cercadinho, que faz parte da cidade de Vitória da Conquista. A escola municipal Rui Barbosa, por ser muito distante da cidade - mais de 80 km -, não atraía a atenção dos professores. Então as aulas eram atribuídas a professores que estavam iniciando a carreira, geralmente estudantes universitários. Foi neste contexto que passei a me interessar pela disciplina de História, pois os professores eram entusiasmados e despertavam a atenção dos alunos, provocando seu envolvimento com a disciplina.

Anos depois, entre idas e vindas, como até hoje é muito comum para as pessoas daquela região na Bahia, fixei-me em São Paulo, em busca de trabalho. Graças ao Prouni, em 2009 consegui ingressar na Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC-SP) para cursar História. No ano seguinte, dei continuidade ao curso ingressando na Universidade de São Paulo (USP) e finalizei a graduação em 2013.

Comecei a trabalhar na educação como inspetor de alunos, na Secretaria Municipal da Educação de São Paulo, enquanto cursava a graduação. Depois passei a atuar num cargo burocrático na Diretoria de Ensino de Itaquaquecetuba e pedi exoneração em 2014, para assumir o cargo de professor de História na Escola Municipal de Educação Básica Estância Hidromineral de Poá. Ela faz parte da rede municipal de Poá, cidade da Grande São Paulo. Dentre diversos aspectos da cultura escolar na EMEB Estância, algo que sempre me chamou a atenção foi o enorme interesse pela leitura entre os alunos. Além de ser corriqueiro ver parcela dos alunos levarem livros à escola, alguns fatos evidenciam este interesse pela leitura. Uma mostra cultural sobre Jorge Amado foi um grande sucesso. Em todas as edições da Bienal do Livro, a escola organiza visitas, que mesmo sendo pagas, atraem parte considerável dos alunos, que adquirem livros que depois são vistos circulando pela escola. Em 2014, por iniciativa de um professor de História interessado por literatura, foi feita uma campanha entre os alunos para arrecadação de mil livros e criação de uma biblioteca na escola. A campanha arrecadou bem mais que o esperado e a biblioteca foi criada. Outro projeto exitoso no ano de 2016 foi o de espalhar livros pela escola, com o intuito de serem lidos e passados adiante. Mais recentemente, um projeto da professora de Língua Portuguesa sobre literatura de cordel com alunos do sexto ano, além de obter um grande engajamento dos educandos, acaba de virar livro. Enfim, inúmeros exemplos podem confirmar que o interesse pela leitura faz parte da cultura escolar da EMEB Estância, embora seja necessário um estudo para melhor avaliação sobre quem são os leitores e o que leem.

Nesta mesma escola, algumas aulas sobre Idade Média, no sétimo ano, me marcaram muito. Para explicar aos alunos sobre o império carolíngio, recorri ao CD *Carlos Magno em Cantoria*¹, em que os autores cantam seus poemas de cordel. Depois disso, a curiosidade me levou a pesquisar sobre literatura de cordel e me surpreendi com sua riqueza e possibilidades de estabelecer relações e diálogos com o ensino de História. Quando entrei no Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal de São Paulo, em 2018, interessei-me pela sua proposta de relacionar a pesquisa acadêmica com a prática docente e vislumbrei ali a possibilidade de organizar ideias difusas sobre o trabalho com a literatura de cordel na sala de aula.

¹ AMÂNCIO, Geraldo; FERREIRA, José Fernandes. *Carlos Magno em cantoria*. Brasil: Marca Registrada. 2000. 1 CD)

Partindo destas constatações e em consonância com os objetivos do Mestrado, decidi abordar como tema de pesquisa os possíveis usos da literatura de cordel no ensino de História no Ensino Fundamental. O resultado pode ser conferido nas páginas que seguem e apresento resumidamente abaixo.

No capítulo I, intitulado *Breve história da literatura de cordel*, foram abordadas suas principais características, as principais teses a respeito de sua origem e difusão e a trajetória de seus precursores mais destacados. Analisou-se também sua validade como documento histórico.

O capítulo II, cujo título é *A literatura de cordel na sala de aula*, foi dividido em três partes. Na primeira, *Literatura e Ensino de História*, abordei a ampliação do conceito de fonte histórica e as contribuições da literatura para o ensino de História. Na segunda parte, *Literatura de Cordel e Ensino*, discuti as possibilidades de utilização da literatura de cordel como ferramenta pedagógica no âmbito da Educação Básica de forma geral. Na terceira parte, intitulada *Literatura de Cordel e Ensino de História*, analisei a bibliografia que propõe a utilização do cordel no ensino de História, as sugestões de trabalho com o cordel e suas possíveis contribuições para o ensino de História.

O capítulo III, intitulado *Multiplicidade de Vozes nos Folhetos de Cordel* foi destinado ao exame das fontes que abrangem o escopo da pesquisa. Foram selecionados e analisados 34 folhetos que constituem a produção dos primeiros poetas cordelistas, que se mostraram fontes históricas relevantes para a compreensão de diversos aspectos da história do Brasil durante a Primeira República. As fontes analisadas fazem parte do Acervo de Literatura Popular em Versos da Fundação Casa Rui Barbosa, que possui mais de 9 mil folhetos de cordel, dos quais mais de 2300 estão disponíveis por meio digital.

O capítulo IV foi destinado à exposição da parte propositiva da dissertação. O produto desenvolvido foi um site chamado *Cordel na Escola* (www.cordelnaescola.com.br). Esta ferramenta disponibiliza informações e referências sobre o cordel nordestino, bem como a possibilidade de compartilhar experiências de trabalho com a literatura de cordel no âmbito da educação. Os folhetos de cordel utilizados nesta pesquisa podem ser encontrados lá. Com base nestas fontes, foram desenvolvidas cinco sequências didáticas para professores de História trabalharem com a literatura de cordel nos anos finais do Ensino Fundamental.

Na *Conclusão*, destaco as contribuições do uso da literatura de cordel em sala de aula para uma aprendizagem mais significativa na disciplina História, observando sua importância como fonte histórica, que pode fomentar a interpretação do passado, bem como suas características estéticas, a rima e a métrica, que podem propiciar mais envolvimento e interesse por parte dos educandos.

1 BREVE HISTÓRIA DA LITERATURA DE CORDEL

Em 2010, a Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC) apresentou requerimento assinado por 85 poetas cordelistas ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) para que a literatura de cordel fosse registrada como Patrimônio Cultural Brasileiro e em 2018, o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular apresentou ao Conselho Consultivo do IPHAN um dossiê para avaliação da pertinência do registro da literatura de cordel. Em setembro do mesmo ano, o órgão colegiado reconheceu por unanimidade a literatura de cordel como Patrimônio Cultural Brasileiro.

A Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC) foi fundada em 1988, na cidade do Rio de Janeiro. Ela tem organização inspirada na Academia Brasileira de Letras e reúne poetas, pesquisadores e xilogravuristas de todo país. Sua sede é no Rio de Janeiro e sua fundação está ligada aos movimentos migratórios do Nordeste para o Sudeste. A ideia da criação da ABLC surgiu entre os poetas que frequentavam a feira de São Cristóvão, um importante reduto de cordelistas.

O IPHAN apreciou o requerimento da ABLC e em seu dossiê o considerou pertinente, posto que a literatura de cordel é uma forma de expressão cultural que teve uma continuidade histórica e difundiu-se por todo o território nacional. Segundo o dossiê

A literatura de cordel faz parte da cultura brasileira não somente por meio do folheto impresso, mas em igual medida pela diversidade de linguagens e formas de expressão que essa poética assumiu ao longo do tempo, dialogando com a tradição oral, com a iconografia, com a linguagem audiovisual, com os meios de comunicação, o mercado editorial e com as práticas educativas de letramento e alfabetização.²

Segundo o dossiê, as pesquisas de campo realizadas para a elaboração do pedido de registro do cordel como Patrimônio Cultural indicam uma ampla difusão desse gênero

² INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. Dossiê de registro da literatura de cordel. Brasília, 2018, p. 9.

literário e a existência de um número expressivo de poetas em atuação, espalhados por todas as regiões do país. Apesar de sua ligação histórica com o Nordeste brasileiro, atualmente a literatura de cordel está presente em todas as regiões do país, tanto nos grandes centros urbanos quanto nas pequenas cidades do interior e nos meios rurais. O dossiê defende que o registro do cordel como Patrimônio Cultural é importante para garantir a preservação dessa arte, bem como incentivar o acesso coletivo a ela³.

A literatura de cordel é um gênero narrativo que se difundiu a partir de condições já existentes no Nordeste brasileiro, no fim do século XIX. Para Guillen "é o poeta de cordel, por excelência, o grande narrador da vida local nordestina".⁴ A autora estabelece uma relação entre o ato de viajar e o de narrar. Os habitantes do Nordeste seriam grandes narradores, "já que não se dissocia do 'homem nordestino' a perspectiva da migração".⁵ Os poetas cordelistas eram vendedores itinerantes, que assim como os mascates e os caixeiros-viajantes, percorriam o sertão vendendo suas obras. Com a ampliação da produção e venda dos folhetos, criou-se uma rede distribuição que contava com representantes por diversas cidades, não só do Nordeste, mas do país.

Considere-se também a grande massa migratória de nordestinos que ocupou todo o país, disseminando a sua cultura por todos os cantos. Se pensarmos na Amazônia, principalmente durante o boom da borracha, não há um rio que desague no Amazonas que não tenha sido habitado por nordestinos e seus descendentes, e que não traga consigo um pouco de poesia popular nordestina. Esse movimento de migração e difusão cultural fez com que se associasse simbolicamente a literatura de cordel tipicamente nordestina, com a cultura popular do povo brasileiro.⁶

Segundo Guillen o cordel se disseminou num momento em que as relações de trabalho passavam por profundas transformações no Nordeste, com a introdução do trabalho assalariado. As mudanças culturais foram capturadas pelos poetas em suas obras.

³ INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. Dossiê de registro da literatura de cordel. Brasília, 2018, p. 15.

⁴ GUILLEN, Isabel. Cantadores das viagens: A literatura de cordel e a experiência da migração nordestina para a Amazônia. In: VI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, 2000, Porto. VI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Porto, 2000, p. 220.

⁵ Ibid., p. 220.

⁶ Ibid., p. 220.

Por conta da migração nordestina para todo o Brasil, a literatura de cordel passou a ser um símbolo da cultura popular não só do Nordeste, mas de todo o país. “A sextilha nordestina (estrofes de seis versos de sete sílabas) tornou-se a maior expressão poética de toda nossa história”.⁷

De acordo com Guillen, infelizmente não há muitos estudos acerca da difusão da literatura de cordel pelo Brasil. É um fenômeno que possui uma historicidade e precisa ser melhor compreendido, para que a expansão da literatura de cordel pelo país não pareça ter ocorrido como um salto no tempo ou de forma espontânea. Ela própria investigou a difusão do cordel para a região amazônica, durante as migrações de sertanejos para os seringais no início do século XX.⁸

Até pelo menos a década de 1960, a expressão “literatura de cordel” não era reconhecida pelos produtores de folhetos nem pelo seu público. Essa expressão era utilizada em Portugal e na Espanha para se referir a determinados livretos que eram vendidos pendurados em um cordão nos mercados públicos. A expressão literatura de cordel não se referia a um gênero literário específico. Ela foi associada a um conjunto de edições de baixo custo que popularizaram e adaptaram obras eruditas escritas no âmbito da cultura letrada na Europa.

Segundo Câmara Cascudo⁹, a utilização da expressão literatura de cordel para se referir aos folhetos nordestinos só ocorreu a partir da década de 1960. Ela foi atribuída por estudiosos do tema a partir da comparação com a literatura de cordel portuguesa.

Márcia Abreu esclarece que o termo literatura de cordel só passa a ser empregado pelos estudiosos para se referir aos folhetos nordestinos a partir da década de 1970. “Desde o

⁷ LUYTEN, Joseph M. O que é literatura popular? São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 13.

⁸ GUILLEN, Isabel. Errantes da Selva: Histórias da Migração Nordestina para a Amazônia. Recife: Editora da UFPE, 2006.

⁹ CASCUDO, Luiz da Câmara. Dicionário do folclore brasileiro. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988. Apud GALVÃO, Ana. Cordel: leitores e ouvintes. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 27.

início desta produção, referiam-se a ela como 'literatura de folhetos' ou, simplesmente, 'folhetos'".¹⁰

Em pesquisa com leitores que tiveram no cordel as primeiras experiências de letramento, Ana Galvão identifica diversas denominações para as obras da literatura de cordel: folheto, livrinho de feira, livro de histórias matutas, romance, folhinhas, livrinhos, livro de história antiga, livro de poesias matutas, foieto antigo, folheto de história de matuto, poesias matutas, histórias de João Grilo, leitura e literatura de cordel, história de João Martins de Athayde ou simplesmente livro. "Nos folhetos, em suas capas, contra-capas e quarta-capas, aparecem denominações como 'livros', 'livros de versos', 'romances', 'folhetos', 'obras', e 'poesias populares'".¹¹

Dão-se esses nomes, assim, a uma forma de poesia impressa, produzida e consumida, predominantemente, em alguns estados da região Nordeste. Embora caracterizado pela forte presença da oralidade em seu texto e forma, o Cordel é necessariamente impresso, distinguindo-se de outras formas de poesia oral como as pejeas e desafios, "cantados" pelos cantadores ou repentistas¹².

Os autores da literatura de cordel são chamados normalmente de cordelista, poeta de bancada, ou simplesmente poeta. A literatura de cordel nordestina pode ser inserida na milenar prática de conservar a memória de fatos ou acontecimentos através de relatos poéticos.

Trata-se de um gênero literário que surgiu a partir das conexões entre a tradição oral e escrita presentes na formação social brasileira. Os próprios poetas cordelistas, quando entrevistados para a elaboração do dossiê de registro pelo IPHAN¹³, definem a literatura de cordel com um gênero que deve possuir basicamente três elementos: métrica, rima e oração. Ao compor um cordel com esses elementos, o poeta mobiliza conhecimentos que fazem parte

¹⁰ ABREU, Márcia. Histórias de Cordéis e Folhetos. São Paulo: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 2006, p. 17.

¹¹ GALVÃO, Ana. Cordel: leitores e ouvintes. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 27.

¹² Ibid., p. 27.

¹³ INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. Dossiê de registro da literatura de cordel. Brasília, 2018, p. 16.

de uma longa tradição transmitida há gerações. A métrica diz respeito à quantidade de sílabas e de versos; e a melhor prova de que o poeta conseguiu compor um bom cordel é que ele soe harmonicamente aos ouvidos. Também de suma importância para o cordel é a rima, a repetição do som das últimas palavras de determinados versos. A oração é o desenvolvimento do poema. Diz respeito à coerência do enredo e sua organização. Deve ser clara, compreensível e instigar o leitor a acompanhar a narrativa até seu desenlace.

Ao longo da história da literatura de cordel, seus criadores deram origem a diferentes modalidades de poemas. A maioria foi criada para as cantorias e só depois foi utilizada nos folhetos de cordel. Entre elas pode-se destacar a parcela, que possui versos de quatro e cinco sílabas, composta para ser cantada num ritmo veloz e seu objetivo era fazer o oponente errar a rima e perder a disputa. Outra modalidade é a quadra. Composta de quatro versos de sete sílabas, que foi uma das formas mais utilizadas nos primeiros tempos do cordel. A sextilha é composta por seis versos de sete sílabas. A forma mais comum da sextilha é aquela em que os versos pares rimam entre si e os versos ímpares são livres. A setilha é a modalidade em que as estrofes são formadas por sete versos de sete sílabas. Oitava ou quadrão é a estrofe de oito versos de sete sílabas. Décima é uma modalidade em que o poema é composto de estrofes de dez versos de sete sílabas. Martelo agalopado é a modalidade em que a estrofe possui dez versos de onze sílabas.

Houve um período, nos primórdios da literatura de cordel nordestina, em que múltiplas formas poéticas disputaram a primazia. No início do século XX as formas prediletas de composição eram as sextilhas de sete sílabas no formato ABCBDB e as setilhas, também de sete sílabas no formato ABCBDDDB. Nas cantorias e desafios, para demonstrar habilidade e com o objetivo de derrotar o oponente, surgiram outras formas de composição. Foi neste contexto da cultura oral que parte das composições passou a ganhar forma impressa, mantendo ainda fortes marcas da oralidade.

Galvão observa que formas de literatura semelhantes ao cordel nordestino podem ser encontradas em diversas partes do mundo, como a literatura de *colportage* na França, os *pliegos sueltos* na Espanha, os *chapbook* na Inglaterra, o *corrido* no México e Peru, as *hojas* ou *pliegos sueltos* na Argentina e a literatura de cordel em Portugal¹⁴.

Maria Grillo acredita que a literatura de cordel nordestina chegou juntamente com a colonização portuguesa, mas aos poucos adquiriu uma existência autônoma. Reis, rainhas, nobres e heróis foram dando lugar a personagens locais. A autora destaca a origem pobre dos primeiros cordelistas, muitos dos quais aprenderam a ler por conta própria, e mesmo assim chegaram a viver dos versos de cordel e da sua venda¹⁵.

Estudiosos do tema, como Câmara Cascudo e Sílvio Romero, afirmam que a origem da literatura de cordel nordestina está relacionada diretamente à literatura de cordel portuguesa, principalmente porque várias dessas obras circularam no Brasil, como *Imperatriz Porcina*, *Princesa Magalona*, *Imperador Carlos Magno*, *A História da Donzela Teodora*, *Carlos Magno e os doze pares de França*, etc.

No entanto, a filiação direta entre o cordel português e o folheto brasileiro não é consenso entre os autores. Alguns estudiosos associam as origens da literatura de folhetos brasileira principalmente a formas de poesia oral já existentes no nordeste brasileiro, como as pelepas e desafios ou mesmo com outras formas de expressão oral características das sociedades colonial e oitocentista brasileiras.¹⁶

Em trabalho pioneiro sobre o nascimento da literatura de cordel do Nordeste, Ruth Terra¹⁷ elaborou uma extensa pesquisa sobre o momento de surgimento e consolidação da literatura de folhetos no Nordeste brasileiro. A autora afirma, com base no depoimento dos próprios poetas cordelistas, que o primeiro folheto de literatura de cordel impresso no Nordeste apareceu em 1893, embora o livreto mais antigo que ela conseguiu localizar seja de

¹⁴ GALVÃO, Ana. Cordel: leitores e ouvintes. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 28-29.

¹⁵ GRILLO, Maria Ângela de Faria. Os folhetos nordestinos: literatura e história. XXVII Simpósio Nacional De História: Conhecimento histórico e diálogo social. 2013, p. 1. (Apresentação de Trabalho/Simpósio).

¹⁶ GALVÃO, op. cit., p. 30.

¹⁷ A dissertação de mestrado defendida pela autora foi publicada com o título Memória de lutas: literatura de folhetos do Nordeste. São Paulo: Global, 1983.

1904. Segundo Terra, “entre o fim do século passado e 1918 ‘inventou-se’ uma literatura. A partir dos anos 20 selecionou-se um ‘corpus’ de folhetos reeditáveis, constituído sobretudo por romances, mas também por algumas pelepas e poemas de época”¹⁸.

Terra relata que nos primórdios da literatura de cordel, a impressão dos folhetos ocorria em tipografias que realizavam a impressão de jornais, livros, materiais escolares, etc. Esse fato explica o uso de ilustrações semelhantes às que os jornais utilizavam, bem como a publicação de histórias em capítulos da mesma forma o que os jornais publicavam diversos folhetins¹⁹.

É importante destacar que já havia no Brasil, como notou Silvio Romero²⁰, desde meados do século XIX, uma intensa circulação de livros populares, e o aparecimento dos folhetos de cordel se insere nesta trajetória.

De acordo com Luyten algo que diferencia a literatura de cordel de outras expressões da literatura popular é que são os próprios autores que imprimem suas produções. Isso só foi possível porque alguns deles tiveram acesso às técnicas e equipamentos de imprensa necessários. "A literatura de cordel é uma demonstração contínua de como se pode imprimir algo a custo mínimo".²¹ Mas isso não ocorre porque a única forma do povo se exprimir seja simples e sim porque é o que os seus recursos permitem. Se os recursos permitissem mais, certamente usariam materiais mais caros na confecção dos folhetos.

Devido ao sucesso das vendas de folhetos, foram surgindo tipografias próprias para a publicação do cordel. A primeira tipografia propriedade de um poeta popular foi a de João Martins de Athayde, que funcionou de 1909 até 1949. A partir de Athayde, houve a passagem

¹⁸ TERRA, Ruth. Memória de lutas: primórdios da literatura de folhetos do Nordeste (1893-1930). 1978. 191 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1978, p. 16.

¹⁹ Ibid., p. 3.

²⁰ ROMERO, Silvio. Estudos sobre a poesia popular do Brasil. Petrópolis: Vozes, 1977. Apud GALVÃO, op. cit., p. 29.

²¹ LUYTEN, Joseph M. O que é literatura popular? São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 40,

de autores proprietários, que produziam, imprimiam e vendiam suas obras, para editores proprietários, e as obras passaram a não trazer mais o nome do autor. Outra mudança, a partir da década de 1920, foi referente à ilustração das capas, que passou a ser feita com clichês de cartões postais e só posteriormente com xilogravuras.

Terra procura explicar o aparecimento de uma literatura popular impressa, bem como a formação de um público para essa literatura, num período em que a maior parte da população nordestina, sobretudo a rural, era analfabeta. Para isso recorre a Antônio Cândido, segundo o qual houve no Brasil o desenvolvimento de uma literatura sem leitores. Para a autora é possível dizer que o “aparecimento da literatura popular impressa foi possível por ser difundida junto a um público de auditores; o fato das estórias de folhetos serem escritas em verso facilitava sua memorização pelos ouvintes”.²² Pode-se constatar que o grande público comprava os folhetos, uma vez que as reedições se sucediam.

A partir de um “corpus” documental de mais de 300 folhetos escritos entre o final do século XIX e 1930, Terra procura traçar uma unidade dessa produção literária. Para tanto, a autora analisa o processo de produção e distribuição dos folhetos, bem como os poetas e suas trajetórias inseridas num contexto de transformações econômicas, conflitos sociais, disputas políticas, quebra de costumes e tradições. Foi neste ambiente que teria nascido a “literatura de folhetos do Nordeste, escrita por homens pobres, atentos àquela realidade, que repercutirá na temática dos folhetos então produzidos”²³.

²² TERRA, Ruth. *Memória de lutas: primórdios da literatura de folhetos do Nordeste (1893-1930)*. 1978. 191 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1978, p 18.

²³ TERRA, Ruth. *Memória de lutas: literatura de folhetos do Nordeste*. São Paulo: Global, 1983. Apud IUMATTI, Paulo Teixeira. *História e folhetos de cordel: caminhos para a continuidade de um diálogo interdisciplinar*. *Escritural. Écritures d'Amérique Latine*, v. 6, 2012, p. 3.

Márcia Abreu²⁴ realizou estudo que tinha por objetivo confrontar essas duas produções frequentemente associadas: a literatura de cordel portuguesa e a literatura de folhetos – posteriormente chamada de cordel - do Nordeste brasileiro. Segundo a pesquisadora, "a primeira tem sido apresentada como fonte, origem ou uma atriz principal da segunda"²⁵, e essa origem ibérica foi afirmada sem que fosse feita uma confrontação entre as duas produções.

Ao analisar a literatura de cordel portuguesa, uma das maiores dificuldades para Abreu foi defini-la. Segundo ela "as características físicas dos folhetos, aliadas à maneira de vendê-los, têm sido os atributos mais recorrentes ao se tentar uma definição"²⁶.

A autora aponta que uma dificuldade para a conceituação do cordel português é que não há qualquer constância em relação ao gênero e a forma. A literatura de cordel portuguesa abarca uma grande quantidade de formas como autos, novelas, farsas, contos fantásticos, peças teatrais, sátiras, notícias, além de poder ser escrita em prosa, verso ou forma de peça teatral. Para Abreu, a única coisa que unifica a produção chamada de literatura de cordel portuguesa é a questão editorial. Portanto, a chamada literatura de cordel seria uma fórmula editorial que permitiu a divulgação de textos de origens e gêneros variados para amplos setores da população. Essa mesma fórmula editorial teria sido adotada em outros países. As principais obras publicadas no formato de literatura de cordel portuguesa possuem uma origem na cultura letrada e depois foram adaptadas visando à publicação no formato do cordel²⁷.

²⁴ ABREU, Márcia. *Histórias de Cordéis e Folhetos*. São Paulo: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 2006.

²⁵ *Ibid.*, p. 15.

²⁶ *Ibid.*, p. 17.

²⁷ *Ibid.*, p. 23.

Abreu constatou que textos editados no formato de literatura de cordel chegaram ao Brasil.²⁸ Os títulos de cordéis que mais atravessaram o Atlântico foram: *Carlos Magno, Bertoldo, Bertoldinho e Cacasseno, Entremezes e Comédias, Belizário, Magalona, D. Pedro, Imperatriz Porcina, Donzela Teodora e Roberto do Diabo*. Segundo a autora, algo que pode confundir o estudo sobre origem dos folhetos nordestinos é o fato de que muitos desses cordéis portugueses tiveram versões ou reedições produzidas no Brasil. Porém, isso não é suficiente para conferir uma origem lusitana aos cordéis nordestinos, pois até 1930, quando a literatura de folhetos já estava consolidada, apenas três versões de cordéis portugueses conheceram versões nordestinas.

Diversas são as explicações sobre o porquê de a literatura de cordel ter se desenvolvido quase que exclusivamente no Nordeste brasileiro. A mais plausível parece ser a que associa o surgimento dessa literatura ao ambiente de oralidade e a existência de uma longa tradição de poetas populares e cantadores.

Segundo Abreu as características fundamentais da literatura de cordel ou folhetos nordestinos constituíram-se entre o final do século XIX e os últimos anos da década de 1920, chegando-se a uma forma "canônica".²⁹ Seu processo de definição está intimamente relacionado ao ambiente das cantorias nordestinas, espetáculos da cultura oral onde ocorrem apresentações de poemas de desafios. "Esses cantadores apresentavam-se nas casas grandes das fazendas ou em residências urbanas, em festejos privados ou em grandes festas públicas e feiras"³⁰.

Os temas ou motes mais apreciados eram os que cantavam e contavam a vida de bois fugidos, difíceis de serem capturados. Essa característica das cantorias está ligada ao fato de a pecuária ser a principal atividade econômica nordestina entre o século XVIII e XIX. A forma

²⁸ ABREU, Márcia. *Histórias de Cordéis e Folhetos*. São Paulo: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 2006, p. 49.

²⁹ *Ibid.*, p. 73.

³⁰ *Ibid.*, p. 75.

predominante nestas narrativas era a quadra com versos de sete sílabas. Para Abreu, esta foi uma contribuição portuguesa³¹. Mas esta forma não foi a que permaneceu nas composições nordestinas. No fim do século XIX, Silvino Pirauá de Lima começou a compor versos na forma de sextilhas. No contexto dos desafios ou pelepas havia possibilidade de compor seis versos ao invés de quatro, o que dava mais tempo e argumentação para responder às perguntas do oponente.

Em ensaio sobre os vaqueiros e cantadores, Câmara Cascudo³² faz um profundo estudo sobre as raízes da poesia oral do sertão nordestino. Segundo Cascudo, os principais temas da poesia tradicional sertaneja são relacionados ao ciclo do gado e ao ciclo heroico dos cangaceiros. "Surgem esses versos nos moldes mnemônicos dos ABC, nos versos, quadras, sextilhas e décimas, narrando a odisseia completa."³³ Temáticas satíricas ou amorosas somente teriam sido introduzidas posteriormente por homens letrados ou semiletrados.

Cascudo reconhece influência portuguesa nas cantorias, ao dizer que o "sertão recebeu e adaptou ao seu espírito as velhas histórias que encantaram os rudes colonos nos serões das aldeias minhotas e alentejanas"³⁴.

Cascudo conta que não há registro sobre as vaquejadas e apartações do Nordeste brasileiro em outras partes do Brasil, e que nesse ambiente os cantadores narravam em versos célebres vaquejadas, vaqueiros memoráveis, bois e cavalos valentes³⁵.

A cantoria sertaneja é composta por um conjunto de regras e normalmente são acompanhadas por um instrumento, como a rabeça ou a viola. As formas poéticas geralmente são as mesmas da literatura de cordel. Como as cantorias ocorriam em um ambiente rural e não eram registradas, a maior parte se perdeu. Leandro Gomes de Barros, Francisco Chagas

³¹ ABREU, Márcia. *Histórias de Cordéis e Folhetos*. São Paulo: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 2006, p. 49.

³² CASCUDO, Luis da Câmara. *Vaqueiros e cantadores*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1984.

³³ *Ibid.*, p. 19.

³⁴ *Ibid.*, p. 28.

³⁵ *Ibid.*, p. 106.

Batista e João Martins de Athayde publicaram muitos folhetos compostos inicialmente para serem apresentados nas cantorias.

De acordo com Abreu, na cultura oral as irregularidades constituem um problema, pois dificultam a memorização.

Em uma cultura oral a memória é um único recurso de conservação de produções intelectuais. Sabe-se que a regularidade é um auxiliar mnemônico poderoso; assim, a existência de um padrão para estrutura estrófica, rítmica e métrica é uma ferramenta fundamental. Os padrões fixos auxiliam fortemente a composição dos poemas, atuando como um arcabouço organizador da produção: quando não se pode contar com apoio do papel, quando não se pode revisar e reescrever, é mais operacional preencher uma estrutura já conhecida do que criar “livremente”³⁶.

Quando há recorrências e repetições, o trabalho de compreender e memorizar poemas torna-se mais fácil e intuitivo. Nas sociedades orais a tarefa de conservação não cabe só ao autor, mas a toda a comunidade. A regularidade das rimas e da métrica fornece pistas sobre o caminho que a composição segue, facilitando tanto o trabalho de quem compõe como o de quem ouve e precisa memorizá-la para depois transmiti-la a outros. "Numa cultura oral, o que não é memorizado desaparece, fazendo com que os poetas populares abram mão da ‘liberdade de criação’ em favor da regularidade."³⁷

Há controvérsias sobre qual teria sido o mais antigo folheto impresso. Leandro Gomes de Barros, em folheto de 1907 afirmava que escrevia há 18 anos.

Leitores peço desculpa
Se a obra não for de agrado
Sou um poeta sem força
O tempo tem me estragado
Escrevo a 18 anos
Tenho razão de estar cançado.³⁸

³⁶ ABREU, Márcia. Histórias de Cordéis e Folhetos. São Paulo: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 2006, p. 87-88.

³⁷ Ibid., p. 88.

³⁸ BARROS, Leandro Gomes. O dez réis do governo. Recife (PE, BR): Typ. Miranda, 1907. 16 p (p. 1-5).

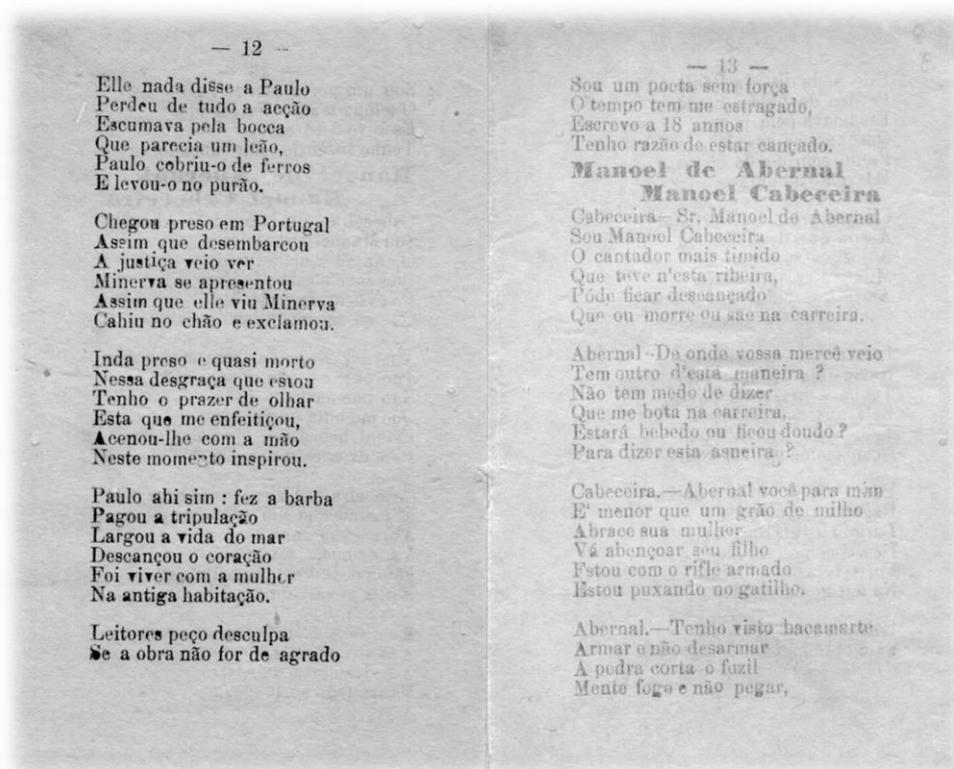


Imagem 1 - BARROS, Leandro Gomes. O Dezréis do governo. 1907.

Abreu³⁹ e Terra⁴⁰ afirmam que o primeiro folheto impresso de Leandro Gomes de Barros data de 1893. Segundo Abreu, ao menos vinte e três autores publicaram algum de seus poemas sob a forma de folhetos até 1930.⁴¹ A maioria deles tinha pouca ou nenhuma educação formal. Exerciam atividades profissionais como vendedores, agricultores, mascates. Alguns conseguiram viver da composição, edição, publicação e venda de folhetos. Para tanto era preciso que fossem residir em cidades mais povoadas ou nas capitais. Lá eles mandavam imprimir os primeiros folhetos em pequenas tipografias e os vendiam, geralmente em sua residência. Era muito comum nos folhetos desse período ser divulgado o endereço do autor na

³⁹ ABREU, Márcia. Histórias de Cordéis e Folhetos. São Paulo: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 2006, p. 92.

⁴⁰ TERRA, Ruth. Memória de lutas: primórdios da literatura de folhetos do Nordeste (1893-1930). 1978. 191 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1978, p. 31.

⁴¹ ABREU, op. cit., p. 92.

capa dos folhetos e eles também divulgavam que remetiam por correio a sua produção. Era muito comum também que revendedores distribuíssem seus folhetos nos lugares mais afastados, percorrendo fazenda ou povoados.

Os folhetos eram apreciados tanto pela população pobre analfabeta ou semianalfabeta, quanto pelas pessoas letradas das camadas médias rurais ou urbanas. Os revendedores de folhetos liam ou recitavam trechos dos poemas para despertar a curiosidade do público.

A sintonia entre autores, leitores e ouvintes era fundamental para aqueles que viviam de compor e vender folhetos. Os poetas não deveriam romper as regras formais nem fugir a temática conhecida, pois o público, numa cultura oral, é bastante resistente a novidades⁴².

Como não havia marcas claras que permitissem diferenciar um poeta de outro, é muito difícil determinar a autoria dos textos nesse período.

Nessa fase inicial da produção de folhetos, os autores que mais se destacaram foram Francisco das Chagas Batista e Leandro Gomes de Barros.

Eles foram os fixadores das normas de composição de folhetos que até hoje se seguem, abrindo todas as vias trilhadas posteriormente. Os grandes temas assim como as principais formas de versificação estão representados em suas poesias. Athayde teve, ainda, fundamental papel na definição das formas de edição. Nada disso impediu, entretanto, que seus folhetos fossem vendidos e apreciados, mesmo quando impresso sem indicação de autoria, ou sob o nome de outra pessoa.⁴³

De acordo com Grillo, a partir da biografia dos primeiros cordelistas e de suas trajetórias individuais, é possível compreender as influências que os levaram a criar novas formas de expressão⁴⁴. Vejamos a seguir um pouco da trajetória de dois dos cordelistas pioneiros, Leandro Gomes de Barros e Francisco das Chagas Batista e daquele que se tornou o principal editor de folhetos do período, João Martins de Athayde.

⁴² ABREU, Márcia. *Histórias de Cordéis e Folhetos*. São Paulo: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 2006, p. 96.

⁴³ *Ibid.*, p. 98.

⁴⁴ GRILLO, Maria Ângela de Faria. Os folhetos nordestinos: literatura e história. XXVII Simpósio Nacional De História: Conhecimento histórico e diálogo social. 2013. (Apresentação de Trabalho/Simpósio). 2013, p. 4.

Leandro Gomes de Barros, considerado um dos maiores poetas cordelistas, nasceu na Fazenda Melancia, em Pombal, interior da Paraíba, em 1865. Aos 11 anos de idade mudou-se para Vila de Teixeira, um reduto de grandes cantadores, o que pode ter contribuído para despertar o seu gosto pela poesia. De lá foi para Vitória de Santo Antão, em Pernambuco, onde deu início às suas publicações. Em 1908 mudou-se para Recife e passou a utilizar serviços de tipografias para publicação de seus romances e folhetos. É lá que passa a ser conhecido pelo grande público. No começo ele mesmo expunha e vendia sua produção na Estação Ferroviária, mas com o aumento das vendas, ele passou a contar com uma rede de distribuidores, mascates que vendiam seus folhetos por todo o Nordeste. Os folhetos chegaram a Manaus e Rio Branco.

Por volta de 1910, conseguiu se instalar como um editor independente a partir de sua Tipografia Perseverança, tornando-se o primeiro cordelista a ter uma produção regular, conseguindo sobreviver apenas da venda de seus folhetos.⁴⁵

Mesmo com o relativo sucesso, Leandro Gomes de Barros continuou vendendo seus folhetos no Mercado de São José. Era uma forma de saber se eles estavam sendo bem aceitos, de saber a reação do público, saber se as obras deveriam ter continuidade, serem reimpressas ou para ter uma noção sobre os temas dos próximos folhetos. Leandro Gomes de Barros vendia seus folhetos nas ruas do Recife e nas estações de trem. Ele vendia também nas casas onde residiu, aviso que sempre era trazido em seus folhetos. Além de vender pessoalmente, Leandro contava com agentes revendedores em diversas cidades, como Pesqueira, Jaboatão, Guarabira, Pombal, Caruaru, Rio Branco e Manaus⁴⁶.

Por conta do sucesso de suas publicações, muitos passaram a copiar e revender seus folhetos. Por causa disso, era comum em suas publicações avisos aos leitores sobre a autoria

⁴⁵ GRILLO, Maria Ângela de Faria. Os folhetos nordestinos: literatura e história. XXVII Simpósio Nacional De História: Conhecimento histórico e diálogo social. 2013. (Apresentação de Trabalho/Simpósio). 2013, p. 5.

⁴⁶ TERRA, Ruth. Memória de lutas: primórdios da literatura de folhetos do Nordeste (1893-1930). 1978. 191 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1978, p. 13.

de suas obras. Outra estratégia adotada por Barros foi publicar uma foto sua nas obras. Fez também o uso de acrósticos com seu nome, para comprovar sua autoria.

Numa época em que o analfabetismo era generalizado, Leandro Gomes de Barros conseguiu sobreviver com a venda de sua obra. Milhares de folhetos foram reeditados e distribuídos por todo o nordeste e até mesmo para outros estados. Depois de seu falecimento, em 1918, os direitos de sua obra ficaram a cargo de seu genro, o livreiro Pedro Batista. Após 1921, a viúva de Leandro Gomes de Barros vende os direitos de sua obra ao poeta e editor João Martins de Athayde. Para Grillo, Leandro Gomes de Barros foi o responsável por estabelecer o mercado consumidor para a produção de folhetos de cordel.⁴⁷ Ele também teria sido responsável por estabelecer as primeiras regras e formas que nortearam a produção dos folhetos, assim como pelo estabelecimento da autoria aos poemas, que por fazerem parte de uma tradição oral, eram de difícil identificação.

Francisco das Chagas Batista nasceu em 1880, no Sítio Riacho Verde, Vila do Teixeira, Paraíba. Mudou-se para Campina Grande aos 20 anos de idade. Foi nessa época que aprendeu a ler. Trabalhou como operário e começou a escrever e publicar seus primeiros folhetos aos 22 anos de idade. Viajou pelo sertão nordestino vendendo folhetos. Em 1909, casou-se com sua prima Ugolina Nunes da Costa, filha de seu tio Ugolino Nunes da Costa, um renomado cantador. Em 1913, mudou-se para João Pessoa, onde criou a Popular Editora, para publicação de seus folhetos e de outros poetas. A sua atividade principal era a impressão de folhetos, porém consta que imprimiu cerca de 10 livros de prateleira. Além disso, imprimia faturas, envelopes, cartas, cartões de visita, anúncios, rótulos, etc.⁴⁸ Sua editora foi um importante centro de distribuição dos folhetos de cordel. Histórias de Antonio Silvino,

⁴⁷ GRILLO, Maria Ângela de Faria. Os folhetos nordestinos: literatura e história. XXVII Simpósio Nacional De História: Conhecimento histórico e diálogo social. 2013. (Apresentação de Trabalho/Simpósio). 2013, p. 13.

⁴⁸ TERRA, Ruth. Memória de lutas: primórdios da literatura de folhetos do Nordeste (1893-1930). 1978. 191 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1978, p. 7.

Lampião e outros cangaceiros nordestinos eram as mais vendidas. Uma estratégia que lhe trouxe sucesso e reedições para suas obras era narrar as histórias de cangaceiros em primeira pessoa e no fim dos livretos anunciar a continuidade das histórias e novos folhetos em novas edições.

João Martins de Athayde nasceu em 1880, no município de Ingá do Bacamarte, Paraíba. Trabalhou como vendedor e aprendeu a ler por conta própria. Depois de se estabelecer no Recife, em 1909, trabalhando em diversas profissões como auxiliar de enfermeiro e operário, conseguiu montar uma pequena tipografia, e em pouco tempo conseguiu viver somente da publicação de folhetos. Conheceu o poeta Leandro Gomes de Barros, que se tornara seu amigo e compadre, e depois da morte dele, comprou os direitos autorais de sua obra em 1921.

Todos os folhetos que publicava em sua tipografia, levavam seu nome, mesmo que não fossem de sua autoria. Esta era uma forma de preservar os direitos da propriedade literária, muito comum nas primeiras décadas das publicações de folhetos.

Em 1949 Athayde sofreu um acidente vascular cerebral, que o fez se afastar das atividades de editor. Ele vendeu os direitos de sua obra e das demais que possuía, incluindo a de Leandro Gomes de Barros, para João Bernardo da Silva, de Juazeiro do Norte, Ceará, vindo a falecer em 1959. Atualmente os direitos sobre sua obra pertencem à Academia Brasileira de Literatura de Cordel.

Esses poetas pioneiros do cordel tiveram uma produção monumental de milhares de títulos e certamente venderam mais do que muitos escritores consagrados jamais sonharam.

Esses três poetas constituem o verdadeiro tripé da literatura de cordel, pois, ao mesmo tempo em que produziam folhetos de excelente qualidade, confirmando de um certo modo o gosto do público, também eram proprietários de sua própria obra e de editoras muito importantes no mercado de folhetos.⁴⁹

⁴⁹ GRILLO, Maria Ângela de Faria. Os folhetos nordestinos: literatura e história. XXVII Simpósio Nacional De História: Conhecimento histórico e diálogo social. 2013. (Apresentação de Trabalho/Simpósio). 2013, p. 15.

Tornou-se comum os autores dos folhetos imprimirem seus nomes, seus retratos, fazer acróstico ou até mesmo publicar avisos sobre possíveis fraudes na publicação dos folhetos. Apesar de haver a noção de autoria em relação aos primeiros folhetos, ela era bem diferente da atualidade. Um editor de folhetos poderia comprar os direitos de um poeta e simplesmente suprimir seu nome da publicação.

O primeiro a sistematizar a publicação de folhetos foi João Martins de Athayde. Ele vinculou a produção de folhetos a um número determinado de páginas, sempre múltiplo de 4, pois os folhetos são compostos em papel jornal dobrado ao meio duas vezes. Por isso os folhetos tinham 8, 16, 24, 32, e em alguns casos 64 páginas⁵⁰.

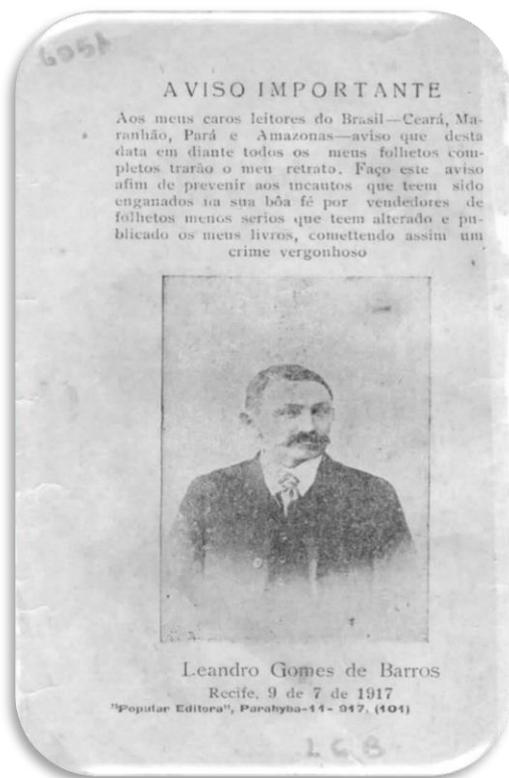


Imagem 2 – BARROS, Leandro Gomes de. As cousas mudadas: Historia de João da Cruz: 4º volume. [S.l.]: Typ. Moderna, 1917. Barros publica aviso de que dali em diante os folhetos de sua autoria trarão um retrato seu.

⁵⁰ ABREU, Márcia. Histórias de Cordéis e Folhetos. São Paulo: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 2006, p. 103.

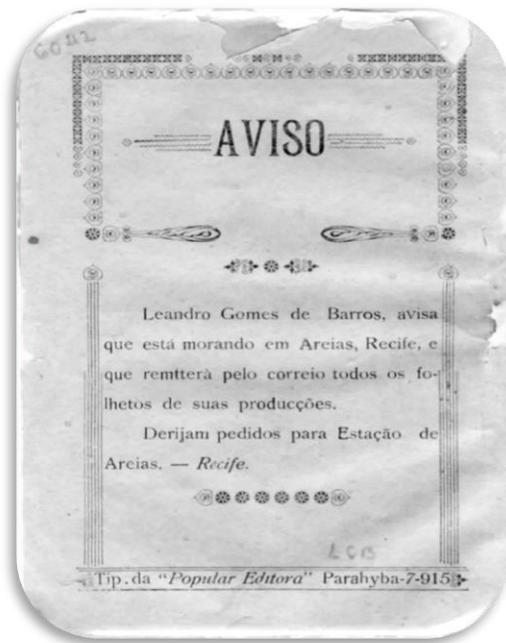


Imagem 3 – BARROS, Leandro Gomes de. Os homens da mandioca. Paraíba: Popular Editora, 1915. Neste folheto, o autor divulga seu endereço para que os possíveis compradores de suas obras pudessem fazer pedidos.

Assim, entre o final do século XIX e os anos 20, a literatura de folhetos consolida-se: definem-se as características gráficas, o processo de composição, edição e comercialização e constitui-se um público para essa literatura. Nada nesse processo parece lembrar a literatura de cordel portuguesa. Aqui, havia autores que viviam de compor e vender versos; lá, existiam adaptadores de textos de sucesso. Aqui, os autores e parcela significativa do público pertenciam às camadas populares; lá, os textos dirigiam-se ao conjunto da sociedade. Aqui, os folhetos guardavam fortes vínculos com a tradição oral, no interior da qual criaram sua maneira de fazer versos; lá, as matrizes das quais se extraíam os cordéis pertenciam, de longa data, à cultura escrita. Aqui, boa parte dos folhetos tematizavam o cotidiano nordestino; lá, interessavam mais as vidas de nobres e cavaleiros. Aqui, os poetas eram proprietários de sua obra, podendo vender a editores, que por sua vez também eram autores de folhetos; lá, os editores trabalhavam fundamentalmente com obras de domínio público⁵¹.

Uma importante diferença destacada por Abreu entre a literatura de cordel portuguesa e os folhetos nordestinos reside no texto. "Os folhetos nordestinos possuem características próprias que permitem a definição clara do que seja esta forma literária."⁵²

Os folhetos nordestinos possuem regras rígidas quanto à rima, métrica e estruturação do texto que devem ser conhecidas pelos autores e pelo público. Em Portugal, não havia tal uniformidade. A principal característica da literatura de folhetos nordestina não está relacionada, portanto, aos assuntos e temas, mas à forma.

⁵¹ ABREU, Márcia. Histórias de Cordéis e Folhetos. São Paulo: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 2006, p. 104.

⁵² Ibid., p. 104.

Analisando as traduções e versões de *A Donzela Teodora*, Cascudo nota que a originalidade da versão sertaneja são os versos, enquanto todas as versões europeias são em prosa.⁵³ A mesma característica é notada nas versões de *A Princesa Magalona*.

A rima é utilizada para facilitar a memorização, mas não deve ser qualquer tipo de rima. Ela deve ser consonantal. Para as rimas serem perfeitas não se pode empregar palavras que não tenham relação com o tema tratado. Ou seja, não se pode forçar a rima. As palavras devem referir-se ao mesmo universo temático.

Os tipos de rimas mais utilizados na literatura de cordel são compostos por versos de sete sílabas: as sextilhas com rima ABCBDB, setilhas em ABCBDDDB e décimas em ABBAACCCDDC. Quanto aos aspectos gráficos dos folhetos, eles devem ter entre 8 e 64 páginas. Considera-se folheto a brochura de 8 a 16 páginas e romance entre 24 e 64 páginas. Os primeiros servem para composição de notícias, acontecimentos e pelejas; os segundos são reservados as narrativas ficcionais.

Além da construção dos versos, da metrificação e da rima, é preciso que o texto seja coerente e possua unidade narrativa. A história deve se desenrolar de forma clara. Deve ter um início, um desenvolvimento e uma conclusão. Os folhetos sempre trazem no início um resumo da história, descrevendo de forma sucinta os personagens e a trama central. Os poetas buscam compor uma história desembaraçada. Normalmente não se constroem tramas paralelas; não há descrição detalhada de ambientes, estado de espírito, fisionomias, paisagens. Qualquer elemento que possa se desviar do fluxo central da narrativa deve ser excluído.

Estas regras, ao invés de amarras, são na verdade instrumento para criação; a qualidade do poema depende da habilidade com que o poeta os maneja, da proficiência com que compõem versos e narrativas sempre calcados em estruturas tradicionais. Novidade e repetição, individualidade e tradição constituem o espaço no qual o poeta se move. Diferentemente do que ocorre na cultura letrada moderna, não se empreendem esforços no sentido de romper fórmulas padronizadas, seja na construção de versos e rimas, seja na estruturação do enredo⁵⁴.

⁵³ CASCUDO, Luis da Câmara. Vaqueiros e cantadores. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1984, p. 31.

⁵⁴ ABREU, Márcia. Histórias de Cordéis e Folhetos. São Paulo: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 2006, p. 117.

A literatura de cordel nordestina surgiu e circulou no ambiente oral onde grande parte do seu público não era capaz de decifrar os sinais gráficos e as convenções da escrita. A necessidade de regras para a elaboração de folhetos está ligada ao ambiente oral em que surgiu e à necessidade de memorização. Segundo Abreu, a literatura de cordel nordestina possui diversos aspectos formais, o que não se verifica na literatura de cordel portuguesa.⁵⁵ Por outro lado, várias dessas características, como a composição das estrofes e as rimas do cordel nordestino, já existiam nas cantorias orais anteriores ao século XIX.

A vida nordestina parece ser o palco e a fonte dos folhetos. Embora não haja restrições temáticas, essa produção sempre esteve fortemente calcada na realidade social na qual se inserem os poetas e seu público, desde as primeiras produções. Mais da metade dos folhetos impressos nos primeiros anos continha ‘poemas de época’ ou ‘poemas de acontecido’, que tinham como foco central o cangaceirismo, os impostos, os fiscais, o custo de vida, os baixos salários, a secas, a exploração dos trabalhadores⁵⁶.

Abreu observa que mesmo nas adaptações da literatura de cordel portuguesa para os folhetos nordestinos as questões sociais econômicas passam a aparecer.⁵⁷ Então por que, mesmo diante de tantas evidências, ainda persiste no senso comum a ideia de que os folhetos nordestinos são derivados para literatura de cordel portuguesa? Abreu diz que essa ideia persiste por conta do imaginário do mito do colonizador, segundo o qual, por ser superior, teria sido capaz de impor a sua cultura, língua, religião, etc⁵⁸.

Uma visão eurocêntrica, menos ou mais presente, faz com que só se consiga conceber a criação de novas formas – sejam elas literárias, políticas, de comportamento, ou outras quaisquer – partindo dos grandes centros europeus. Homens pobres, com pouco ou nenhuma instrução formal, vivendo fora dos grandes centros intelectuais, não poderiam ter sido capazes de criar uma forma poética; ela tem que ser fruto de cópia ou de adaptação de um modelo preestabelecido. Confunde-se poder político e econômico com capacidade criadora⁵⁹.

⁵⁵ ABREU, Márcia. *Histórias de Cordéis e Folhetos*. São Paulo: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 2006, p. 119.

⁵⁶ *Ibid.*, p. 119.

⁵⁷ *Ibid.*, p. 121.

⁵⁸ *Ibid.*, p. 125.

⁵⁹ *Ibid.*, p. 126.

Diversos estudiosos da literatura de cordel como Marlyse Meyer⁶⁰ e Liêdo Souza⁶¹ classificam os folhetos de cordel como romances ou folhetos. No primeiro grupo estariam os contos populares, tradições religiosas, animais encantados, romances de amor, de sofrimento, de lutas, de príncipes, reinos encantados; geralmente se passam em lugares distantes, imprecisos ou fictícios, longe do cotidiano do leitor-ouvinte. No segundo grupo estariam os folhetos de peleja, discussões, acontecido, época, eras, corrupção, profecias, gracejo, bravuras, valentias, ABC, Padre Cícero, Lampião, Antonio Silvino, safadezas, política, propaganda, dentre outros.

Para o brasilianista Mark Curran, os folhetos tinham a função de comunicar e informar sobre acontecimentos locais, nacionais ou mundiais, uma vez que no período em que eles apareceram a circulação de notícias era escassa e o analfabetismo predominava.⁶² Os folhetos do gênero acontecido representam uma vasta documentação sobre mais de um século História do Brasil. O cordel como crônica poética e história popular é a narração em versos do "poeta do Povo" no seu meio, "ou Jornal do Povo". Para Curran a literatura de cordel narra a história de uma perspectiva popular e por isso "o Cordel é o documento popular mais completo do nordeste brasileiro".⁶³

Na presente dissertação, adota-se a perspectiva de que a literatura de cordel como um todo, e os folhetos de acontecido em particular, podem ser trabalhados no ensino de História como documento histórico privilegiado para se cotejar as versões tradicionais estabelecidas sobre a História do Brasil durante a Primeira República com versões populares. Para tanto, o trabalho com os folhetos deve ser feito com metodologias próprias que serão abordadas nos próximos capítulos.

⁶⁰ MEYER, Marlyse. Autores de cordel. São Paulo: Abril Cultural, 1908. Apud GALVÃO, Ana. Cordel: leitores e ouvintes. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 37.

⁶¹ SOUZA, Liêdo. Classificação popular da literatura de cordel. Petrópolis: Vozes, 1976. Apud GALVÃO, Ana. Cordel: leitores e ouvintes. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 37.

⁶² CURRAN, Mark. História do Brasil em cordel. São Paulo: Edusp, 2003, p. 20.

⁶³ Ibid., p. 20.

2 A LITERATURA DE CORDEL NA SALA DE AULA

2.1 LITERATURA E ENSINO DE HISTÓRIA

Ao longo do século XX, a historiografia e a teoria da História passaram por grandes transformações. O recurso à interdisciplinaridade se consolidou e houve uma ampliação do que pode ser compreendido como fonte histórica⁶⁴. Novos temas de pesquisa foram incorporados e se aprofundou a contribuição interdisciplinar à História. “Temas como morte, doença, alimentação, sexualidade, família, loucura, bruxaria, mulher, clima, etc., são estudados à luz das diferentes áreas do conhecimento”⁶⁵.

No Brasil, há mais de três décadas, desde o trabalho seminal de Nicolau Sevcenko⁶⁶, que a literatura vem ganhando espaço entre as preocupações e trabalhos dos historiadores e as obras literárias passaram a ser vistas como fonte privilegiada para as pesquisas historiográficas. Para Sevcenko, a literatura é um produto artístico que tem suas raízes no contexto social em que ela foi produzida, e que, portanto, tem muito a dizer sobre a História. O texto ficcional pode contribuir para a compreensão da realidade de uma época a partir da verossimilhança, isto é, não pelo que de fato ocorreu, mas pela sua plausibilidade.

Antonio Candido define literatura, de uma maneira ampla, como “todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações”⁶⁷. Para ele, todos os povos e sociedades necessitam “entrar em contacto com alguma espécie de fabulação” e a “criação

⁶⁴ FUNARI, Pedro Paulo Abreu; SILVA, Gláydison José da. Teoria da História. São Paulo: Brasiliense, 2008. v. 1.

⁶⁵ Ibid., p 71.

⁶⁶ SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

⁶⁷ CÂNDIDO, Antônio. “O direito à Literatura”. In: _____. Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1999, p. 174.

ficcional ou poética (...), está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito, como anedota, caso, história em quadrinhos, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco"⁶⁸.

Antonio Candido defende que a literatura é uma das mais ricas e complexas manifestações da cultura humana e que

tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominante⁶⁹.

No início do século XXI, tem continuidade o processo de renovação das metodologias do ensino de História que se iniciou nos anos 80. “Houve uma ampliação dos objetos de estudo, dos temas, dos problemas, das fontes históricas utilizadas em sala de aula”⁷⁰. Segundo Guimarães, uma das principais discussões na área da metodologia do ensino de História está ligada à utilização de diferentes fontes e linguagens na disciplina de História. Esse processo requer dos historiadores e professores um maior conhecimento acerca dessas diferentes linguagens. O aprendizado em História ocorre não apenas através das aulas e livros didáticos. O contato com a História ocorre ao longo da vida do educando e através de diversos canais e experiências fora da escola, como por exemplo, através da *internet*, do cinema, da literatura, da TV, dentre outros. Incorporar outras linguagens ao ensino de História significa aproximar a História apreendida na escola da História apreendida ao longo da vida. A

⁶⁸ CÂNDIDO, Antônio. “O direito à Literatura”. In: _____. Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1999, p. 174.

⁶⁹ Ibid., p. 175

⁷⁰ GUIMARÃES, Selva. Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados. Campinas, SP: Papirus, 2003. p. 243.

pesquisadora propõe uma permanente atualização das metodologias do ensino, bem como a incorporação de diferentes fontes em sala de aula⁷¹.

De acordo com Guimarães

O historiador adota em relação aos fatos, quando procura reconstruir um passado desaparecido, uma perspectiva que é a da ficção, pois as características que fazem surgir um relato e que nos permitem acompanhá-lo seriam análogas às da compreensão histórica, e nessa medida importa conhecer fronteiras da narrativa⁷².

A autora vê, portanto, uma proximidade entre o discurso histórico e o literário, ressaltando também as suas especificidades.

O discurso histórico visa explicar o real por meio de um diálogo que se dá entre o historiador e os testemunhos, os documentos, que evidenciam o acontecido. Com base nesse diálogo o pesquisador explicita o real em movimento, a dinâmica, as contradições, as mudanças e as permanências. A obra literária não tem o compromisso, nem a preocupação de explicar o real, nem tampouco de comprovar os fatos⁷³.

Os textos literários podem fornecer pistas sobre o modo de viver, agir e pensar de pessoas de uma determinada época. Podem ajudar na compreensão de seus hábitos, costumes, crenças, tradições. Neste sentido, o texto literário é uma importante fonte histórica. Cabe, pois, ao professor o papel de fazer a distinção entre História e ficção, respeitando os limites entre ambas. O trabalho com literatura pode ser uma forma de transpor as fronteiras entre as disciplinas, ampliar o universo cultural e a compreensão de mundo dos alunos⁷⁴.

A literatura é uma construção social e ao problematizá-la pode-se reconstituir a identidade social de um povo de uma determinada época. Guimarães não cita explicitamente o uso da literatura de cordel como parte das metodologias para o ensino de História, mas sugere tanto o uso da literatura quanto da poesia, pois são dimensões da vida humana e de sua

⁷¹ GUIMARÃES, Selva. Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados. Campinas, SP: Papyrus, 2003, p. 164.

⁷² Ibid., p. 165.

⁷³ Ibid., p. 164.

⁷⁴ Ibid., p. 166.

historicidade. A escola é um dos espaços onde a vida se desenvolve e não pode deixar de lado essas dimensões⁷⁵.

Segundo Bittencourt "os documentos escritos são os mais comuns e os que tradicionalmente têm sido usados por historiadores e professores em suas aulas de História"⁷⁶. O uso de textos literários na disciplina de História faz parte de uma longa tradição escolar, que remonta ao período onde predominava o currículo humanístico⁷⁷.

Por conta de suas especificidades, o trabalho com literatura pode ser interdisciplinar. Para além de desenvolver o gosto pela leitura, a utilização da literatura no ensino de História pode contribuir para "análises mais profundas e para o estabelecimento de relações entre conteúdo e forma"⁷⁸.

Partindo das contribuições de Mikhail Bakhtin e Carlo Ginzburg para análise dos textos literários, Bittencourt diz que é possível, a partir da produção literária, dar sentido à vida cultural de homens e mulheres de outras épocas e lugares, e em diferentes épocas, novas interpretações podem surgir, diferentes leituras podem ser feitas. Para Bittencourt, no ensino de História, os textos literários podem ser lidos como documentos de época cujos autores estão inseridos em um determinado contexto histórico, utilizando referências e influências do seu tempo⁷⁹.

2.2 LITERATURA DE CORDEL E ENSINO

⁷⁵ GUIMARÃES, Selva. Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados. Campinas, SP: Papirus, 2003, p. 174.

⁷⁶ BITTENCOURT, Circe. Ensino de História: fundamentos e métodos. 3ª. ed. São Paulo: Cortez, 2009, p. 335.

⁷⁷ Ibid., p. 338.

⁷⁸ Ibid., p. 340.

⁷⁹ Ibid., p. 341.

No âmbito da Educação Básica, a literatura de cordel tem sido valorizada como um recurso didático em diversas disciplinas, desde o letramento até em disciplinas que costumam não dar tanta ênfase ao uso da literatura. Os próprios poetas cordelistas também se voltaram para projetos de divulgação de folhetos de cordel nas escolas. Um exemplo é o projeto “Acorda Cordel na sala de aula”, do cordelista cearense Arievaldo Viana Lima. Este projeto, que existe há quase vinte anos, propõe a “revitalização do gênero e sua utilização como ferramenta paradidática na alfabetização de crianças, jovens e adultos e também nas classes do Ensino Fundamental e Ensino Médio”⁸⁰. Lima elaborou uma caixa contendo 12 folhetos de diferentes autores, acompanhada do livro *Acorda Cordel na Sala de Aula* e de um CD com 10 poemas e canções interpretados por ele e outros cantadores. O livro informa sobre as origens da literatura de cordel, seus temas, suas formas e traz um Curso Prático de Literatura de Cordel, contendo dicas para os educadores, sobre como utilizar os folhetos na sala de aula.

Após o lançamento do livro, em abril de 2006, o projeto correu mundo... Foram centenas de palestras, oficinas e apresentações Brasil afora. Esse “kit” vem sendo adquirido por secretarias de educação, escolas, bibliotecas ou por iniciativa dos próprios educadores, de várias regiões do Brasil, inclusive através de pedidos por telefone ou pela internet. Aliás, desde o ano de 2000 o projeto vem sendo amplamente divulgado nas escolas através de aulas, oficinas, palestras, simpósios e estudos a partir da linguagem e informações diversas contidas nos folhetos. Além de estimular o hábito da leitura, estudantes de qualquer faixa etária estão em contato com uma legítima expressão da cultura popular brasileira⁸¹.

Marinho e Pinheiro⁸² apontam que a literatura de cordel vem sendo empregada já faz algum tempo no âmbito do ensino. No entanto, acreditam que é preciso efetivar o uso da literatura de cordel tendo em vista a formação de leitores.

Acreditamos que a literatura de cordel ou de folhetos deve ter um espaço na escola, nos níveis fundamental e médio, levando em conta as especificidades desse tipo de produção artística. Considerá-la apenas como uma ferramenta que pode contribuir com a assimilação de conteúdos disseminados nas mais variadas disciplinas

⁸⁰ LIMA, Arievaldo Viana. Cordel: da feira à sala de aula. In: MENDONÇA, Rosa Helena (org.). *Literatura de Cordel e Escola*. Salto para o Futuro, Ano XX, boletim 16, outubro, 2010, p. 21.

⁸¹ *Ibid.*, p. 21.

⁸² MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. *O cordel no cotidiano escolar*. São Paulo: Cortez, 2012.

(história, geografia, matemática, língua portuguesa) não nos parece uma atitude que contribua para a construção de uma significativa experiência de leitura de folhetos⁸³.

A perspectiva da obra *O cordel no cotidiano escolar* é levar os folhetos para sala de aula no intuito de formar leitores e não poetas. Seus autores acreditam que o uso da literatura de cordel na escola não deve ser feito somente no sentido de "cordelizar" conteúdos escolares⁸⁴. O trabalho com a literatura popular exige do professor uma atitude receptiva que procure "apreender-lhe os sentidos e não interpretá-la de modo redutor"⁸⁵.

Uma prática pedagógica que lança mão da literatura de cordel apenas como fonte de informação (pesquisas sobre fatos históricos, sobre determinados personagens - Getúlio Vargas, Padre Cícero etc.- sobre fatos da linguagem), que retoma esta produção cultural apenas como objeto de observação, parece-me inadequada para a sala de aula – sobretudo para o Ensino Fundamental⁸⁶.

No ambiente escolar, o cordel não deve ser visto apenas como uma fonte para a compreensão dos fatos e conteúdos narrados por ele, embora isto também seja importante. Ao utilizar o cordel desta forma, esvazia-se a experiência cultural e o seu objeto estético que está ali representado. Para superar este problema o trabalho com o cordel "terá de favorecer o diálogo com a cultura da qual ele emana"⁸⁷.

Neste sentido, deve ser valorizado o aspecto da oralidade da literatura de cordel. Independentemente da maneira como se vá trabalhar com os folhetos, é imprescindível a sua leitura coletiva e oral.

Marinho e Pinheiro fazem diversas sugestões metodológicas para a utilização da literatura de cordel na sala de aula:

- como um dos componentes fundamentais no trabalho com cordel é a leitura, ela deve ser praticada e deve-se buscar a entonação adequada à proposta do autor (comédia, drama);

⁸³ MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. *O cordel no cotidiano escolar*. São Paulo: Cortez, 2012, p. 11-12.

⁸⁴ *Ibid.*, p. 12.

⁸⁵ *Ibid.*, p. 125.

⁸⁶ *Ibid.*, p. 125.

⁸⁷ *Ibid.* p. 126.

- a diversidade de ideologias e visões de mundo às vezes conflitantes deve ser aproveitada para propiciar debates e discussões em sala de aula. Esses debates podem ser orais ou escritos. Pode-se comparar os folhetos a outras linguagens;
- os cordéis podem servir de tema para realização de jogos dramáticos, encenações improvisadas, a partir das temáticas dos cordéis. Sugere-se a sua realização principalmente nos anos iniciais do ensino fundamental; os autores citam que Ariano Suassuna em *O Auto da Compadecida* e João Cabral de Melo Neto em *Morte e Vida Severina*, inspiraram-se nas temáticas da literatura de cordel para compor essas peças⁸⁸;
- outra atividade sugerida é o trabalho com as ilustrações típicas dos folhetos de cordel, as xilogravuras. Sugere-se que os alunos podem criar xilogravuras a partir de sua realidade;
- os alunos podem criar músicas a partir das histórias e temas dos folhetos de cordel, tal como fazem ou fizeram músicos como Zé Ramalho, Alceu Valença, Mestre Ambrósio, Fagner, Luiz Gonzaga, Patativa do Assaré, Chico César, dentre outros;
- sugere-se a realização de uma feira de literatura de cordel onde existam vendedores de folhetos, violeiros fazendo desafios, exposições de xilogravuras, oficinas de criação de poemas de cordel, murais com reportagem sobre cordelistas, encenações de histórias de cordel, apresentação de músicas populares inspiradas na literatura de cordel, filmes inspirados em folhetos de cordel, etc;
- para os anos iniciais do ensino fundamental, sugere-se a ilustração de folhetos de cordel, ilustração de passagens e acontecimentos narrados nos folhetos;

⁸⁸ MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. O cordel no cotidiano escolar. São Paulo: Cortez, 2012, p. 131.

- outra sugestão de atividade é a criação de versos ou folhetos de cordel a partir de temas diversos como notícias de jornais. Os próprios poetas cordelistas, como Manoel Monteiro, ensinam através de versos de cordel como ele deve ser produzido⁸⁹.

Marinho e Pinheiro destacam que as atividades realizadas em sala de aula

devem ter um caráter lúdico, favorecendo a livre expressão do aluno e jamais serem usadas de modo obrigatório ou para fins avaliativos. A mentalidade produtivista que tem invadido a escola faz com que alunos e professores não se permitam a apreciação artística livre de qualquer atividade posterior⁹⁰.

Os autores fazem um questionamento acerca do modo como a escola lida com a cultura popular. Para eles, a atitude predominante na escola brasileira é aquela que vê a cultura popular como algo exótico e folclórico, mas que essa postura deve ser transformada. A cultura popular deve ser reconhecida por estar presente no cotidiano do aluno⁹¹.

Galvão⁹² realizou pesquisa com pessoas que tiveram no cordel as primeiras experiências significativas de letramento, experimentando situações em que utilizaram, efetivamente, a palavra escrita e impressa. Constatou que uma característica dessas experiências era que ela ocorria com a presença de outros ouvintes-leitores. De acordo com Galvão, estudos realizados no campo da História da leitura demonstram que a forma como a leitura ocorre influencia na produção de sentidos, produzindo significados diferentes para seus leitores. O fato da leitura de folhetos de cordel comumente ser coletiva e em voz alta, possibilitou a muitas pessoas não alfabetizadas vivenciarem suas primeiras práticas de letramento e até mesmo aprenderem a ler. Na pesquisa realizada, a maioria dos entrevistados

⁸⁹ MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. O cordel no cotidiano escolar. São Paulo: Cortez, 2012, p. 134.

⁹⁰ Ibid., p. 141.

⁹¹ Ibid., p. 142.

⁹² GALVÃO. Ana Maria de Oliveira. Oralidade, memorização e a mediação do outro: práticas de letramento entre sujeitos com baixos níveis de escolarização - o caso do cordel (1930-1950). Educação e Sociedade, Campinas, v. 23, n.81, p. 115-142, 2002.

relatou que a leitura de folhetos foi fundamental para aprender ou melhorar a leitura⁹³. A autora destaca algumas características próprias do cordel que contribuem para o letramento, como a leitura coletiva, em voz alta, num ambiente em que não havia hierarquização entre o oral e o escrito.

Desse modo, pode-se perceber que o fato de serem lidos em voz alta parecia constituir um fator decisivo para que os folhetos contribuíssem efetivamente para a inserção de pessoas, imersas em uma cultura fortemente marcada pela oralidade, mediadas por um membro do grupo que possuía maior intimidade com a escrita, no mundo letrado⁹⁴.

Para Alves o trabalho com o cordel em sala de aula contribui para um ensino mais interdisciplinar e contextualizado, em acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, e pode auxiliar na compreensão da linguagem como meio fundamental para a construção de significados e conhecimentos, promovendo no aluno mais criatividade, senso crítico e capacidade de interpretação, não só de textos como também do mundo. Segundo Alves, mais importante que os aspectos estilísticos do cordel, é a possibilidade de compreensão da realidade social, política e econômica do aluno através do uso desta ferramenta pedagógica⁹⁵.

A Literatura de Cordel pode perfeitamente contribuir para uma educação voltada para a realidade, na medida em que apresenta ao aluno uma visão de mundo, que pode se assemelhar ou não à sua, mas que suscita variados questionamentos que podem levar o aluno a refletir sobre a sua posição social, política, econômica e cultural dentro do contexto em que vive, assim como sobre a posição do outro nesse mesmo contexto⁹⁶.

Em sua pesquisa de mestrado⁹⁷, Alves tem como proposta pedagógica o uso do cordel no âmbito da disciplina de língua portuguesa para a formação de um sujeito crítico. A autora critica a forma como, na maioria das vezes, se propõe a utilização da literatura de

⁹³ GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Oralidade, memorização e a mediação do outro: práticas de letramento entre sujeitos com baixos níveis de escolarização - o caso do cordel (1930-1950). Educação e Sociedade, Campinas, v. 23, n.81, 2002, p. 123.

⁹⁴ Ibid. p. 127.

⁹⁵ ALVES, Roberta Monteiro. Literatura de cordel: por que e para que trabalhar em sala de aula. Revista Fórum Identidades. ano 2, v. 4, jul-dez. 2008, p. 103-104.

⁹⁶ Ibid., p. 108.

⁹⁷ ALVES, Roberta Monteiro. A literatura de cordel em sala de aula: uma proposta pedagógica para a construção de um sujeito crítico. 2010. 118f. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2010.

cordel, principalmente as prescrições dos currículos que normalmente tratam a literatura de cordel como folclore e classificam-na como um gênero oral.

Antes de propor o emprego do cordel em sala de aula, Alves destaca os principais argumentos contrários ao seu uso. O primeiro argumento seria o de que a literatura popular se desvia da norma culta da língua e não faz parte da "alta linguagem"⁹⁸. Há um enorme conservadorismo nas práticas educacionais que dificultam a inserção da cultura popular no ensino. O segundo argumento que dificulta a inserção do cordel no ensino seria a sua comparação com a literatura canônica, ficando o cordel relegado a uma posição de inferioridade, pois a literatura canônica é hegemônica. O terceiro argumento destacado por Alves é o de que o cordel não teria uma utilidade prática no universo escolar, principalmente por ser escrito em forma de poesia, uma vez que a prosa e o texto dissertativo são mais valorizados⁹⁹. Alves destaca que os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais de língua portuguesa classificam o cordel como gênero literário oral, o que dificulta o desenvolvimento de metodologias para sua inserção no ensino.

Alves salienta que sua intenção não é de criar um manual, nem fórmulas, e que as sugestões devem se adequar às condições reais de ensino-aprendizagem. Sua principal proposta é a realização de uma feira de literatura de cordel.

Para realização da feira com exposição de cordéis feitos pelos alunos é necessário que os professores levem para aula uma grande variedade de folhetos e os alunos devem conhecer suas características. Em seguida, os alunos devem produzir suas próprias histórias em formato de cordel. O professor deve valorizar a liberdade criativa e para auxiliar nessa tarefa é importante o contato com algum poeta cordelista que possa explicar seu próprio processo criativo. Importante destacar que a proposta de Alves se refere ao trabalho em

⁹⁸ ALVES, Roberta Monteiro. A literatura de cordel em sala de aula: uma proposta pedagógica para a construção de um sujeito crítico. 2010. 118f. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2010, p. 81.

⁹⁹ Ibid., p. 85.

escolas de Aracaju - SE. Ela sugere visita ao Mercado Thales Ferraz, local de venda de cordel onde há presença de poetas cordelistas.

2.3 LITERATURA DE CORDEL E ENSINO DE HISTÓRIA

De acordo com Iumatti, o cordel, embora muito estudado em diversas áreas, não tem atraído a atenção dos historiadores, salvo exceções. Por isso, “faz-se urgente o aprofundamento do diálogo interdisciplinar, de modo que os historiadores incorporem com mais frequência o cordel brasileiro como objeto de estudo”¹⁰⁰. Para Iumatti, um dos motivos para o cordel não ter atraído a atenção dos historiadores é que, enquanto objeto de pesquisa, ele tradicionalmente foi abordado no âmbito do folclore; outro motivo seria porque a temática se encontra fora do eixo Rio – São Paulo nas produções acadêmicas¹⁰¹.

Neste sentido, acreditamos que seja possível pensar a literatura de cordel, na perspectiva da História social, como um testemunho histórico. Os historiadores precisam historicizar a obra literária. Autores e suas obras devem ser inseridos no movimento da sociedade e em processos históricos determinados. Além das perguntas de costume feitas às fontes documentais, como as suas intenções, ou testemunho não intencional, o historiador deve identificar a lógica social em que a obra literária foi produzida¹⁰².

Nascimento acredita que ainda hoje o ensino de História é realizado de maneira bastante tradicional. Para ele a lousa, o giz e o livro didático representam a “santa trindade”

¹⁰⁰ IUMATTI, Paulo Teixeira. História e folhetos de cordel: caminhos para a continuidade de um diálogo interdisciplinar. *Escritural. Écritures d'Amérique Latine*, v. 6, 2012, p. 1.

¹⁰¹ *Ibid.*, p. 2.

¹⁰² CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Orgs.). *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 8.

que constitui a realidade do ensino no país¹⁰³. Ele acredita no potencial de utilização do cordel no ensino de História com a finalidade de democratizar o processo de ensino-aprendizagem, pois o conhecimento histórico não é algo pronto e acabado, mas pode ser construído coletivamente em sala de aula. Para tanto, Nascimento lista em seu artigo quatro passos para trabalhar com literatura de cordel em sala de aula: crítica documental; planejamento da aula; comparação e confrontação de documentos (mesmo tema sob pontos de vista diferentes); articulação do documento com o livro didático¹⁰⁴.

Lacerda e Menezes Neto¹⁰⁵ teceram reflexão sobre o ensino de História e a formação de professores, em que pretendem abordar as contribuições da literatura de cordel para o ensino de História, como um meio para a construção do conhecimento histórico na sala de aula e como uma fonte que permite a interdisciplinaridade com vários campos de conhecimento que compõem os currículos de escolas do Ensino Fundamental e Médio. Segundo eles, um dos principais entraves no ensino de História é a dificuldade de leitura e escrita. O cordel, por ser rimado e de fácil compreensão, poderia contribuir para que essas dificuldades fossem dirimidas. Apontam que, para a formulação de novas perspectivas no processo de ensino-aprendizagem, a formação de professores nos cursos de Licenciatura deve estar mais conectada com temáticas que fazem parte dos currículos escolares, relacionando ensino e pesquisa. Para os autores

O cordel é um recurso que não apresenta grandes dificuldades de compreensão para os alunos, já que a sua linguagem é em forma de versos rimados. A maioria dos folhetos de cordel tem rimas nos formatos de sextilhas, com o segundo, o quarto e o sexto versos rimando entre si. Essa linguagem da poesia de cordel é mais fácil de ser compreendida do que, por exemplo, um texto em prosa¹⁰⁶.

¹⁰³ NASCIMENTO, Jairo Carvalho. A literatura de cordel e o ensino de História: reflexões teóricas e orientações metodológicas. In: XXIII Simpósio Nacional de História, 2005. p. .

¹⁰⁴ Ibid., p. 4.

¹⁰⁵ LACERDA, Franciane Gama; MENEZES NETO, Geraldo Magela. Ensino e pesquisa em história: a literatura de cordel na sala de aula. *Outros Tempos*, v. 7, p. 217-236, 2010.

¹⁰⁶ Ibid., p. 226.

Em artigo, Aires, Ferreira e Oliveira¹⁰⁷ desenvolvem proposta metodológica para que os alunos da Educação Básica produzam literatura de cordel e para que o livro didático não seja o único recurso utilizado no ensino. A proposta é a construção de um projeto didático para trabalhar com cordel junto aos alunos do sétimo ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do Piauí, para ser apresentado nas comemorações referentes ao aniversário do Estado. Num primeiro momento, o gênero cordel foi apresentado aos alunos. Em seguida, houve a divisão das turmas em grupos menores, que se encarregaram de pesquisar temas relativos à história do Piauí, que foram utilizados como mote para as composições poéticas. Segundo os autores “além de possibilitarmos outro tipo de envolvimento dos estudantes com os conteúdos abordados, ainda foi possível identificar as variadas formas de compreensão dos processos históricos por parte dos estudantes”¹⁰⁸.

Segundo Grillo a literatura de cordel “ocupa um espaço de criação que deve ser percebido em seus vários níveis: o simbólico, o artístico, o linguístico, o social, o político, o econômico e, especialmente, o histórico”¹⁰⁹. Ela pode ser um rico material para ser trabalhado em sala de aula, pois se trata de uma linguagem alternativa que pode enriquecer o estudo da História. Uma vasta gama de eventos do século XX foi descrita nos folhetos de forma diversa das narrativas contidas nos livros didáticos.

Estes folhetos, além de relatarem fatos sociais, políticos, econômicos, como inundações, secas, casamentos, vitórias eleitorais, adoção de novas leis, vida e morte de políticos, servem também para suprir a escassa circulação de jornais no sertão. Ao mesmo tempo em que representam uma forma de literatura, informam sobre os acontecimentos da época. Neste sentido, o folheto de cordel se transforma numa rica fonte de pesquisa para a História, a Sociologia, a Antropologia e a Literatura¹¹⁰.

¹⁰⁷ AIRES, Vilmar; FERREIRA, Ronyere; OLIVEIRA, Francisco. Literatura de cordel no ensino de história: uma proposta metodológica. CONTRAPONTO: Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI. Teresina, v. 2, n. 1, fev. 2015.

¹⁰⁸ Ibid., p. 63.

¹⁰⁹ GRILLO, Maria Ângelo de Faria. História em verso e reverso. Revista de História da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 01 out. 2006, p. 82.

¹¹⁰ Ibid., p. 83.

Portanto, os folhetos de cordel são documentos extremamente ricos que podem engendrar diversas possibilidades de trabalho em sala de aula. "Ora, se os folhetos relatam os eventos e os acontecimentos de um dado lugar num dado período, eles se transformam em memória, em registro vivo e por que não em documento?"¹¹¹.

Em comunidades marcadas pela presença da oralidade, o texto em prosa tem menos impacto e aceitação do que o texto em verso e rima. Isso se explica porque o texto rimado é mais atrativo e de fácil memorização. Quando os folhetos de cordel apareceram, eram escritos para serem lidos em voz alta e em ambiente coletivo. Embora esta relação entre o cordel e a oralidade não seja mais tão presente quanto em sua origem, resgatá-la, com finalidade pedagógica, pode despertar uma maior interação por parte dos alunos no ambiente escolar. Os acontecimentos narrados nos folhetos de cordel procuram aproximar o ouvinte-leitor do fato ocorrido. Os poetas enfatizam as consequências de grandes acontecimentos históricos na vida das pessoas comuns e o seu ponto de vista sobre tais acontecimentos.

Grillo considera o cordel um caminho "para se investigar outras visões e outras versões das narrativas históricas"¹¹². Para tanto, o cordel deve ser entendido como uma fonte histórica, mas suas particularidades devem ser consideradas.

Devemos analisar os fatos históricos não somente a partir das versões oficiais, da fala dos políticos e jornais tendenciosos, mas também através das representações dadas pelos poetas de cordel, através dos folhetos, que mostram outras visões de momentos históricos vivenciados e testemunhados por eles¹¹³.

Antes da utilização dos folhetos de cordel como uma fonte histórica, algumas considerações são propostas: o fato de o cordel pertencer à chamada literatura popular não significa que ele traga em si a expressão cultural de determinado grupo ou região.

¹¹¹ GRILLO, Maria Ângelo de Faria. A literatura de cordel na sala-de-aula. In: ABREU, M; SOIHET, R. (Org.). Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia. 2a.. ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009, p. 121..

¹¹² Ibid., p. 118.

¹¹³ Ibid., p. 119.

Grillo sugere o uso dos folhetos de cordel para o estudo da História do Brasil a partir de um determinado conteúdo, como por exemplo Guerra de Canudos, Cangaço, Era Vargas, entre outros. A autora propõe diversas orientações metodológicas acerca do trabalho com cordel na sala de aula. Após a escolha do folheto a ser utilizado, deve-se fazer uma comparação com a versão do tema no livro didático, para saber em que se aproximam e em que se distanciam. Algumas perguntas devem ser feitas: de que forma se desenvolve a narrativa? Qual a origem social do autor? Qual o tipo de narrativa? Quais os valores defendidos pelo autor? Qual sua posição em relação aos fatos narrados? Qual o estilo adotado pelo autor e a linguagem empregada? Enfim, os folhetos devem receber o tratamento a que de costume são submetidas as fontes históricas.

Os folhetos de cordel são descritos por Grillo e Lucena como importantes instrumentos de representação, tanto da realidade cotidiana dos brasileiros quanto do imaginário popular. Segundo as autoras, o cordel pode ser uma ferramenta pedagógica que auxilie o aluno a desenvolver o exercício da reflexão, da criatividade e da criticidade. Por isso, sugerem o uso do cordel "como documentos que testemunham a História do Brasil, a partir de seu viés popular¹¹⁴".

As autoras propõem uma metodologia para se trabalhar com os folhetos de cordel nas aulas de História. As fontes, isto é, os folhetos, podem ser encontrados facilmente em arquivos públicos, bibliotecas, e de maneira muito mais cômoda e de fácil acesso em sites que possuem acervo digitalizado, como a Fundação Casa Rui Barbosa e o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (Funarte). A proposta da pesquisa de Grillo e Lucena é investigar

¹¹⁴ GRILLO, Maria Ângelo de Faria ; LUCENA, Kalhil. O uso de uma linguagem popular nas aulas de história: as representações da República Velha nos folhetos de cordel. Revista História em Reflexão. Vol. 5 n. 9 – UFGD - Dourados jan/jun 2011, p. 9.

as representações sobre a Primeira República nos folhetos de cordel, cruzando e comparando essas informações com a produção acadêmica sobre o período¹¹⁵.

Nascimento propõe a utilização da literatura de cordel no ensino de História na perspectiva de uma educação que debata as questões étnico-raciais¹¹⁶. Há muitos exemplares na literatura de cordel que tratam da questão. Nascimento tece reflexões a partir da presença da questão racial na literatura de cordel utilizando como exemplo o cordel intitulado *A peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum*, escrito por Firmino Teixeira do Amaral. “Negro, és monturo / Molambo rasgado / Cachimbo apagado / Recanto de muro / Negro sem futuro / Perna de tição / Boca de porão / Beiço de gamela / Venta de moela / Moleque ladrão”¹¹⁷.

O referido cordel é utilizado para problematizar a questão racial na sociedade e na escola. Nascimento considera a escola local privilegiado para o debate a respeito da discriminação e do preconceito, defendendo que o cordel pode ser um valioso recurso didático-pedagógico para a problematização dessas questões¹¹⁸.

Atualmente o cordel possui uma produção bastante variada, que faz referência a temas ligados à História, Biologia, Ecologia, Geografia etc. e mesmo que tenha perdido a função social que o gerou e o difundiu ao longo do tempo, ele pode produzir encantamento e fazer com que os alunos se interessem mais pelas aulas. A utilização do cordel *A peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum*, por exemplo, pode suscitar o debate a respeito do preconceito, tanto em relação ao negro quanto em relação ao deficiente, pois o embate de cantadores nesse cordel ocorre entre um homem negro e outro deficiente visual.

¹¹⁵ GRILLO, Maria Ângelo de Faria ; LUCENA, Kalhil. O uso de uma linguagem popular nas aulas de história: as representações da República Velha nos folhetos de cordel. Revista História em Reflexão. Vol. 5 n. 9 – UFGD - Dourados jan/jun 2011, p. 16.

¹¹⁶ NASCIMENTO, Paulo de Oliveira . O cordel, o negro e a sala de aula: diálogos possíveis. Cadernos Imbondeiro , v. 2, p. 1-13, 2012.

¹¹⁷ Ibid., p. 1.

¹¹⁸ Ibid., p. 2.

Nascimento elenca alguns motivos que podem tornar o cordel um interessante recurso para ser utilizado nas aulas de História: o cordel é uma expressão popular regional atrativa, é um material de fácil acesso, valoriza a interdisciplinaridade, promove o desenvolvimento das habilidades relacionadas à leitura e à escrita e possui uma grande variedade de temas, entre eles a questão étnico-racial¹¹⁹.

Em sua dissertação de mestrado, Santos propõe a utilização do cordel como uma ferramenta para o ensino de História, pois "o cordel enquanto elemento da cultura popular se aproxima dos problemas e angústias que permeiam a realidade daqueles que compõem o ambiente escolar"¹²⁰. Para Santos, o trabalho com cordel no ensino de História cria a possibilidade dos alunos se sentirem participantes e sujeitos no processo de construção do conhecimento histórico. Assim como no cordel existem diversas versões e visões sobre o mesmo fato, a História também é feita de diversas interpretações. O cordel pode auxiliar na compreensão das intencionalidades por trás dessas diversas interpretações. Pode também contribuir para que o aluno se aproprie de importantes conceitos da História, como fato, fonte, documento, temporalidades. O folheto do cordel pode servir de ponto de partida para o trabalho com fontes históricas materiais e imateriais, escritas e não escritas. O seu conteúdo pode servir como uma das interpretações possíveis sobre os acontecimentos, mas não a única.

De acordo com Santos, o trabalho com a literatura de cordel pode atender a recomendação dos Parâmetros Curriculares Nacionais de História, que orientam que ao longo do Ensino Fundamental os alunos devem ampliar a compreensão de sua realidade e confrontá-la com outras realidades históricas, podendo assim fazer suas escolhas e orientar suas

¹¹⁹ NASCIMENTO, Paulo de Oliveira . O cordel, o negro e a sala de aula: diálogos possíveis. Cadernos Imbondeiro , v. 2, p. 1-13, 2012, p. 10.

¹²⁰ SANTOS, Ary Leonan Lima. Utilização do cordel como ferramenta para o Ensino de História: Conceitos, repertórios e experiências. 2018. 103 f. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2018, p. 34.

ações¹²¹. Outros aspectos destacados por Santos acerca do trabalho com a literatura de cordel é que ele atende às orientações dos PCN de História que recomendam a utilização de outras fontes documentais além da escrita, e a literatura de cordel tem uma relação muito íntima com oralidade¹²².

Em sua proposta de contribuição para o ensino de História, Silva¹²³ parte do pressuposto de que há uma grande precariedade na competência leitora entre os alunos do Ensino Fundamental e Médio, que ela atribui às consequências do processo de universalização escolar verificada nas últimas décadas. Silva destaca a dificuldade da leitura revelada por avaliações como SAEB (Sistema de Avaliação no Ensino Básico) e PISA (Programa Internacional para Avaliação de Estudantes) até 2004. De lá para cá, a situação não apresenta melhora significativa. "Como muitos autores já observaram, só se aprende o que pode ser decodificado pela linguagem (em suas diversas formas de expressão), e não por outro motivo ela é o principal suporte para os saberes escolares."¹²⁴. Devido a essa importância da competência leitora, Silva considera que o trabalho com a linguagem oral e escrita não deve se restringir apenas às aulas de língua portuguesa. Deve ser um trabalho feito por todas as disciplinas e os professores de História podem colaborar bastante nesta tarefa.

Os professores de história precisam, pois, estar comprometidos tanto em atingir objetivos que são próprios da sua disciplina, como, por exemplo, o domínio das noções temporais e dos conceitos históricos, quanto com o desenvolvimento da leitura e da escrita¹²⁵.

¹²¹ SANTOS, Ary Leonan Lima. Utilização do cordel como ferramenta para o Ensino de História: Conceitos, repertórios e experiências. 2018. 103 f. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2018, p. 37.

¹²² Ibid., p. 37

¹²³ SILVA, Vitória. Estratégias de leitura e competência leitora: contribuições para a prática de ensino em História. História [online]. 2004.

¹²⁴ Ibid., p. 70.

¹²⁵ Ibid., p. 71.

A preocupação com as habilidades de leitura e escrita deve estar presente no trabalho do professor de História, em todos os níveis de ensino, pois sem essas ferramentas a construção do conhecimento, tanto na escola quanto fora dela, fica prejudicada.

Para Silva "ler é construir significados". Do ponto de vista pedagógico, a leitura só é eficiente quando há uma aprendizagem significativa, isto é, quando mobilizamos um conjunto de conhecimentos dos quais dispomos para dar significado àquilo que lemos. No cotidiano escolar, destaca Silva, é muito comum os alunos lerem sem saber para que estão lendo, nem o que estão lendo, de uma forma mecânica. O ato de atribuir sentido àquilo que se lê não é espontâneo. É preciso "um grau de competência leitora relativamente grande" que não é alcançado de forma natural, mas pode ser obtido com trabalho¹²⁶.

Acreditamos que o uso da literatura de cordel como recurso pedagógico nas aulas de História pode contribuir com o objetivo de desenvolver a capacidade de leitura e interpretação de textos. Outro aspecto que o trabalho com a literatura de cordel pode valorizar é a interdisciplinaridade. A partir da literatura de cordel é possível desenvolver propostas envolvendo artes plásticas, música, teatro, língua portuguesa, dentre outras áreas. A partir do cordel e de suas características, é possível explorar oralidade, trabalho coletivo, criatividade, competência leitora, raciocínio. Os folhetos podem tornar os acontecimentos do passado mais acessíveis e interessantes.

Os autores e pesquisadores que defendem a utilização do cordel nas mais diversas áreas da educação básica sugerem que a partir do cordel pode-se incentivar a leitura numa perspectiva sociocultural, promovendo uma reflexão crítica acerca da realidade e do presente. A presente pesquisa terá como uma de suas preocupações o fato de que a leitura é um dos principais requisitos para uma educação significativa e que existe uma defasagem nesta área, na Educação Básica brasileira. Uma das possíveis contribuições da pesquisa poderá ser o

¹²⁶ SILVA, Vitória. Estratégias de leitura e competência leitora: contribuições para a prática de ensino em História. História [online]. 2004, p. 72.

incentivo à prática da leitura e interpretação de textos, habilidades fundamentais para o processo de ensino-aprendizagem.

Poucos trabalhos, no entanto, se debruçam sobre o cordel como fonte documental. Pretende-se, nesta dissertação, investigar o potencial destas fontes para auxiliar os alunos dos anos finais do Ensino Fundamental na compreensão da produção do conhecimento histórico.

De acordo com Botelho, persiste como um ranço positivista no ensino e no senso comum a "ideia equivocada do historiador e do professor de História como repositório de todo conhecimento sobre o passado"¹²⁷. Os alunos associam "o domínio do conhecimento na área de História à capacidade de memorização, em detrimento da análise e interpretação"¹²⁸ acerca das ações do homem ao longo do tempo. Esta noção começa a mudar na graduação na área de História, quando o aluno começa a perceber que a busca pela verdade não significa ter a certeza absoluta sobre o que aconteceu no passado, mas aproximar-se o máximo possível de como aconteceu para construir interpretações plausíveis. E o aluno aprende que "a relação com o passado é mediada pelas fontes"¹²⁹. Podem até coexistir diversas versões sobre o passado, mas elas devem ser baseadas nas fontes.

Para Botelho compartilhar os procedimentos metodológicos do historiador com os alunos é uma alternativa para alicerçar as bases da compreensão do passado.

Ao perceber como o historiador constrói um conhecimento a partir da análise de fontes, altera-se por completo a percepção do estudante do ensino básico sobre o significado da História. Fica evidenciado de forma concreta como é possível conjecturar, elaborar hipóteses e interpretar um documento, por exemplo, com o objetivo de compreender aspectos da História que muitas vezes não são explicitados nos livros didáticos¹³⁰.

O aluno pode perceber então que o conhecimento histórico não é algo pronto e acabado que ele deve assimilar a partir do livro didático e da fala do professor, mas que é algo

¹²⁷ BOTELHO, Denilson. O que o jovem Manoel de Assumpção, negro e analfabeto, tem a nos ensinar? Considerações sobre o uso de fontes no ensino de história. Anais do I Seminário Internacional de História do Tempo Presente. Florianópolis: UDESC/FAED - Programa de Pós-Graduação em História, 2011. p. 1153.

¹²⁸ Ibid., p. 1154.

¹²⁹ Ibid., p. 1154.

¹³⁰ Ibid., p. 1155.

construído com base nas fontes históricas. Nessa perspectiva, alteram-se também os papéis de alunos e professores, que passam a ser vistos como sujeitos na construção do conhecimento, e não somente espectadores que devem assimilar conhecimento.

O contato do aluno com as fontes da literatura de cordel visa reforçar essa concepção de que aluno e professores também são protagonistas na construção do conhecimento histórico.

3 MULTIPLICIDADE DE VOZES NOS FOLHETOS DE CORDEL

Para a realização desta pesquisa, foram utilizados como fontes primárias os folhetos de cordéis que fazem parte do acervo da Fundação Casa Rui Barbosa. Optou-se por concentrar a pesquisa nos poetas da primeira geração do cordel, que publicaram seus folhetos entre 1893 e 1930, responsáveis pela constituição do público, do estabelecimento das formas de produção e distribuição da literatura de cordel, bem como por definir as regras, os estilos e os temas do gênero. Foram selecionados 34 folhetos dos seguintes poetas: Antônio Ferreira da Cruz (1 folheto), Francisco das Chagas Batista (1 folhetos), João Melchíades Ferreira da Silva (02 folhetos), Severino Milanês da Silva (01 folheto), José Camelo de Melo Resende (01 folheto) e Leandro Gomes de Barros (28 folhetos). Com base na produção destes cordelistas, pretende-se identificar possíveis contribuições do gênero para o ensino de História.

É importante destacar que a opção pelos poetas cordelistas clássicos tem a ver com o período que faz parte do recorte temporal da pesquisa, o da Primeira República. A produção de folhetos de cordel só fez crescer a partir de então, espalhando-se para diversas regiões do Brasil. Há grupos de cordelistas que se destacaram na Bahia, Amazonas, Pará, São Paulo e Rio de Janeiro. Em outros períodos, como nas décadas de 1940 e 1950, a produção de cordel vivenciou uma grande efervescência, e seu estudo pode se mostrar bastante promissor. Os poetas de cordel narram em seus folhetos mais de um século de história brasileira. Curran¹³¹, por exemplo, escreveu obra sobre a História do Brasil, passando pela Primeira República, Era Vargas, Anos de Chumbo e Redemocratização, utilizando como fontes folhetos de cordel.

O conjunto dos folhetos analisado, embora seja uma amostra diminuta da vultosa produção de folhetos do período, permite uma reflexão acerca do universo dos primórdios da literatura de cordel. Eram usadas técnicas para o barateamento dos folhetos. Seu formato, anterior ao próprio cordel, era uma solução de baixo custo que aproveitava o mesmo tipo de papel utilizado na impressão de jornais. Nas obras que possuíam imagens na capa, a técnica utilizada era o clichê, isto é, a matriz era gravada em alto relevo numa placa metálica. Mas a maioria das obras não possuíam imagens, apenas os títulos eram escritos numa fôrma de destaque.

Optou-se por analisar, quase que na totalidade, os “folhetos de acontecido”, também chamados “folhetos de época”, por tratarem de temas relacionados à História, tais como

¹³¹ CURRAN, Mark. História do Brasil em cordel. São Paulo: Edusp, 2003.

impostos, carestia, eleições, oligarquias, guerras, revoltas, religião, cangaço, costumes, gênero, trabalhadores, seca, retirantes, invenções, novidades, dentre outros. Uma “peleja” foi escolhida, por seu tema ser da área de interesse da pesquisa.

No capítulo I apresentamos dados biográficos sobre Leandro Gomes de Barros e Francisco das Chagas Batista. Vejamos agora um pouco sobre a vida dos outros poetas que fazem parte do escopo da pesquisa.

João Melchíades Ferreira da Silva nasceu em 1869 em Bananeiras, Paraíba, onde seus pais eram pequenos proprietários. Não frequentou escola na infância e aprendeu a ler com seu avô Antônio Simão, um ex-seminarista. Entrou para o exército aos 19 anos e participou das campanhas de Canudos em 1897 e do Acre em 1903. No ano seguinte, reformado, retornou para a Paraíba e passou a percorrer o sertão vendendo os seus folhetos nos quais narrava histórias que vivera e conhecera. Faleceu em 1933, em João Pessoa. Os direitos de suas obras foram vendidos para Manoel Camilo dos Santos, que além de poeta era editor de folhetos.

Seus poemas o revelam como um poeta-cronista de sua região, que palmilhava em cantorias, vendendo folhetos. Narra os feitos de seus habitantes, beatos ou valentes; descreve usos e costumes. Em meio à descrição de grandezas não lhe escapa o papel das usinas que esmagavam os engenhos acarretando a miséria dos moradores¹³².

José Camelo de Melo Rezende nasceu em 1885, em Pilõezinhos, que na época era distrito de Guarabira, Paraíba. Frequentou a escola e desde criança compunha poemas, embora sua ocupação inicial tenha sido a de marceneiro e carpinteiro. Começou a publicar seus primeiros folhetos no início dos anos de 1920. Era reconhecido por ter métrica e rimas impecáveis, bem como gostar de narrativas e romances longos. Envolveu-se numa longa polêmica com João Melchíades acerca da autoria da obra *Pavão Misterioso*, um dos romances de maior sucesso da literatura de cordel. No fim da década de 1920, teve que se mudar para o Rio Grande do Norte, momento em que Melchíades passou a publicar esta obra e foi lembrado por muito tempo como seu autor. José Camelo o denunciou e a questão da autoria de *Pavão Misterioso* se arrastou por muito tempo. Morreu em Rio Tinto, Paraíba, em 1964¹³³.

¹³² GRILLO, Angela Maria de Faria. Da cantoria ao folheto: O nascimento da literatura de cordel nordestina. Cadernos de Estudos Sociais, Recife, v. 24, nº 2, p. 187-200, jul/dez.,2008, p. 193.

¹³³ RAMOS, Everardo. Casa Rui Barbosa, 2008. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/JoseCamelo/joseCamelo_biografia.html. Acesso em: 10 abr. 2020.

Há poucas informações sobre Antônio Ferreira da Cruz. Sabe-se que ele nasceu em 1876, na cidade de Ingá, Paraíba. Trabalhou como operário em fábrica têxtil boa parte da vida. Começou a publicar seus folhetos na década de 1930 e era reconhecido como um grande poeta e cantor, tendo inspirado vários outros a compor. Faleceu em 1965¹³⁴.

Severino Milanês da Silva nasceu em Bezerros, Pernambuco, em 1906. Além de destacar-se nas cantorias e nos repentes improvisados, escreveu folhetos que tiveram grande sucesso. Assim como diversos poetas e cantadores, inspirou-se em Leandro Gomes de Barros para traduzir e adaptar obras populares que vinham da Europa. Faleceu em Vitória de Santo Antão, Pernambuco, mas a data é incerta - Benjamim menciona que pode ter sido em 1956 ou 1967¹³⁵.

De acordo com Galvão é possível buscar "nos próprios textos e na materialidade do impresso"¹³⁶ marcas que permitam reconstruir os possíveis leitores pensados para aquele texto pelo autor/editor. Seguindo esta perspectiva, deve-se analisar, além do texto, a materialidade dos folhetos, isto é, o impresso que serve de suporte ao texto.

Optou-se por manter a ortografia da época em que os folhetos foram escritos, bem como foram mantidos os erros de escrita e concordância. Muitos folhetos possuíam erros de edição, que em alguns casos aparecem corrigidos à mão. A maioria dos estudiosos da literatura de cordel “propôs uma classificação por temas do material que compõe esse gênero de produção da cultura popular”,¹³⁷ onde cada novo estudo procura demonstrar sua competência, rejeitando as tipologias anteriores e propondo nova classificação, com acréscimos e rearranjos. Compartilhamos com Menezes a ideia de que o tema ou assunto “não constitui uma unidade elementar, mas um complexo; ele não é constante, mas variável”¹³⁸. Portanto, tomar como ponto de partida os temas dos folhetos pode levar a uma simplificação de sua expressão cultural e simbólica. Outro fator que torna a classificação dos folhetos contraproducente é que eles falam dos mais variados assuntos, às vezes no mesmo impresso.

¹³⁴ PINTO, Maria Rosário. Casa Rui Barbosa, 2008. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/AntonioFerreira/antonioFerreira_biografia.html. Acesso em: 10 abr. 2020.

¹³⁵ BENJAMIN, Roberto. Casa Rui Barbosa, 2008. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/SeverinoMilanes/severinoMilanes_biografia.html. Acesso em: 11 abr. 2020.

¹³⁶ GALVÃO, Ana. Cordel: leitores e ouvintes. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 41.

¹³⁷ MENEZES, Eduardo Diatay B. de. Das classificações temáticas da literatura de cordel: uma querela inútil. Revista de Letras, v. 1, n. 13, 3 jul. 2017, p. 42.

¹³⁸ Ibid., p. 45.

Dito isto, a divisão que foi feita neste capítulo serve muito mais para organizar e ordenar sua exposição do que para classificá-los.

Os folhetos selecionados possuem variadas temáticas relacionadas à História do Brasil durante a Primeira República e ao maior conflito da época, que contou com modesta participação brasileira, a Grande Guerra.

Na célebre interpretação de Aristides Lobo, a República brasileira nascera com um pecado original, que foi a falta de participação dos cidadãos, que deveriam ser os protagonistas, nas principais decisões. Na visão do político e jornalista abolicionista e republicano, o povo assistira à proclamação da república “bestializado, sem compreender o que se passava”¹³⁹. O que veremos a seguir é que esta perspectiva não se sustenta, como explica Carvalho¹⁴⁰. Os poetas nordestinos que se dedicaram à produção e divulgação de folhetos de cordel entre o fim do século XIX até 1930, estavam bastante atentos a tudo que se passava, e tinham posições bastante críticas e contundentes que eram transmitidas aos seus leitores através de suas crônicas poéticas.

3.1 QUEIXAS E LAMÚRIAS CONTRA IMPOSTOS, CARESTIA, FOME E GOVERNOS

Um tema bastante recorrente entre os folhetos são as queixas. Neste grupo, foram selecionados onze folhetos de queixas contra impostos, carestia, fome e governos: *A crise actual e o augmento do sello*; *Affonso Penna, As miserias da época, O dezeréis do governo, O governo e a lagarta contra o fumo, O imposto da honra, O imposto e a fome, O povo na cruz, O tempo de hoje, Os collectores da Great Western e Um pau com formigas*. Todos são de Leandro Gomes de Barros e um mesmo folheto pode abordar dois ou mais desses temas. Estes folhetos criticam de forma muito perspicaz a ordem política, econômica e social do período, utilizando a sátira, a ironia e o humor.

No folheto *A crise actual e o augmento do sello*, de 1915, impresso pela tipografia do *Jornal do Recife*, o narrador mostra-se indignado com a possibilidade de Venceslau Brás

¹³⁹ CARVALHO, José Murilo de. Os bestializados. O Rio de Janeiro e a república que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 9.

¹⁴⁰ Ibid.

aumentar os impostos, não bastasse os efeitos da Grande Guerra ao impedir a entrada de gêneros de primeira necessidade e a seca que castigava o sertão.

A seca ataca o sertão
 A crise circula a praça
 Tanto que eu creio que este ano
 Sobe tudo na fumaça,
 Só ficará no Brazil
 O imposto e a desgraça.

O célebre livro de Rachel de Queiroz *O Quinze*, publicado em 1930, trata desse período de seca. Jornais pernambucanos como *Diário de Pernambuco* e *Jornal de Recife* informam sobre a seca como algo que afeta o interior. Raramente há crítica à atuação do governo da época. Na edição de 05 de junho de 1915, o *Diário de Pernambuco* informa que “de várias localidades do interior do estado temos recebido tristíssimas matérias a respeito da secca que tudo vae devastando – lavoura e criação – e obriga as populações a doloroso êxodo, a fugir da fome e a morrer de fome”¹⁴¹.

O folheto *Afonso Penna*, de 1906, é o mais antigo entre as fontes analisadas. Trata da visita de Afonso Pena a Pernambuco, depois de sua eleição para a presidência. Sua chegada à capital pernambucana foi tratada com muito entusiasmo e euforia pela imprensa local.

Quando a imprensa anunciou que v. exc. havia resolvido percorrer grande parte do país, compreendemos logo o alcance desta sabia resolução que há de ficar assinalada na história pátria como a aurora precursora do governo que se vai iniciar a 15 de Novembro próximo¹⁴².

Já o tom utilizado pelo narrador é bem crítico ao mandatário. Não é possível afirmar se de fato Barros foi até a estação de desembarque de Afonso Pena, como ele descreve. Segundo o narrador, o futuro presidente estava rodeado de ingleses e dá a entender que eles tinham muita influência no Brasil.

Dizia um inglez:
 Mim vai chaleirar
 Que é para ganhar
 Brazil desta vez
 O calculo mim fez

¹⁴¹ JORNAES DE HONTEM. *Diário de Pernambuco*, Recife, ano 91, nº 152, p. 4, 05 jun. 1915.

¹⁴² COLLABORAÇÃO. *Jornal do Recife*, Recife, ano 49, nº 127, p. 1, 06 jun. 1906.

E ganha dinheiro
 Mim é estrangeiro
 Sabe andar subtil
 Mim compra Brazil
 E vende Brasileiro.

Chaleirar é empregado no sentido de bajular. A concordância verbal é modificada para imitar o sotaque dos ingleses e seu português capenga. De forma nitidamente irônica, uma marca de Barros, ele diz que o povo iria enriquecer e as coisas iriam melhorar.

Tudo no Norte dizia
 O Brazil vai melhorar
 A vinda de Affonso Penna
 Faz todo mundo enricar
 Eu creio que estes quatro annos
 Não preciso trabalhar.

As miserias da epocha, folheto impresso pelo Athelier Mirante traz o endereço de venda na capa, que ficava em Jaboatão-PE, onde o poeta residiu até 1906.

Se eu soubesse que este mundo
 Estava tão corrompido
 Eu tinha feito uma greve
 Porem não tinha nascido
 Minha mãe não me dizia
 A queda da monarchia
 Eu nasci foi enganado
 Para viver n'este mundo
 Magro, trapilho, corcundo,
 Alem de tudo sellado.

As queixas são dirigidas principalmente à exploração do governo e um suposto projeto da Câmara dos Deputados tornando o selo obrigatório em diversas atividades, uma forma de melhorar a eficiência na cobrança dos impostos. O Jornal do Recife, no dia 10 de junho de 1905, publica na primeira página um projeto de lei do Senado Estadual¹⁴³, (parecer

¹⁴³ O Senado Estadual era uma casa legislativa que existiu em alguns estados brasileiros durante a vigência da primeira constituição republicana de 1891.

86) que aumentava os impostos sobre importações e exportações, inclusive entre os estados. Havia também a previsão de cobrança sobre “carta de engenheiro civil ou geographo”¹⁴⁴.

O deyréis do governo, de 1907, um dos mais antigos folhetos analisados, faz uma queixa contra a alta cobrança de impostos. A expressão “deyréis” refere-se ao imposto cobrado pelo governo estadual, de acordo com o peso da mercadoria que se vendia nas feiras e mercados.

Eu já tive uma ideia
 Encuti no pensamento
 Quando entrar outro governo
 A novo regulamento,
 Eu creio que inda se peza
 Chuva, sol, pueira e vento.

A lei estadual nº 873, de junho de 1907, que fixava as despesas e arrecadações para o próximo ano, previa

Por kilo, a titulo de estatística, das mercadorias em seguida indicadas, saídas desta capital, por mar ou por terra:

10 réis quanto a tecidos, miudezas e mercearia;

5 réis quanto a farinha de trigo, ferragens, sal, xarque, bacalháo, vinho, vinagre, kerozene e demais productos não taxados nos ns. 15 a 27 do § 2º do art. 2º desta lei¹⁴⁵.

O narrador demonstra insatisfação com a pobreza e a carestia e afirma que as promessas nas eleições não o convencem mais.

No início da Primeira República, dois projetos de desenvolvimento econômico estavam em disputa. Um, ligado aos militares e a camadas médias urbanas, defendia o aumento da industrialização e diversificação das atividades econômicas, principalmente no período em que Rui Barbosa foi ministro da Fazenda, entre 1889 e 1891. O outro, ligado às oligarquias rurais, principalmente a cafeeira, defendia uma economia voltada à exportação de produtos agrícolas. Este projeto acabou sendo o vitorioso.

Vêm-se, pois, delineadas e confrontadas desde o início da República duas correntes distintas. À primeira, “industrializante” - e frequentemente especulativa, inflacionista e cavadora de negócios, embora no fundamental portadora de valores de progresso tão ao gosto da época e afim, até certo ponto, com o reformismo positivista contrapunha-se uma segunda corrente, mais sólida e conservadora. A crítica ao encilhamento, aos déficits crescentes, à “artificialidade” da indústria

¹⁴⁴ SENADO. *Jornal do Recife*, Recife, ano 48, nº 130, p. 1, 10 jun. 1905.

¹⁴⁵ LEI Nº 873. *Diário de Pernambuco*, Recife, ano 83, nº 143, p. 27 jun. 1907.

nacional que importava insumos e, diziam os opositores, estafava o consumidor nacional, opunham-se os bem pensantes porta-vozes da “fonte da riqueza nacional”: os cafeicultores.¹⁴⁶

Na realidade, o sistema econômico-financeiro da Primeira República fora herdado do período imperial, com certas mudanças, principalmente no que diz respeito à mão de obra. Ele consistia na exportação de produtos primários, tendo o café à frente, e na cobrança de impostos sobre as importações, para financiar os gastos públicos. Mesmo após a crise do Encilhamento, que gerou uma forte onda inflacionária por conta da emissão generalizada de papel-moeda, o governo continuava a interferir no câmbio, desvalorizando a moeda, para favorecer as exportações, e aumentando os impostos sobre as importações, o que contribuía para o aumento dos preços. Esta medida poderia favorecer a criação de um mercado interno de produtos industrializados, porém

a República estorvou a criação de um mercado nacional para os artigos manufaturados, permitindo que os Estados tributassem a exportação de mercadorias, indiscriminadamente, para portos estrangeiros ou para outros Estados. Havia também muitos impostos locais que equivaliam a tarifas interestaduais de importação. Como esses impostos fossem aplicados principalmente pelos Estados mais pobres, de limitadas possibilidades de rendas, tiveram por efeito restringir um pouco a penetração de bens manufaturados do centro industrial de São Paulo-Rio.¹⁴⁷

Em *O governo e a lagarta contra o fumo*, embora não tenha data, é possível ler na primeira estrofe da página quatro que é de 1917. É mais um folheto de insatisfação com o governo, não especificando se o do estado ou do país. Enquanto as lagartas atacavam as lavouras de feijão e fumo, os fiscais de impostos eram implacáveis com os pequenos produtores, e eram detestados por isso.

Faz pena o clamor do povo
 Nestes incostos de matta
 Luctando com duas pestes
 Que não ha quem as rebata;
 A primeira é o Governo,
 A segunda é a lagarta.
 (...)
 Outrora o povo rezava
 Fazia o pelo signal
 Dizendo livre-nos Deus

¹⁴⁶ FAUSTO, Boris (org.): História geral da civilização brasileira, tomo III (O Brasil Republicano), volume VIII – estrutura de poder e economia (1889-1930). Rio de Janeiro – São Paulo: Bertrand Brasil, 2006, p. 37.

¹⁴⁷ Ibid., p. 281.

Do inimigo e do mal
 Hoje diz quando se benze
 Livrai-nos Deus de um fiscal.

Para o narrador, agricultura, comércio e indústria sofriam com a cobrança. Sua percepção é a de que o povo se matava de trabalhar para sustentar o governo. A figura do fiscal é demonizada, considerada uma praga pior que doenças.

Aonde dorme um fiscal
 De manha chega a entriga
 Ao meio dia sarampo
 Mais tarde bate bexiga
 As cinco horas da tarde
 Chega lagarta e formiga.

O imposto da honra é outro folheto sobre impostos. Fala sobre o boato da suposta cobrança de um imposto sobre a honra da população, durante o governo de Venceslau Brás (1914-1918). De forma bastante sarcástica, o narrador afirma que, como todo tipo de imposto já era cobrado, restava taxar a honra. Faltariam, no entanto, pessoas honradas para pagar. Na falta delas, ladrões e meretrizes seriam obrigados a pagar e poderiam, com isso, comprovar sua honradez.

O velho mundo vai mal.
 E o governo damnado
 Cobrando imposto de honra
 Sem haver ninguém honrado
 E como se paga imposto
 Do que não tem no mercado?

Procurar honra hoje em dia
 E' escolher sal na areia
 Granito de pólvora em braxa
 Innocencia na cadeia
 Agua doce na maré
 Escuro na lua cheia

O jornal *A Provincia* fala de um “imposto de honra” que seria cobrado, segundo mensagem presidencial, sobre o comércio e o funcionalismo, excluindo-se as classes

populares da cobrança¹⁴⁸. Segundo a matéria, o Brasil possuía uma dívida de mais 6 de milhões de libras esterlinas que não conseguira pagar naquele ano, conseguindo seu adiamento para 1917. O folheto *O imposto da honra*, embora não traga data, possivelmente faz referência à matéria veiculada pela imprensa.

O modelo econômico adotado pelo Brasil durante a Primeira República dependia de constantes empréstimos, que se destinavam ao pagamento de dívidas anteriores e à política de valorização do preço do café. As dívidas contraídas principalmente junto à Inglaterra agravavam a dependência financeira do país.

Quando a receita externa diminuía, devido à queda do volume exportado ou dos preços, o Governo não tinha como continuar pagando os juros e amortizando as dívidas já contraídas. Não havia outro remédio então senão assumir novos compromissos, já que os gastos com as importações dificilmente podiam ser reduzidos. Resultava daí um crescente endividamento externo, apesar de os pagamentos do Brasil serem de fato maiores que os novos empréstimos obtidos. Assim, entre 1890 e 1927, o Brasil efetuou pagamentos no valor de £ 344,8 milhões e recebeu novos empréstimos no valor de £ 325 milhões. Como se vê, o Brasil assumiu novas dívidas principalmente para pagar os juros das anteriores. Apesar de termos pago mais que o valor dos novos empréstimos, o saldo de nossa dívida externa cresceu de £ 31,1 milhões no fim do Império para £ 267,2 milhões no fim da República Velha.¹⁴⁹

Na capa de *O imposto e a fome* está escrito à mão que pertence a Esaú Eloy de Barros Lima, outro dos quatro filhos de Barros. De acordo com o site da Fundação Casa Rui Barbosa¹⁵⁰, ele seguiu carreira militar e participou da Coluna Prestes e da revolta tenentista de São Paulo ocorrida em 1924.

Esse folheto de 1909 tem o desenho de dois homens de fraque, dialogando. O da esquerda, gordo e alto, representa o imposto; o da direita, magro e menor, representa a fome. Barros utiliza a criatividade para satirizar dois problemas que afligiam a população. O tema é um diálogo entre ambos.

O imposto disse a fome:
 Colega, vamos andar,
 Vamos ver pobre gemer
 E o rico se queixar?
 A tarde está suculenta,
 O governo nos sustenta

¹⁴⁸ IMPOSTO DE HONRA. A Província, Recife, ano 39, nº 144, p, 1, 27 mai. 1916.

¹⁴⁹ FAUSTO, Boris (org.): História geral da civilização brasileira, tomo III (O Brasil Republicano), volume VIII – estrutura de poder e economia (1889-1930). Rio de Janeiro – São Paulo: Bertrand Brasil, 2006, p. 399.

¹⁵⁰ BIOGRAFIA à moda da casa. Fundação Casa Rui Barbosa. 2008. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/leandro_biografia.html#. Acesso em 20 jul. 2020.

Nós podemos passeiar.

Disse a fome - eu estou tão triste
 Que nem sei o que lhe diga
 Este novo presidente,
 Vôtes, credo, eu dou-lhe figa,
 Este Hermes da Fonseca,
 Jurou acabar a secca
 Vae tudo encher a barriga.

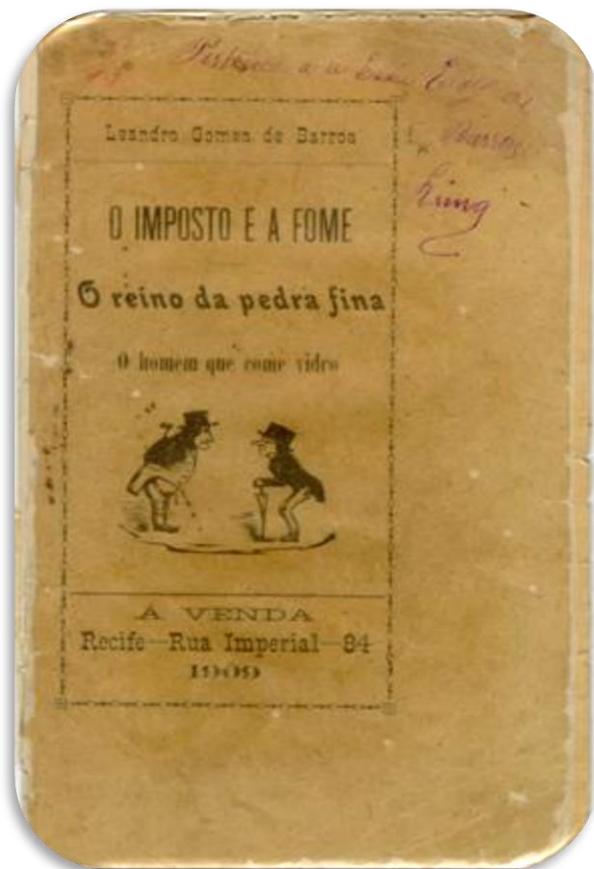


Imagem 4 - BARROS, Leandro Gomes de. O imposto e a fome. Recife (PE, BR): [s.n.], 1909. 16 p (p. 1-6).

A fome diz que tem medo do presidente eleito naquele ano, Hermes da Fonseca (1910-1914), acabar com ela, dando a entender uma certa expectativa do narrador de que aquele governo fosse melhor que os anteriores. Logo em seguida volta ao ceticismo, e o imposto diz para a fome não se preocupar, pois onde existir governo eles reinariam juntos. *O povo na cruz*, sem data, fala sobre a situação do povo e a grande desigualdade social do período. É um dos mais críticos aos governos e instituições da Primeira República.

Alerta, Brazil, alerta!

Disperta o somno pezado
 Abre os olhos que verás
 Teu povo sacrificado
 Entre peste, fome e guerra
 De tudo sobressaltado.
 (...)

A fome come-lhe a carne
 O trabalho gasta o braço
 Depois o governo pega-o
 Ha de o partir a compasso
 Alfandega, Estado, Intendencia
 Cada um tira um pedaço.

O narrador queixa-se dos impostos, da justiça que só beneficia aos ricos, da ganância dos médicos, e da política.

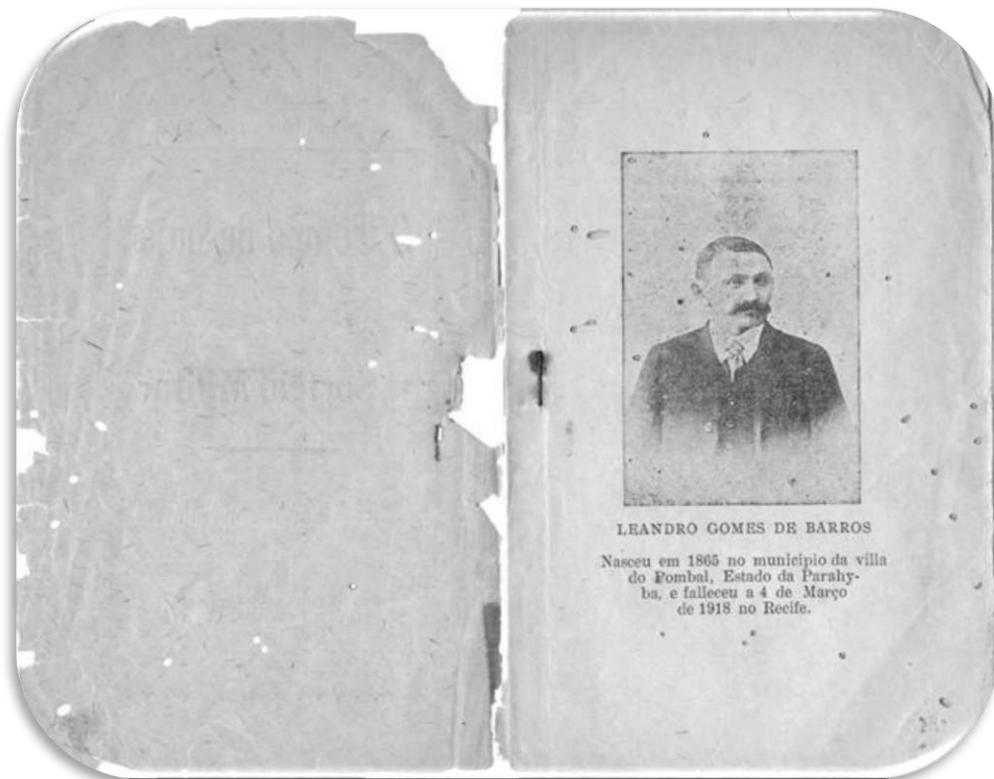


Imagem 05 - BARROS, Leandro Gomes. *O tempo de hoje*. Guarabira (PB, BR): Pedro Baptista, 1918.

A maioria dos folhetos de Barros editados por Pedro Batista foram datados. *O tempo de hoje*, por exemplo, foi lançado em 30 de março de 1918. Na capa há o aviso de que o editor

reservava os direitos de reprodução de acordo com o artigo 649 do Código Civil¹⁵¹. Na contracapa, há uma fotografia de Barros, a data de seu nascimento e sua morte.

Na página seguinte, há um aviso de que Pedro Batista havia comprado a propriedade material da obra de Barros e que somente ele estava habilitado pela lei a reproduzir suas obras. Dado o curto período entre a morte de Barros e a edição deste folheto, possivelmente esta foi sua última obra.

O autor narra com saudosismo o período anterior à Grande Guerra, quando os produtos de primeira necessidade eram mais baratos. Conta que depois da guerra tudo subiu de preço e faltavam gêneros.

Não há quem suporte
 Esta carestia
 De noite e de dia
 Se traqueja a sorte,
 O povo do norte
 Está desarranjado,
 Alem de roubado
 Em peso e medida
 Alimenta a vida
 Com feijão furado.

Na capa de *Os collectores da Great Western* há o aviso de que se encontra à venda na casa do autor, em Areias, Recife. Embora não indique data da publicação, na primeira página o autor menciona que o ano é 1916. O tema central do folheto é o aumento do número de coletores, fiscais que cobravam as passagens dos trens administrados pela companhia inglesa Great Western. Este aumento causa indignação ao narrador.

Era quinze de Janeiro
 Deste anno dezesseis.
 Eu viajava no trem
 Vi o que um collector fez,
 Voava de cada carro
 Dez morcegos de uma vez.

¹⁵¹ Lei Nº 3.071, de 1º de Janeiro de 1916. Art. 649. Ao autor de obra literária, científica, ou artística pertence o direito exclusivo de reproduzi-la.

§ 1º Os herdeiros e sucessores do autor gozarão desse direito pelo tempo de sessenta anos, a contar do dia do seu falecimento.

A expressão “morcego” refere-se aos passageiros que tentavam viajar sem pagar a passagem. A ganância dos ingleses da companhia não poupava padres, soldados, frades e os pobres que não podiam pagar. Sua arrogância é mostrada nesses versos em que o seu português trôpego é destacado.

E se alguém for se queixar
 Diz-lhe o inglez; o senhor
 Deve agradecer a mim
 Ter trem seja como fôr,
 Mim bota trem em Brazil
 Para fazer-lhe favor.

A capa do folheto *Um pau com formigas* possui os endereços de venda e aviso do autor sobre seu direito de propriedade. É um dos únicos folhetos de Barros com uma propaganda, na contra capa. Neste caso é da Papelaria Recife. Na primeira página, aparece escrito à mão o nome Rachel Aleixa de B. Lima e a data 08/01/1912. Era uma das filhas do poeta, provavelmente leitora de suas obras. Encontrei referência a ela no jornal pernambucano *A Provincia*, de Recife, em edições de novembro e dezembro de 1910, onde ela consta como inscrita para os exames dos cursos preparatórios em caligrafia e desenho linear, português, matemática e pedagogia da Escola Normal¹⁵². Segundo Vianna, ela se casou com Pedro Batista, irmão do poeta e editor Francisco das Chagas Batista, vindo a falecer por complicações do parto em junho de 1918, mesmo ano da morte de seu pai¹⁵³. A viúva de Barros, Venustiniana Aleixo de Barros, que concedera ao genro o direito de editar e vender as obras de Barros, desentendeu-se com ele por conta da guarda de sua neta Djenane. Como Pedro Batista não permitiu que a criança fosse morar com a avó materna, ela vendeu todos os direitos das obras de Barros para João Martins de Athayde, em 1921.

Novamente aparecem críticas ásperas à República.

Entao depois da republica
 Tudo nos causa terror
 Cacete não faz estudo
 Mas tem carta de doutor
 A cartuxeira é a lei
 O rifle governador

¹⁵² EXAMES. *A Provincia*, Recife, ano 33, nº 288, p. 1, 08 nov. 1910a.

¹⁵³ VIANNA, Arievaldo. A morte de Leandro. *Acorda Cordel*. 2017. Disponível em: <http://acordacordel.blogspot.com/2017/03/a-morte-de-leandro.html>. Acesso em: 20 jul. 2020.

A expressão “pau com formiga” quer dizer "coisa difícil; situação embaraçosa; defender ora uma, ora outra de duas ideias opostas, a fim de agradar às duas partes" ¹⁵⁴. O narrador queixa-se das injustiças, principalmente quando os menos favorecidos são humilhados e não têm seu valor reconhecido. Os que estão em condição de mando, seja no governo ou nos quartéis, tratam seus subordinados na base da violência.

Ganha o rico a eleição
 O pobre ganha a intriga
 Sacrificou-se por elle
 Elle nem sequer o liga
 O pobre finda dizendo
 Isso é um pão com formiga

3.2 REVOLTAS POPULARES E CONFLITOS NA PRIMEIRA REPÚBLICA

Um conjunto de cinco folhetos analisados trata de revoltas e conflitos ocorridos durante a Primeira República. São eles *A caravana democratica em acção*, *A guerra de Canudos*, *Festas do Juazeiro no vencimento da guerra*, *O princípio das cousas e Resultado da revolução do Recife*. A pequena poesia de 4 páginas *A caravana democratica em acção* é uma defesa da revolução tenentista ocorrida em São Paulo em 1924 e seus desdobramentos posteriores como a formação da coluna Prestes, chamada de caravana democrática pelo narrador, que critica a política da época e diz que o fim das oligarquias está próximo.

Surgiu o sol no horizonte
 Com raios de ouro a brilhar,
 Com a liberdade nas mãos
 Pelo Brasil a espalhar...
 Foi subindo e semeando,
 E o povo em geral gritando:
 Esta livre a nossa irmandade;
 Dizem os bosques aos oiteiros

¹⁵⁴ ROCHA, Carlos Alberto de Macedo. Dicionário de locuções e expressões da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011, p. 338.

Dizem os valles aos ribeiros:
 Nasceu hoje a liberdade.

O folheto foi publicado pela Typografia da Popular Editora, de Francisco das Chagas Batista e consta relacionado junto aos folhetos de Barros no acervo da Fundação Casa Rui Barbosa, mas é impossível que seja de sua autoria, pois trata de fatos posteriores à sua morte.

O narrador defende também a instituição do voto secreto, uma das bandeiras do movimento tenentista. Pode-se perceber que Prestes já era uma liderança reconhecida, uma vez que suas ideias e sua marcha já eram conhecidas pelo Nordeste.

Amanhã terão os homens
 Todos o mesmo conceito,
 E pra todos chegará
 Justiça, lei e direito.
 O jeca do alto sertão
 Que planta o milho e o feijão
 Também poderá votar
 Porque com o voto secreto
 Prestes- o grande insurrecto
 Pode o Brasil governar.

O poeta João Melchíades Ferreira da Silva foi soldado e lutou na guerra de Canudos. Depois de dar baixa no exército, escreveu o folheto *A guerra de Canudos*. Quem descobriu a autoria deste folheto foi o pesquisador José Calasans¹⁵⁵. Embora ele esteja na base de dados da Biblioteca da Fundação Casa Rui Barbosa, não aparece entre os folhetos digitalizados.

No ano noventa e sete
 O exército brasileiro
 Achou-se comandado
 Pelo general guerreiro
 De nome Artur Oscar
 Contra um chefe cangaceiro.

Ergueu-se contra a República
 O bandido mais cruel

¹⁵⁵ CALASANS, José. A guerra de Canudos. Revista brasileira de folclore. Rio de Janeiro: CDFB, n. 14, jan-abr 1966.

Iludindo um grande povo
 Com a doutrina infiel
 Seu nome era Antonio
 Vicente Mendes Maciel.

Nos primeiros versos fica evidente que a história é narrada do ponto de vista dos militares. Para o autor, Conselheiro era um fanático que fugira do Ceará depois de matar a mãe e iludia o povo carente com falsos milagres; não passava de um cangaceiro, que junto com seus seguidores, formaram um bando para cometer os mais variados crimes.

Confiado no cangaço
 E nos crimes que fazia
 Acabou com os impostos
 Pelo centro da Bahia
 Dizendo que mais tarde
 Restaurava a monarquia.

Silva narra detalhes como armamentos, quantidades de homens e os comandantes das expedições que foram enviadas para destruir Canudos. A morte do coronel Moreira Cesar é descrita como uma notícia que assustou todo o exército brasileiro. Os horrores do conflito foram vividos de perto pelo autor.

Incendiou-se Canudos
 Muitos morreram queimados
 Nas labaredas do fogo
 Ficaram carbonizados
 Achou-se as mães em carvão
 Com os filhinhos abraçados.

Silva termina o poema de forma bem pessimista, atribuindo à política os piores crimes e problemas do Brasil.

O princípio das cousas tem na capa um pequeno desenho de um padre representando o Padre Cícero e o endereço para venda. O tema do folheto são os embates que desembocaram na Sedição de Juazeiro (1914), e como no início Barros diz que já faziam 24 anos que o Brasil vivia em confusão, provavelmente ele foi escrito entre 1913 e 1914, 24 anos após a proclamação da República.

O governo Ciarense
 Diz de lá que não afrocha
 O padre do Juazeiro

Enquanto puder acocha
 O povo pobre sem culpa
 É quem aguanta a brocha

O povo do Ciará
 Detestava o Acyoli,
 Botaram Franco Rabello,
 Pensando que ele era molle,
 Porem encontraram duro
 Agora quem é que bolle.

Há de morrer muita gente
 Naquelle inculto sertão
 Principalmente os fanáticos
 Divido a religião
 Os clamores que hão de haverem
 Farão cortar coração

A postura do narrador em relação ao movimento é bastante crítica, O povo é chamado de fanático e a postura do Padre Cícero de achar que pode dar jeito em tudo é fortemente reprovada.

O padre de Juazeiro
 Onde manda o pôvo vai
 Se elle disser a um filho
 Vossê vá matar seu pai
 Escute o tiro do rifle
 Espere que o velho cai

Festas do Juazeiro no vencimento da guerra é um dos folhetos de Barros com o maior desenho na capa. Ao fundo o Padre Cícero de batina, em frente a uma igreja. Na frente, dezenas de homens de chapéus empunhando armas, com roupas de cor clara e um homem em destaque de preto com gesto de aplauso. É o exército de jagunços que promoveu a revolta chamada Sedição de Juazeiro.

O folheto narra de maneira favorável aos revoltosos os acontecimentos deste conflito ocorrido em 1914, entre as oligarquias cearenses contra a intervenção dos oficiais “salvacionistas”, ligados ao governo Hermes da Fonseca (1910-1914).

Esta intervenção se insere no contexto do “movimento salvacionista” ou “política salvacionista”, que ocorreu durante o governo Hermes da Fonseca, eleito em 1910. Até 1909 havia um acordo entre as oligarquias de São Paulo e Minas Gerais, para a sucessão à presidência, mas após dissidência, o pleito foi o primeiro da República onde houve uma efetiva disputa. De um lado, São Paulo e Bahia lançaram a candidatura de Rui Barbosa. Do outro, o marechal Hermes da Fonseca, contou com o apoio do Rio Grande do Sul, de Minas Gerais e dos militares. O primeiro tentou atrair as camadas médias urbanas com a “campanha civilista”, que contava com apoio de intelectuais e defendia princípios democráticos e o voto secreto, e “sua campanha se apresentou como a luta da inteligência pelas liberdades públicas, pela cultura, pelas tradições liberais, contra o Brasil inculto, oligárquico e autoritário”¹⁵⁶. A campanha do segundo defendia ampla autonomia dos estados, equilíbrio orçamentário e a não violação da constituição.

Hermes da Fonseca venceu a disputa, e oficiais militares que pressionavam o presidente por uma mudança no sentido de acabar com o poder das oligarquias, “foram os principais responsáveis pelo movimento ‘salvacionista’, destinado a ‘salvar’ a pureza das instituições republicanas, através da derrubada de Governos locais, sobretudo no Nordeste”.¹⁵⁷ Este movimento pode ser entendido como uma tentativa de grupos militares conterem o poder político das oligarquias. Eles acreditavam que era preciso moralizar a política, e reduzir a grande pobreza e desigualdade no país, mas não tinham propostas de reformas mais profundas, e nas intervenções que realizaram, “os ‘salvacionistas’ acabaram por se aliar a facções de oposição sem grandes diferenças com os antigos exercentes do poder”.¹⁵⁸

As principais intervenções foram em Alagoas, Bahia, Pernambuco e Ceará, embora houvesse planos de realiza-las em outros estados. Em cada um dos estados houve suas peculiaridades. No caso do Ceará, que era dominado pelos Acioli, a oposição apresentou como candidato o Coronel Franco Rabelo, ligado aos “salvacionistas”, que foi declarado vencedor depois de intensa disputa. A maioria dos membros da Assembleia Legislativa, que apoiava a oligarquia dominante, fugiu para o interior do estado, e nomeou Floro Bartolomeu como governador. Forças lideradas por coronéis locais, contando com apoio do Padre Cícero Romão, enfrentaram as tropas que apoiavam Franco Rabelo, levando-o a renunciar.

Nove centos e quatorze

¹⁵⁶ FAUSTO, Boris. História do Brasil. São Paulo: Edusp, 2006, p. 271.

¹⁵⁷ FAUSTO, Boris (org.): História geral da civilização brasileira, tomo III (O Brasil Republicano), volume IX – Sociedade e instituições (1889-1930). Rio de Janeiro – São Paulo: Bertrand Brasil, 2006, p 435.

¹⁵⁸ Ibid, p. 436.

Num bello dia de Abril,
 Entrava no Joaseiro
 O batalhão varonil
 Que deixava o Ciará
 Livre da guerra civil
 Entravam os libertadores
 Do padre Cícero Romão
 Tudo de chapéo armado
 E carabina na mão.
 O padre a porta do templo,
 Recebeu-os com um sermão.

O livreto segue narrando a felicidade com que as forças rebeldes foram recebidas na cidade de Juazeiro, depois que o governador Franco Rabelo renunciara. A vitória é anunciada como um feito divino. Os coronéis que apoiaram a rebelião confraternizavam com o povo e discursavam em meio a muitos fogos de artifício. A vitória é atribuída ao Padre Cícero, que explica que a violência contra irmãos fora inevitável. O narrador termina dizendo como tomara conhecimento dos acontecimentos.

Isso contaram-me aqui,
 Se é exajêro não sei,
 Só afirmo de minha parte
 Que não fui quem levantei
 Quem me contou foi um velho
 Por isso eu acreditei.

Na última página do folheto aparecem os nomes dos agentes representantes das vendas na Paraíba, Rio Branco-AC, Manaus-AM, Caruaru-PE, Pesqueira-PE e Santa Luzia-PB, o que demonstra o alcance das vendas. Também aparecem os seguintes dizeres: "Em nossa biblioteca particular, encontra-se vinte e tantas qualidades de folhetos deste autor. Remete-se pelo correio mediante a importância, qualquer quantidade para qualquer Estado"¹⁵⁹.

O que poderia ter ocorrido para a mudança na visão do autor sobre estes acontecimentos e sobre a figura do Padre Cícero? Como *O principio das cousas* é o único folheto em que se critica o religioso, enquanto em todos os outros ele é reverenciado,

¹⁵⁹ BARROS, Leandro Gomes de. Festas do Juazeiro no vencimento da guerra. [S.l.]: [s.n.], [19-].

possivelmente isto ocorreu porque enquanto o conflito não se definia, o autor se sentia mais à vontade para emitir sua opinião. Com a vitória dos sertanejos apoiados pelo padre, seria mais prudente tecer elogios, uma vez que era um personagem bastante reverenciado pelo Nordeste. Outra hipótese é que uma destas obras – a que é favorável ao Padre Cícero, ou a que o critica – tenha sido feita por encomenda, algo muito comum no universo dos poetas cordelistas. Como os folhetos possuíam um grande alcance, às vezes maior que a imprensa, eles eram utilizados para fazer propaganda ou difamação de personagens públicos. Orígenes Lessa¹⁶⁰ aponta que era habitual a encomenda de folhetos por parte de políticos, com o intuito de se tornar mais conhecido junto ao público.

Canudos pode ser considerado um movimento social do campo que combinou conteúdo religioso com carência social¹⁶¹. Seu líder, Antonio Conselheiro, desafiou os coronéis locais e acabou açulando o governo de Prudente de Morais (1894-1898). O movimento foi taxado de monarquista, embora estivesse “ligado às condições de vida do sertão e ao universo mental dos sertanejos”¹⁶².

Os movimentos liderados pelo Padre Cícero também tiveram um conteúdo religioso muito forte misturado à carência social do sertão cearense. Padre Cícero também se chocou contra interesses políticos e religiosos, mas diferentemente de Conselheiro, ele “se transformou em um misto de padre e coronel que se envolveu com suas forças militares, nas lutas políticas da região”¹⁶³.

A capa vermelha do folheto *Resultado da revolução do Recife*, de Francisco das Chagas Batista traz a data 1912. Não há imagens, apenas o endereço da Tipografia da Livraria Gonçalves Penna e Cia. Este folheto narra os fatos relativos à revolta ocorrida em fins de 1911, em que forças do governador interino de Pernambuco Estácio Coimbra se bateram contra forças lideradas pelo general Dantas Barreto, que renunciou ao cargo de Ministro da Guerra do governo Hermes da Fonseca, para participar da eleição pela oposição à oligarquia

¹⁶⁰ LESSA, Orígenes. Getúlio Vargas na literatura de cordel. Rio de Janeiro: Documentário, 1973, apud CABRAL, Geovanni Gomes. Getúlio Vargas e as representações nos *corpus* de folhetos de 1945 a 1954. In: XXVI simpósio nacional da ANPUH - Associação Nacional de História, 2011, São Paulo. Anais do XXVI simpósio nacional da ANPUH - Associação Nacional de História, 2011. p. 1-17.

¹⁶¹ FAUSTO, Boris. História do Brasil. São Paulo: Edusp, 2006, p. 295.

¹⁶² Ibid., p. 257.

¹⁶³ Ibid., p. 295.

dominante no estado, ligada a Rosa e Silva¹⁶⁴. Este conflito também se insere no contexto das “salvações”.

Segundo o narrador, tropas federais foram enviadas a Pernambuco para garantir as eleições, que eram controladas pelo governador interino Estácio Coimbra e a oligarquia da qual fazia parte.

A oligarquia julgava
 Que com seu orgulho forte,
 Escravizaria o pôvo
 Do grande "Leão do Norte";
 Porém esse despotismo
 A muitos custou a morte!
 Porque esse velho "Leão"
 Que se chama Pernambuco,
 - Berço dos libertadores -
 Canéca e Joaquim Nabúco,
 Botou as unhas de fóra
 E mostrou que tinha súco!..

O narrador conta que depois de uma revolta popular, as forças oligárquicas foram derrotadas e o povo quis invadir a casa do governador, porém o exército garantiu sua proteção. Dias depois, a Assembleia Estadual empossou o general Dantas Barreto como Governador.

Da grande revolução
 O que sabia eu contei;
 Se disse alguma mentira
 Não foi eu que a inventei:
 Achei na bôca do pôvo
 Tudo que aqui publiquei

O narrador, que até então se mostrava otimista com a revolução em Pernambuco, nos últimos versos se mostra mais cauteloso.

Se faço esta confissão
 E' pra ninguem pensar

¹⁶⁴ Francisco de Assis Rosa e Silva (1857-1929), político mais influente da oligarquia pernambucana na Primeira República, foi ministro, deputado federal, senador e vice-presidente do governo Campos Sales (1898-1902). Adquiriu em 1901 o Diário de Pernambuco.

Que eu ostilizo Róza,
 Para Dantas chaleirar.
 De um, não sou inimigo,
 Nem fui com o outro votar.

Esses versos podem demonstrar que não era bom naquele período ficar contra as oligarquias mesmo que derrotadas.

Se algum dia em meu país
 O voto livre existir,
 Talvez que eu ainda vóte
 N'aquêle que me convir.
 Bôa noite. N'esse assunto
 Não desejo me expandir.

Com esses versos Batista termina o folheto criticando o chamado voto de cabresto, o que demonstra haver uma percepção por parte dele, e que também poderia ser de seus leitores, de que as eleições não eram livres.

3.3 PROCESSO ELEITORAL NA PRIMEIRA REPÚBLICA

Foram selecionados três folhetos de Barros que tratam especificamente do tema eleição: *A Ave Maria da eleição*, *A voz do povo pernambucano* e *As promessas do governo*.

Carvalho¹⁶⁵ destaca que a participação nas eleições da Primeira República era muito pequena. Apesar de cerca de 20% da população estar apta a votar, o número dos que compareciam às votações não chegava a 4%, pois era “generalizado o receio de sair às ruas em dias de eleição devido à violência dos capangas a serviço dos candidatos”¹⁶⁶.

De fato, havia fraude no alistamento de eleitores, fraude na votação, fraude na apuração dos votos, fraude no reconhecimento dos eleitos. Todas as fases do processo eleitoral eram controladas por pessoas ligadas às chefias locais que se conectavam, por sua vez, às chefias estaduais e essas à nacional¹⁶⁷.

¹⁶⁵ CARVALHO, José Murilo de. Os três povos da República. Revista USP, São Paulo, n.59, p. 96-115, set./nov. 2003.

¹⁶⁶ Ibid., p. 105.

¹⁶⁷ Ibid., p. 105.

Às oligarquias estaduais, não interessava a participação do povo nas eleições. Pelo contrário, ela era desencorajada através do uso da força, pois quanto mais eleitores, mais caro se tornava o processo.

A Ave Maria da eleição, de 1907, é uma paródia da Ave Maria em que Barros fala de maneira cômica sobre os problemas e a falta de liberdade das eleições daquele período. Trata sobre a compra de votos, o uso da força por parte do governo, o medo dos eleitores e as fraudes.

No dia da eleição
 O povo todo corria
 Gritava a oposição
 -Ave Maria.
 Via-se grupos de gente
 Vendendo votos nas praças
 E a arma do governo
 -Cheia de graça
 (...)
 A oposição gritava
 De nós não ganha ninguém
 Respondia os do governo
 -Amen.

A voz do povo pernambucano, escrito em 1911, narra a acirrada eleição (a mesma que Francisco das Chagas Batista fala em *Resultado da revolução do Recife*) para o governo de Pernambuco, ocorrida naquele ano, em que disputavam de um lado o general Dantas Barreto e de outro o oligarca Rosa e Silva. Barros escreve o folheto antes de saber o resultado oficial do pleito. Tece elogios aos dois candidatos, destacando seus feitos e o quanto são apoiados e aclamados por onde passam. Porém, nos versos a seguir, deixa bem claro sua posição:

Meus votos é que tudo ganhe.
 E eu não tenha prejuízo.
 Porém fallar de um ou outro,
 Isso não! Que eu tenho juízo;
 Ninguém me da de comer,
 No dia que eu estiver lizo.

Mais uma vez, são inúmeras as referências à violência que estava presente nas eleições, tanto do lado da situação, quanto da oposição. E no meio disso tudo estava o povo.

O Diário de Pernambuco, cujo proprietário era Rosa e Silva, anunciou sua vitória, dia 21 de novembro de 1911:

O pleito eleitoral travado no dia 5 do corrente, e cujo resultado está agora plenamente reconhecido, passará à história como a mais bela afirmação dos sentimentos liberaesdos homens que em Pernambuco têm as responsabilidades do poder (...) A oposição não quer confessar a sua derrota, fantasiando algarismos, apesar de seus fiscaís, em todas as secções eleitoraes, terem assignado as actas e recebido boletins. O resultado deste pleito honra sobremodo ao Dr. Rosa e Silva e ao seu glorioso partido, aclarando que em Pernambuco são exercidas as boas praticas do regimen republicano por parte dos poderes públicos e de seus dirigentes¹⁶⁸.

Durante todo o mês de novembro ocorreram embates entre os partidários de Rosa e Silva e Dantas Barreto. Recife foi palco de manifestações populares, que provocaram choques com a polícia e culminaram com a renúncia do governador Estácio Coimbra, diante da recusa de intervenção do governo federal e do Exército. Pelo estreito vínculo com a candidatura Rosa e Silva, o Diário de Pernambuco teve sua sede apedrejada e invadida e, por isso, não circulou durante 14 dias. Voltou em 25 de novembro para, em seguida, fechar suas portas até janeiro, quando reapareceu dirigido pelo ex-chefe de polícia Elpídio de Figueiredo. Nesse ínterim, foram anunciados os resultados oficiais das eleições, dando a vitória a Dantas Barreto. Mas esse período oposicionista do matutino durou pouco porque, em fevereiro, o jornal acabou empastelado em definitivo pelo novo governo, permanecendo fechado por dois anos.¹⁶⁹

O Jornal do Recife, que apoiara Rosa e Silva no pleito, reconhece a vitória de Dantas Barreto e passa a fazer-lhe elogios.

Reconhecido e proclamado eleito governador de Pernambuco para o quadriennio de 1911 a 1915 pelo poder legislativo do Estado em secção de hontem, deverá tomar posse hoje daquele elevado cargo o exm. Sr. General de divisão Emygdio Dantas Barreto. Acontecimento de alta significação na vida politica do Estado a posse do ilustre militar revestir-se-á da maior solenidade, assignalando-se, principalmente pelo entusiasmo publico que, há dias em expansão continua, reserva-se ainda para maiores demonstraões¹⁷⁰.

A obra *As promessas do governo* não possui capa. É composta de queixas contra os políticos em geral, que fazem promessas aos eleitores, mas não se preocupam em cumpri-las. Mais uma vez, percebe-se que o autor não era ingênuo quanto às práticas eleitorais da Primeira República.

¹⁶⁸ VICTORIA DIGNA. Diário de Pernambuco, Recife, ano 87, nº 309, p. 1, 21 nov. 1911.

¹⁶⁹ Em 1913 o Diário de Pernambuco foi comprado por Carlos Benigno Pereira de Lira.

¹⁷⁰ GENERAL DANTAS BARRETO. Jornal do Recife, Recife, ano 54, nº 348, p. 1, 19 dez. 1911.

Esses homens da política,
 Eu sei bem eles quem são,
 Só conhecem o eleitor
 Na véspera da eleição,
 Depois disso o eleitor
 Não tem valor de um tostão.

3.4 SITUAÇÃO DOS TRABALHADORES RURAIS E O CLIMA DO SERTÃO

Quatro folhetos escolhidos tratam das condições de vida dos trabalhadores rurais e da influência do clima (seca e inverno) em suas vidas: *A sêcca do Ceará*, *O retirante*, *A sujeição dos brejos da Parahyba do Norte* e *O sertanejo no sul*.

A sêcca do Ceará, de 1920, foi editado e vendido por Pedro Batista. Ao contrário de Athayde, Pedro Batista apontava a autoria de Barros na maior parte dos folhetos que editou. Este folheto trata da seca que constantemente afligia aos camponeses cearenses, que perdiam animais, plantações e eram obrigados a se retirar para o litoral em busca da sobrevivência. Para o narrador, a face mais cruel da seca estava na fome, que deixava as pessoas cadavéricas. Ele compara a situação do Brasil com a da Europa, que mesmo estando em guerra, lá os governos ainda ajudavam a população, enquanto que no Brasil o governo tomava o pouco que se tinha e ainda aumentava os impostos.

Séca a terra as folhas caem,
 Morre o gado sai o povo,
 O vento varre a campina,
 Rebenta a secca de novo;
 Cinco, seis mil emigrantes
 Flagellados retirantes
 Vagam mendigando o pão,
 Acabam-se os animaes
 Ficando limpos curraes
 Onde houve a criação.

Este folheto foi publicado posteriormente à morte de Barros. Possivelmente havia sido escrito por volta de 1915, quando uma grande seca castigou o Ceará. Atento ao tema, o

editor o publicou no momento em que nova estiagem atingia o estado, conforme informa o Diário de Pernambuco, onde se pode ler que “o Ceará agonisa. Está oprimido sob a mais triste situação que se possa imaginar. (...) Seja sabido por todos que o último inverno que o Ceará teve, findou-se em junho de 1918”¹⁷¹.

O retirante foi editado e publicado por Athayde, mas é da autoria de Barros. Percebe-se uma capa mais elaborada onde aparece uma família caminhando, o homem na frente com um machado nas costas, seguido pela mulher com uma criança no colo, levando uma cabra pela mão. O casal é seguido por outras pessoas, provavelmente seus filhos, que eram muitos. O poema segue a trajetória de uma família de retirantes.

É o diabo de luto
no ano que no sertão
se finda o mez de Janeiro
e ninguem ouve trovão
o sertanejo não tira
o olho do mutulão.
E diz á mulher
prepare o balaio,
amanhã eu saio
se o bom Deus quizer

O sertanejo prepara suas coisas, arruma o que comer na viagem e parte com sua família, lamentando, pois o sul não prestaria para sertanejo. Enquanto vão pela estrada, fazem orações ao Padre Cícero e pedem para que chova e que possam regressar.

Se quereis me ajudar
que chova em Janeiro,
que em fevereiro
eu possa plantar
e possa voltar
não morra em caminho
vou indo sosinho
e rezo num dia
dez Ave Maria

¹⁷¹ A SECCA NO CEARÁ. Diário de Pernambuco, Recife, ano 96, nº 22, p. 3, 23 jan. 1920

para meu padrinho.

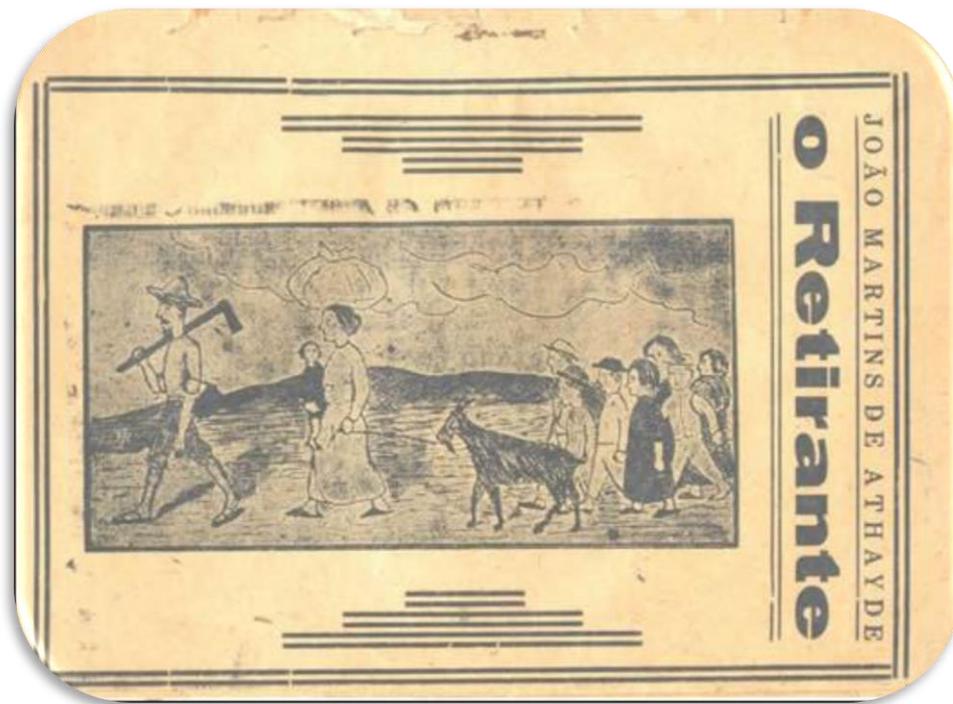


Imagem 6. BARROS, Leandro Gomes de. *O Retirante*. Recife (PE, BR): Cruzeiro, 1946. 8 p.

De José Camelo de Melo Rezende há a obra *A sujeição dos brejos da Parahyba do Norte*. A edição examinada custava 400 réis e foi impresso pela Livraria e Tipografia Lima, em Guarabira-PB. O tema do poema é a exploração do trabalhador na região dos brejos, na Paraíba.

Hoje o Brasil quase todo
 Vae ficando escravizado
 Mas na Parahyba o jugo,
 Ja se acha habilitado
 Portanto eu solto clamores
 Por ser filho deste Estado.

Os filhos do desgraçado
 Que vive na sujeição,
 Vivem nós como nasceram
 Chorando a falta de pão;
 Não crescem, são opilados
 Porque só dormem no chão.

O autor possui um estilo mais objetivo e sério que Barros. Critica a hipocrisia do discurso dos senhores proprietários que pedem paciência e fé aos seus trabalhadores. Chama-os de falsos cristãos que só agem por interesse. Compara o homem aos animais e chega à conclusão que estes são melhores, pois não sujeitam seu semelhante ao jugo. A pobreza é explicada pela substituição das antigas lavouras de subsistência pela monocultura da cana de açúcar. O poema termina com um acróstico do nome do autor, artifício muito utilizado pelos cordelistas para expressar a autoria e evitar fraudes.

Junto mais, a ti, pobreza
 Os meus clamores d'amigo
 Se não me junto contigo
 E porque temo a Riqueza
 Contudo a minha afoiteza
 A favor do teu direito,
 Mostrou que sente no peito
 Enorme sofrer também
 Lamento como ninguém
 O pobre viver sujeito

O livreto *O sertanejo no sul*, de Barros, traz na capa o endereço de venda, rua Motocolombó 28, em Recife. Como foi o último endereço de Barros, a publicação se situa entre 1917 e 1918. Narra a trajetória de uma família bastante numerosa que deixa o sertão no tempo de seca e vai trabalhar nos engenhos de cana-de-açúcar. A história é narrada do ponto de vista do sertanejo. Sua a família é tão numerosa que nem o pai nem a mãe sabem quantos são. Lembram apenas vagamente o mês em que nasceram e quantos faleceram. Quando chegam ao engenho, são recebidos de forma rude por “seu Major”, o senhor de engenho, que os explora no eito e no armazém. No fim do poema a esperança que resta é pedir ao Padre Cícero que os ajude.

Mas meu padrin pade Cirço
 Inda está no Joazeiro,

Elle ha de ser servido,
 Que eu inda ganhe dinheiro,
 E com os poderes delle
 Inda seja um fazendeiro.

3.5 GRANDE GUERRA

Quatro folhetos selecionados tratam do maior conflito da época, a Grande Guerra, que povoava o noticiário e o imaginário dos poetas. São eles: *A Allemanha vencida e humilhada*, *A victoria dos alliados: a derrota da Allemanha e a influenza hespanhola*, *As afflições da guerra da Europa* e *Echos da pátria*.

As afflições da guerra da Europa, de 1915, é um dos poucos folhetos publicados pelo próprio Barros que possui imagem na capa. Apesar de bastante deteriorada, é possível ver a torre Eiffel, fumaça e fogo. O narrador chama o conflito de Guerra da Europa. Possivelmente a expressão Grande Guerra ainda não era tão difundida.

O arqueduke Fernando
 Indo a servia passeiar
 Conduzindo sua esposa
 Que queria viajar
 Não sabia que uma cobra
 Havia de os emboscar.

Os embates diplomáticos que se seguiram ao fato narrado são descritos pelo autor, o que mostra que ele estava inteirado sobre os acontecimentos. As alianças definidas naquele período são descritas em rimas pelo autor. Ele deixa clara sua posição favorável aos aliados. No trecho abaixo, indica que a possível entrada dos EUA na guerra, que só aconteceria em 1917, poderia solucionar o conflito.

Oh! Grande América do Norte!
 Terra de um povo ilustrado
 Intervem nesta miseria
 Olha o mundo derrotado
 Mata o homem o seu irmão
 Como um cão deseaperado.

Em *Echos da pátria*, de 1917, Barros trata da entrada do Brasil na Grande Guerra. Os versos assumem um estilo mais dramático e épico, contrastando com o humor e a ironia da maior parte dos folhetos de Barros analisados. O narrador evoca as glórias da guerra do Paraguai. Fala da coragem do brasileiro e de sua altivez.

Despertaí filhos da Pátria
 Mostraí a vossa façanha
 Arriscaí o peito á balla
 Ide morrer na campanha
 Um soldado brasileiro
 Não rende pleito á Allemanha.

Barros narra feitos memoráveis de brasileiros considerados ilustres, como Santos Dummont, Rui Barbosa. Fala dos navios brasileiros que a Alemanha torpedeou, citando inclusive os nomes dos navios Paraná e Macau, um dos motivos para a declaração de guerra. Destaca que houve comoção popular com essas notícias para que o Brasil entrasse no conflito. O brasileiro é descrito como um povo que, por conta do sofrimento, está acostumado às dificuldades, um povo que sabe improvisar, que está acostumado à violência e as asperezas da vida, e que, portanto, a Alemanha não poderia derrotar.

O folheto *A Allemanha vencida e humilhada*, de Barros, editado por Pedro Batista, traz na capa a expressão "folk-lore nordestino" e o preço de 300 Réis. Na contracapa há um aviso de que Eloy Baptista de Mendonça está encarregado de vender os folhetos, podendo vender em grosso, isto é, grande quantidade. A data do folheto é maio de 1918. Levando-se em conta que Barros faleceu em março daquele ano, este é provavelmente um de seus últimos trabalhos.

A guerra só se encerraria oficialmente em novembro de 1918, mas já era possível ao autor perceber naquele momento a derrocada da Alemanha, principalmente após a entrada dos Estados Unidos na guerra, em 1917.

Até que afinal chegamos
 Ao final da tal grande guerra
 Que tanto mal produziu
 Geralmente em toda a terra
 E a Allemanha vencida
 Se humilha, grita e berra.

Para o narrador, Padre Cícero Romão fizera uma profecia acerca da derrota da Alemanha, o que demonstra a influência do religioso, que poderia interceder até em assuntos estrangeiros.

E o que o Padre Cicero diz
Se aprova no mundo inteiro

Padre Cícero teria dito que a hora da Alemanha havia chegado e que este povo era inimigo de Deus. Outro fato que se pode destacar é a percepção de que morreram mais de 40 milhões nesta guerra, número bem acima das estimativas oficiais.

Navios torpedeados
E cidades destruídas
Devastação de searas
E cathedraes demolidas,
Ella paga no contado
Milhões e milhões de vidas

Mais de quarenta milhões
De vidas ali tombaram.
No seio da eternidade,
Agora regosijaram
Vendo não se ter perdido
O sangue que derramaram.

O narrador diz que a Alemanha foi a maior força na guerra até a entrada da América do Norte.

A força do despotismo
Se curva a voz do direito
A Allemanha vencida
Vae pagar o que tem feito
A Lorena volta à França
Dessa feita e não tem geito.

O narrador tem a percepção que a França quer se vingar pelo que passou em 1870 na guerra franco-prussiana. Outra percepção sua é de que os Estados Unidos não queriam entrar na guerra e foram provocados. Barros cita detalhes das batalhas de Verdun e Marne, demonstrando que estava muito bem informado sobre a guerra. A guerra é narrada por ele

como um diálogo entre as superpotências, com a Alemanha falando com a França, Inglaterra, Áustria, Rússia, etc.

O folheto termina falando sobre uma peste que assolava a Europa e a costa da África no final da primeira guerra, a gripe espanhola, que teria dizimado parte da esquadra brasileira enviada à guerra.

A fome, a peste e a guerra
 Juraram nos acabar,
 A guerra trancou o mundo
 Jogou a chave no mar,
 A peste bateu na porta
 Dizendo: eu quero entrar

A victoria dos aliados: a derrota da Alemanha e a influenza hespanhola, de João Melchíades Ferreira da Silva, foi publicado pela tipografia da Popular Editora, de Francisco das Chagas Batista, de quem o autor era amigo. Este folheto de 1918 narra os momentos finais da Grande Guerra e a doença que afligia ao mundo naquele período, a gripe espanhola, tema também abordado por Barros.

Matuto, se estaes com mêdo,
 Podeis ficar descansados,
 Que a balança da guerra
 Pendeu para os aliados
 E os imperios centraes
 Já estão desanimados.

O autor deixa claro que está narrando os acontecimentos da guerra para seus leitores sertanejos. Demonstra estar muito bem informado sobre os fatos do conflito, uma vez que os cita em pormenores, como por exemplo, a derrubada e morte do Czar na Rússia, o enfraquecimento do Kaiser Guilherme II e a retomada da Bélgica pelos aliados.

Nota-se uma grande euforia e otimismo em relação à participação do Brasil e um certo exagero em relação à sua importância e ao número de soldados enviados.

O Brasil já mandou gente,
 Vai mandar cem mil soldados,
 Todo jovem brasileiro
 Voluntario e sorteiados
 A Alemanha sem recurso
 Não aguenta os aliados.

A influenza espanhola, uma das pandemias mais letais que teve início naquele ano, é descrita como um castigo divino que vinha para punir os orgulhosos e soberbos e indício de que estavam se cumprindo as profecias do Apocalipse.

Ninguem quer acreditar
 No que o Apocalypse annuncia,
 Mas está acontecendo
 As cousas da prophesia,
 Falso profeta e guerra,
 Fome, peste e carestia.

3.6 NOVIDADES, GÊNERO E RELIGIÃO

Seis dos folhetos escolhidos abordam transformações culturais, tecnológicas e religiosas que o Brasil vivenciou, no período da Primeira República, principalmente em função das mudanças nas relações de trabalho e avanço na urbanização da sociedade. São eles: *O novo balão*, *Os aviadores e a viagem pelo espaço*, *Peleja de Severino Pinto com Severino Milanês*, *As cousas mudadas*, *As saias calções* e *A religião contra o protestantismo*. *O novo balão*, de Barros, é outro folheto com nome de Rachel Aleixa de B. Lima e a data 1912 anotados à mão. Fala sobre as novidades do início do século XX que chegavam ao conhecimento do narrador.

Parece que o seculo vinte
 Já chegou com prevenção,
 Abrindo as portas a onde
 Estava oculta a invenção;
 Quando entrou em poucos dias
 Estreou logo o balão.
 Depois fez o aeroplano,
 Porem com outro systema
 Differente do balão
 Até mesmo no emblema;
 Trouxe o telegrapho sem fio
 Zo-o-phone e cinema.

Em 1900, o conde e general alemão Ferdinand von Zeppelin fez um voo com o dirigível LZ-1, que teve muita repercussão. No ano seguinte, Santos Dumont conquistou o prêmio Deutsch depois de contornar a Torre Eiffel com um dirigível. Em 1906, o mesmo Santos Dumont fez o primeiro voo com o aeroplano 14 Bis. O telégrafo sem fio foi inventado por Guglielmo Marconi, na Inglaterra, em 1897, e ganhou bastante notoriedade depois que conseguiu enviar mensagens para os Estados Unidos, em 1901, atravessando o Atlântico.

Nos versos seguintes são narrados casos duvidosos de gente que caçava de balão e até "vaquejava urubu". Conta-se também que muitos conseguiam subir aos céus e foram recebidos por São Pedro. No fim do poema, ocorre um diálogo curioso de São João com um viajante sobre a situação do Brasil:

São João pergunta a Gino
 O Brazil cá como ia,
 Se já tinham levantado
 A força da oligarchia.
 Disse Gino: - essa, coitada,
 Só está esperando o dia.

De Antônio Ferreira da Cruz, há a obra *Os aviadores e a viagem pelo espaço*, editada por Pedro Batista, na Tipografia D' "A luz", em Guarabira-PB. Este folheto de 1922, ano do centenário da independência, fato lembrado pelo autor, trata da primeira travessia aérea do Atlântico Sul, realizada por Carlos Viegas Gago Coutinho (1869 -1959) e Artur de Sacadura Freire Cabral (1881 – 1924) que vieram ao Brasil num hidroplano, uma máquina capaz de voar pelo céu e pousar na água. O feito histórico foi amplamente noticiado e comemorado em diversos veículos de comunicação, como em *O Paíz*.

Gago Coutinho e Sacadura Cabral concluíram hontem com a chegada ao Rio de Janeiro, a prova formidável, e única até hoje, da travessia aérea do Atlantico, entre a Europa e a America do Sul. Sobre este inexcédível triumpho, para cuja conquista a inteligencia, o saber e a temeridade se alliam, estão voltadas, de há muito, as atenções do mundo¹⁷².

Os acontecimentos reais são misturados pelo narrador a situações fictícias, em que os aviadores percorrem vários estados do Brasil à procura de Manoel Galope, um golpista que havia enganado a muitos em Pernambuco e enriquecera às suas custas. Depois de encontrarem Manoel Galope, seguem viagem por outras paragens, passando inclusive pelo Rio de Janeiro, onde são recebidos pelo presidente Epitácio Pessoa.

Quando chegaram no Rio,

¹⁷² PORTUGAL-BRASIL. *O Paiz*, Rio de Janeiro, ano 38, nº 13755, p. 1, 18 jun. 1922.

No porto o balão baixou,
 O povo todo esperava
 E alegre os abraçou,
 Diversas musicas tocaram,
 Muito fogo se queimou.

O digno Dr. Epitacio,
 Presidente da Republica,
 Homem de linhagem nobre,
 De brio talento e rubrica,
 Recebeu com grande festa
 O balão em praça publica.

De Severino Milanês da Silva, abordamos a obra *Peleja de Severino Pinto com Severino Milanês*, que trata de assuntos variados, como História, Geografia e Ciências. Editada por José Bernardo da Silva, o proprietário dos direitos da obra, traz na capa uma gravura de dois violeiros sentados em cadeiras. A peleja é um gênero oriundo das cantorias, uma disputa entre dois adversários. Cada um tem direito a uma fala, e no poema o narrador é identificado pela primeira letra do nome.

M (Milanês) - Pinto você veio aqui
 se acabar no desespero
 eu quero é cortar-lhe a crista
 dismantelar seu poleiro
 aonde tem galo velho
 pinto não canta em terreiro
 P (Pinto) - Mas comigo é diferente
 eu sou um pinto graúdo
 arranco o esporão de galo
 ele corre fica mudo
 deixa as galinhas sem dono
 eu tomo conta de tudo

A disputa consiste em cantar em versos suas qualidades e expor os defeitos do oponente. Em determinado momento, os cantadores começam a desafiar o adversário a expor seu conhecimento e erudição sobre a história do mundo.

São feitas perguntas aleatórias do tipo: qual a primeira invenção do mundo? Quem inventou a vacina? Quem inventou o relógio de algibeira? Quem fundou e quando fundou Roma? Quem inventou o primeiro balão? Algumas respostas são improváveis, algumas datas imprecisas, mas a resposta é aceita pelo oponente como verdadeira, sem questionamentos.

P- E qual foi a 1ª guerra
feita com um barco a vapor?
você diz ou apanha
da surra muda de côr
quebra a viola e deserta
nunca mais é cantador

M- Em 18 e 65
a esquadra brasileira
dentro de Riachuelo
içou a sua bandeira
na guerra do Paraguai
foi a batalha primeira

Dois folhetos de Barros tratam de questões de gênero. Barros, assim como os poetas cordelistas de sua geração, reproduzia em suas obras estereótipos e preconceitos a respeito das mulheres. Em pesquisa realizada por Grillo, as mulheres aparecem, nos folhetos de cordel, ora associadas à pureza e castidade, tal como Maria, e ora aparecem associadas à maldade, infidelidade e ao pecado, tal como Eva¹⁷³. Mesmo com mudanças nas relações de trabalho e o crescimento da população urbana, durante a Primeira República, a sociedade brasileira permanecia extremamente patriarcal, o que é evidenciado através dos folhetos.

As cousas mudadas, sem data, publicado por Barros, tem na capa o desenho de uma mulher de perfil com um chapéu. O autor critica novos hábitos e costumes de sua época.

Hoje se vê uma moça,
Ninguém sabe se é rapaz
Anda com calça e chapéu,
Pouca diferença faz,
Vê-se até calças de velhos
Com breguilhas para traz.

¹⁷³ GRILLO, Maria Angela de Faria. Evas ou Marias? As mulheres na literatura de cordel: preconceitos e estereótipos. *ESBOÇOS (UFSC)*, v. 17, p. 123-155, 2007.

Em várias estrofes, o autor critica a moda da época, início do século XX, as saias calção. Outra reprovação é ao fato de as mulheres trabalharem. A reprimenda não é dirigida a elas, e sim aos homens que são sustentados por elas.

Os homens de hoje só querem
 Mulher para trabalhar,
 A mulher de casa é elle,
 Faz tudo que ela ordenar,
 Para ser ama de leite
 Só falta dar de mamar.

É de se imaginar que o universo de leitores destes folhetos compartilhassem dessas opiniões. O narrador repreende também as vaidades femininas, as maquiagens e até o hábito das moças fazerem dieta para emagrecer.

O folheto *As saias calções* tem a data 1911 e o nome Rachel Aleixa de Barros Lima anotados à mão na capa a imagem de uma mulher com um vestido longo um pouco esvoaçante.

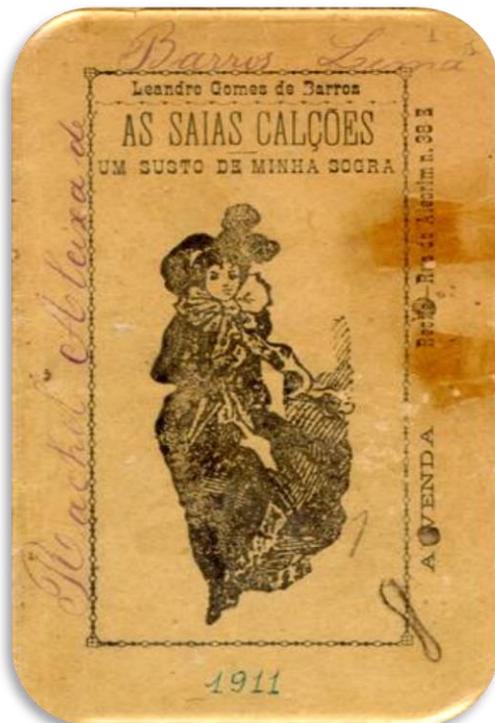


Imagem 7 - BARROS, Leandro Gomes de. *As saias calções*. Recife (PE, BR): [s.n.], [1911?].

O narrador critica a novidade das saias calções, que viraram moda no Recife no início do século XX. A falta de chuvas é atribuída a esta novidade. São citados vários exemplos de mulheres que aderiram a esta moda e que causavam escândalo. Comenta-se que até mesmo os padres e as freiras deixariam de usar batina e o hábito para usarem as saias calções.

O mundo esta as avessa,
As cousas não vão de graça,
Homem raspando bigode
E mulher vestindo calça

A religião contra o protestantismo trata da religiosidade predominante no período. O catolicismo, que fora a religião oficial durante o império, continuava bastante arraigado entre as classes populares, no início da República, mas é possível observar, a partir do folheto, que outras crenças eram conhecidas e tinham seguidores. Foi publicado por João Martins de Athayde e traz seu nome na capa, mas é da autoria de Barros. Ele foi escrito no formato de ABC, isto é, cada estrofe começa com uma das letras do alfabeto, seguindo do A até o Z. O narrador critica duramente diversas crenças e religiões, entre elas maçonaria, islamismo, hinduísmo, budismo e principalmente protestantismo, e fala de uma guerra que está prestes a acontecer.

N- Não ha lei tão apertada
Como a do protestantismo,
Fazem culto fanatismo
Pelo meio da estrada,
Eucharistia é odiada,
Por Sannitas e o budhismo,
Anglicano e bramanismo,
Todos contrarios a Jesus,
Quando accendeu sua luz,
Em prol do catholicismo.

3.7 CANGAÇO E ALISTAMENTO MILITAR

Antes de Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, alcançar a fama, o principal ícone do cangaço nordestino foi Antônio Silvino. Ele passou a atuar como cangaceiro aos 21 anos, ainda no fim do século XIX, para vingar a morte do pai. Suas façanhas como eram temas frequentes na produção dos primeiros cordelistas. Em *Antônio Silvino, o rei dos cangaceiros*, de Barros, o narrador-personagem é o próprio Silvino. O cangaceiro conta suas proezas e a perseguição que o governo mantinha há 18 anos. A capa mostra o cangaceiro Antonio Silvino, em trajes de um vaqueiro, e uma espingarda nas mãos, muito diferente da forma como comumente se representam os cangaceiros nordestinos da época de Lampião.

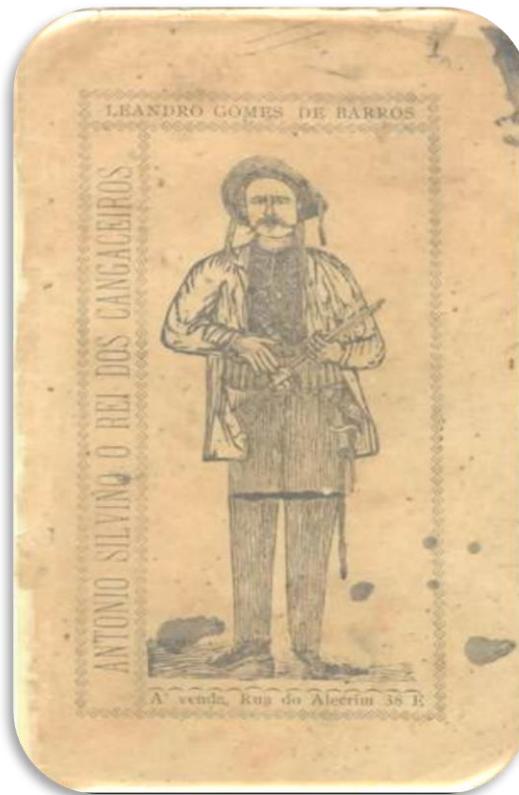


Imagem 8 - BARROS, Leandro Gomes de. Antonio Silvino o rei dos cangaceiros. [S.l.]: Perseverança, [19-]. 15 p.

Telegrapei ao governo
 E elle lá recebeu,
 Mandei-lhe dizer: doutor,
 Cuide lá do que for seu,
 A capital lhe pertence
 Porém o estado é meu.

O cangaceiro conta que atuou no estado de Pernambuco por aproximadamente 18 anos antes de ser preso, durante o governo do general Dantas Barreto. Silvino narra sua luta contra as autoridades políticas e religiosas. Fala de suas ações que beneficiam os mais pobres, pois distribuía o que roubava como esmola.

Eu sempre gostei de padre
Tenho agora desgostado
Padre querer intervir
Em negocios do Estado?!...
Viaja sem o missal
Mas leva o rifle encostado.

O cangaceiro fala de suas técnicas de sobrevivência no sertão e seus encontros com as tropas que estavam em seu encalço. Comia animais pequenos, matava a sede nos pés de mandacaru, lutando contra homens, cobras e onças.

Uma semana de fome
Não me faz precipitar,
Mato cinco ou seis calangos
Bóto no sol a secar,
Quatro ou cinco lagartixas,
Dão muito bem um jantar.

Na última página aparece o aviso: "com fim de evitar os abusos constantes, resolvi d'ora em diante estampar em todas as minhas obras o meu retrato em um cliché, sem lugar determinado." Com esta medida, Barros tinha como intuito dificultar a reprodução e venda clandestina de seus folhetos.

O folheto *O sorteio militar*, de Barros, trata do serviço militar obrigatório e foi publicado em 1918, mas lê-se logo após o título que foi publicado pela primeira vez em 1905. O narrador critica de forma irônica o fato de serem convocados para as forças armadas todo tipo de pessoas, incluindo deficientes físicos, cegos, pessoas com transtornos mentais, idosos e clérigos. Somente quem fosse doutor não era chamado, segundo o narrador, que conta também as artimanhas que eram feitas para não servir nas Forças Armadas, como por exemplo, espancar a mulher para ir para a cadeia.

Alerta! rapaziada!
O tempo não está de graça
Moço, velho, cego e côcho
Tudo agora assenta praça

Bispo e vigário collado
Vai tudo ao páo de fumaça.

Para que fazer soldado
De velho, cego e menino?
Está sem sal este mercado
Róe a porca e quebra o pino
Vamos ver se alistarão
Um, como Antonio Silvino

A lei que regulamentou o alistamento e o sorteio militar foi aprovada em 1908¹⁷⁴, mas o primeiro sorteio para formação do Exército e da Armada ocorreu somente em 1916.

Durante a maior parte do período imperial, o recrutamento para as forças armadas era feito através de voluntários, e se estes não fossem suficientes, fazia-se o recrutamento forçado, entre as classes mais baixas, o que gerava descontentamento, contribuía para deserções, desordens e prisões¹⁷⁵. Em 1874, nova lei de recrutamento foi aprovada, e ela estabelecia o sorteio como forma de preencher as vagas remanescentes. No entanto, a lei continuou não resolveu a situação, pois na prática ainda prevalecia o recrutamento obrigatório.

De um lado, permitia pagar aos que não quisessem servir certa quantia de dinheiro ou apresentar substitutos, e introduzir isenções especiais para bacharéis, padres, proprietários de empresas agrícolas e pastoris, caixeiros de lojas de comércio etc. De outro lado, deixava o alistamento e o sorteio a cargo de juntas paroquiais, presididas pelo Juiz de Paz e completadas pelo Pároco e pelo Subdelegado. O resultado foi continuar o serviço pesando totalmente sobre pessoas sem recursos financeiros ou políticos.¹⁷⁶

A aprovação da nova lei do sorteio de 1908, contou com a participação do Ministro da Guerra de Afonso Pena, Hermes da Fonseca.

Mas a Lei de 1908 não teve muito melhor sorte do que a de 1874. Como esta, não “pegou”. Nem mesmo o fato de o próprio Hermes ocupar a Presidência no quadriênio seguinte garantiu a aplicação da lei. Foram necessárias longa campanha e a Guerra Mundial para que se conseguisse pô-la em prática.¹⁷⁷

¹⁷⁴ Lei Nº 1.860, de 4 de Janeiro de 1908.

¹⁷⁵ FAUSTO, Boris (org.): História geral da civilização brasileira, tomo III (O Brasil Republicano), volume IX – Sociedade e instituições (1889-1930). Rio de Janeiro – São Paulo: Bertrand Brasil, 2006, p 205.

¹⁷⁶ Ibid., p. 205.

¹⁷⁷ Ibid., p. 209.

Somente em 1916 realizou-se o primeiro sorteio de acordo com a lei de 1908, mas como o alistamento era feito pelos presidentes das câmaras municipais, continuavam a ser recrutados os mais pobres ou desafetos políticos.

3.8 CRÔNICAS POÉTICAS

Utilizando uma linguagem poética e de fácil memorização, o intuito dessas obras era informar seus leitores, mas também entreter. Os folhetos são compostos por uma multiplicidade de vozes. Os autores muitas vezes emprestam seu gênio criativo a personagens que em outra situação não teriam voz, como em *O sertanejo no sul*, de Leandro Gomes de Barros. Estes poetas anteciparam em décadas o que fez Graciliano Ramos, em *Vidas Secas*, ao dar voz a sertanejos retirantes na literatura. Outras vezes, autor e narrador se confundem, como em *A Guerra de Canudos*, de João Melchades Ferreira da Silva.

Outro aspecto relevante nas fontes analisadas é a liberdade que os autores tinham para falar o que pensavam. Nota-se, em muitos casos, certo cuidado em não ofender figuras políticas, como em *Resultado da revolução do Recife*, mas em geral os folhetos se posicionam de maneira muito mais crítica acerca dos acontecimentos da época do que os maiores jornais de grande circulação. Neste sentido, concordamos com a tese de Terra¹⁷⁸ de que os primeiros cordelistas exerceram um papel de cronistas, denunciando de forma corajosa a opressão das oligarquias e as injustiças sociais. A imprensa frequentemente era propriedade de grupos dominantes, oligarquias, políticos, coronéis e estava a seu serviço. Aqueles veículos que não se alinhavam aos interesses desses grupos acabavam sendo empastelados.

Os folhetos analisados possuíam uma circulação ampla e tratavam de temas espinhosos com muito mais independência e autonomia que a imprensa em geral, como se pode notar em *A crise actual e o aumento do sello*, Affonso Penna, *As miserias da epocha*, *O dezréis do governo*, *O imposto da honra*. Diante de manifestação cultural tão original e profícua, pode-se dizer que os folhetos de cordel analisados são fontes históricas eloquentes, que podem fornecer subsídio ao ensino de História no Ensino Fundamental.

¹⁷⁸ TERRA, Ruth. Memória de lutas: primórdios da literatura de folhetos do Nordeste (1893-1930). 1978. 191 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1978.

4 PRODUTO: SITE CORDEL NA ESCOLA

Este capítulo destina-se à exposição da parte propositiva da dissertação, de acordo com as orientações do programa de Mestrado Profissional em Ensino de História.

O produto concebido a partir da pesquisa é o portal na internet *Cordel na Escola* (www.cordelnaescola.com.br), voltado para professores de História e áreas afins, onde é possível encontrar sequências didáticas desenvolvidas a partir das fontes analisadas nesta dissertação. Neste site estão disponíveis folhetos de cordel, informações sobre autores e referências bibliográficas sobre literatura de cordel. Existe também a possibilidade de interessados na relação entre literatura de cordel e ensino de História poderem contribuir com novas propostas de trabalho que serão disponibilizadas no site *Cordel na Escola*.



CORDEL NA ESCOLA

**Portal para compartilhamento de experiências de
ensino utilizando literatura de cordel**

[Início](#) [Sobre a Literatura de Cordel](#) [Cordelistas Pioneiros](#) [Sequências didáticas](#) [Sites, Referências e Fontes](#) [Envio de sugestões](#)

Imagem 9 – Menu do site *Cordel na Escola* (www.cordelnaescola.com.br)

As sequências didáticas a seguir foram pensadas para os anos finais do Ensino Fundamental. O recorte temporal da pesquisa vai do final do século XIX até a década de 1920 inserindo-se, portanto, no contexto da Primeira República no Brasil. Esta temática geralmente é abordada pelos livros e materiais didáticos no 9º ano do Ensino Fundamental.

O conceito de sequência didática é empregado aqui no sentido de um conjunto de atividades organizadas com a finalidade de atingir objetivos a fim de tornar possível um aprendizado significativo no campo da disciplina História. Nas palavras de Antoni Zabala (1998, p. 20),

as sequências didáticas são uma maneira de encadear e articular as diferentes atividades ao longo de uma unidade didática. Assim, poderemos analisar as diversas formas de intervenção segundo as atividades que se realizam e, principalmente, pelo

sentido que adquirem quanto a uma sequência orientada para a realização de determinados objetivos¹⁷⁹.

Esta proposta não tem a intenção de prescrever práticas pedagógicas que devam ser seguidas à risca pelos docentes de História, pois entendemos que o professor deve ter autonomia profissional para articular saberes que foram concebidos por outros com as demandas de sua cultura escolar específica.

O objetivo das propostas a seguir não é sugerir metodologias inovadoras de trabalho para o professor de História, e sim ampliar o leque de possibilidades teóricas e metodológicas no trabalho com as fontes. A intenção é que o aluno compreenda que as obras analisadas, os folhetos de cordel, são fontes históricas que podem auxiliar na compreensão dos assuntos tratados no material didático. E mais ainda, entenda que foram escritas por pessoas que viveram aquela época, e que sua voz e seus sentimentos, podem ser interpretados no presente. Acreditamos que é fundamental, no ensino de História, que os alunos percebam que o conhecimento histórico não é algo pronto e imutável, que está nos livros e materiais didáticos para ser absorvido, mas sim que o estudo do passado é mediado pelas fontes, e que os próprios educandos podem ser sujeitos dessa construção, e conhecer melhor os procedimentos metodológicos do trabalho do historiador.

Em cada uma das sequências didáticas a seguir, é necessário explicar para os alunos que os folhetos são documentos que evidenciam os acontecimentos, mas como se tratam de obras literárias, é preciso fazer uma distinção entre o que é real ou ficção. Também é preciso deixar claro que os folhetos não explicam o que de fato aconteceu, mas são interpretações, feitas pelos seus autores, sobre o momento em que eles viviam, a partir de suas impressões e visões de mundo.

Uma sugestão que pode ser válida para todas as sequências didáticas é começar as aulas com a leitura de trechos dos folhetos de cordel. A linguagem poética do cordel, suas rimas e sonoridades, podem servir de ponto de partida para despertar o interesse dos alunos. O ideal é que os alunos tenham acesso aos folhetos que estão à disposição no portal Cordel na Escola, sejam eles impressos ou que possam ser visualizados através do projetor ou na tela do celular. Uma das propostas desta dissertação é que o folheto de cordel possa ser apresentado aos alunos como uma fonte que possa contribuir para a compreensão do período histórico que faz parte do recorte da pesquisa, a Primeira República.

¹⁷⁹ ZABALA, Antoni. A prática educativa: como ensinar. Tradução de Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998, p. 20.

Antes de colocar em prática as propostas de trabalho a seguir, é importante que o professor explique um pouco sobre a própria literatura de cordel e suas características, bem como apresente os autores dos folhetos que serão utilizados. Estas informações estão no site *Cordel na Escola*, de forma bem didática.

As sequências didáticas foram divididas de acordo com os temas dos folhetos analisados no capítulo 3. Sugere-se que seja feita uma seleção prévia dos trechos a serem lidos na primeira etapa das sequências didáticas a seguir. Na análise destes folhetos no capítulo 3, já foi realizada uma seleção de trechos, que podem ser utilizados, a critério do professor. A leitura pode ser realizada de diversas maneiras, mas o ideal é que seja feita de forma oral, por toda a sala, um aluno encarregando-se de ler um trecho por vez, ou em grupos, uma vez que, como foi explicado no capítulo primeiro, a literatura de cordel desenvolveu-se a partir da poesia oral, e na sua origem era produzida para ser lida em voz alta, acompanhada por ouvintes-leitores.

Cada sequência didática será dividida em quatro etapas. A primeira etapa é de apresentação do tema e introdução da temática a ser trabalhada. A segunda compreende o aprofundamento do tema de acordo com o currículo e as opções metodológicas e didáticas escolhidas pelo docente. A terceira consiste na análise das fontes documentais (os folhetos de cordel), relacionando-as com o conteúdo dos materiais didáticos. E por último, a quarta etapa é composta por sugestões de avaliações, que têm por objetivo identificar se o conjunto das atividades realizadas contribuiu para a produção de sentidos e de novos conhecimentos. Não foi estabelecido um cronograma para o desenvolvimento das aulas. Isso fica a critério do professor, de acordo com sua disponibilidade de tempo, quantidade de alunos e de aulas por semana.

Além dos folhetos de cordel, de informações sobre os autores e das sequências didáticas, o site *Cordel na Escola* conta com uma aba contendo sites e obras de referência sobre a literatura de cordel.

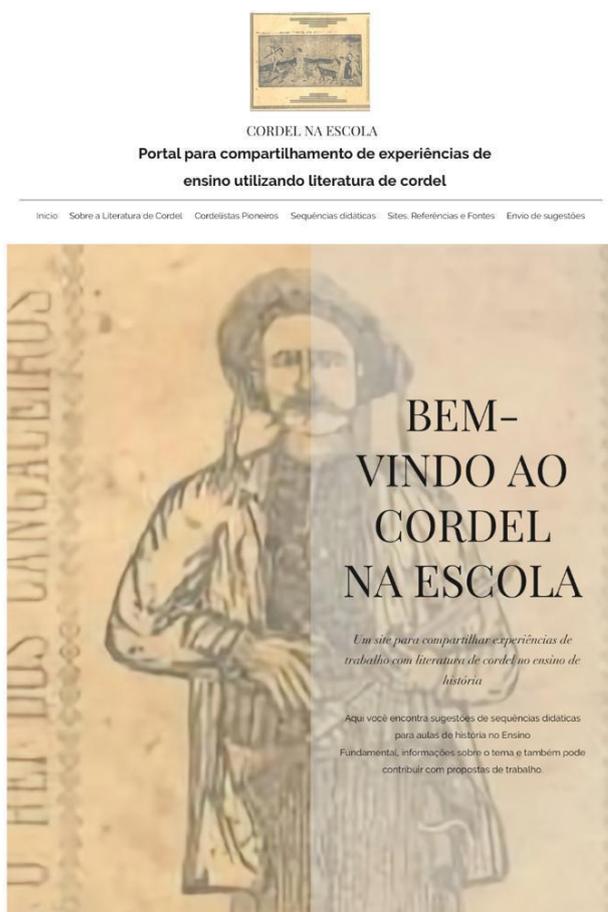


Imagem 10 - Página inicial do site *Cordel na Escola* (www.cordelnaescola.com.br)

4.1 SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1: ECONOMIA NA REPÚBLICA OLIGÁRQUICA

Objetivos:

- Entender o contexto econômico, político e social do Brasil e particularmente do Nordeste durante a Primeira República.
- Perceber que no período a população brasileira vivenciava graves problemas sociais, como a pobreza, a carestia e a fome.
- Comparar as semelhanças e diferenças entre o Brasil da Primeira República e o atual.
- Perceber que os folhetos de cordel eram uma forma de expressão cultural, mas também um veículo de comunicação, que tocava em assuntos muitas vezes negligenciados pelos jornais impressos, ligados ao poder.

Primeira etapa

Para começar as aulas e introduzir o tema, o professor deve escolher trechos dos folhetos a seguir e organizar sua leitura. Os folhetos selecionados para estas aulas são: *A crise*

actual e o aumento do sello, Affonso Penna, As miserias da epocha, O deyréis do governo, O governo e a lagarta contra o fumo, O imposto da honra, O imposto e a fome, O povo na cruz, O tempo de hoje, Os collectores da Great Western, Um pau com formigas.

Após a leitura dos trechos escolhidos, algumas perguntas devem ser feitas aos alunos, como por exemplo: Qual o sentimento do narrador em relação aos problemas da época? Qual a impressão do narrador sobre os governos do período?

Segunda etapa

Um segundo momento desta sequência didática consiste em abordar o conteúdo do material didático que seja pertinente ao tema das aulas. Esta etapa fica a critério do professor, que pode conduzir a aula de maneira habitual.

Terceira etapa

A turma deve ser dividida em grupos, para que seja realizada a leitura dos folhetos. Cada grupo fica responsável por um ou dois folhetos. O professor deve acompanhar a leitura dos grupos, explicando palavras ou expressões desconhecidas e o contexto em que foram elaboradas. Cada grupo deverá fazer alguns apontamentos sobre a obra: autor, título, ano (se houver), tema que mais aparece.

Novas perguntas sobre os folhetos devem ser formuladas, como:

As obras lidas e analisadas permitem compreender melhor a situação econômica do período estudado? De que maneira?

O narrador apresenta-se como alguém do povo, que vivencia os problemas no seu cotidiano, como em *O povo na cruz*

E o governo bem vê
Nossos martyrios crueis
Só faz é botar selo
Da cabeça até os pés,
Diz de manha morre um
Ao meio dia nasce dez.

É possível notar descontentamento do autor nos folhetos de cordel lidos? Onde?

O narrador possui uma visão bastante pessimista em relação à política, em diversas passagens, como em *O deyréis do governo*

Entretanto o brasileiro

Tem muito o que padecer
 O governo que era o unico
 Que podia proteger,
 Diz: eu enchendo a barriga
 Tudo mais pode morrer.

Em relação à economia, a visão também é muito negativa, como em *A crise actual e o aumento do sello*

A seca ataca o sertão
 A crise circula a praça
 Tanto que eu creio que este anno
 Sobe tudo na fumaça,
 Só ficará no Brazil
 O imposto e a desgraça

Qual a visão do autor sobre a República?

É possível encontrar diversos trechos de crítica ao regime republicano e saudosismo da monarquia, como em *As miserias da epocha*

Eu se soubesse que este mundo
 Estava tão conrompido
 Eu tinha feito uma greve
 Porem não tinha nascido
 Minha mão não me dizia
 A queda da monarchia
 Eu nasci foi enganado
 Para viver n'este mundo
 Magro, trapilho, corcundo,
 Além de tudo sellado.

Quarta etapa

Diversas formas de avaliação podem ser sugeridas, como: solicitar que elaborem um breve texto relacionando o poema do folheto com o conteúdo que foi estudado sobre a Primeira República: sociedade, economia, política, etc.; desenhos ou xilogravuras que possam ilustrar o folheto lido; elaboração de um poema seguindo o estilo e a métrica do folheto lido.

Quanto mais variadas forem as formas de avaliação, maior é a chance do aluno se identificar com alguma delas, despertando seu interesse.

4.2 SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2: MESSIANISMO E REVOLTAS NA PRIMEIRA REPÚBLICA

Objetivos:

- Conhecer algumas revoltas da Primeira República e entender suas semelhanças e diferenças.
- Compreender as dinâmicas dos movimentos sociais do campo.
- Avaliar a importância da religiosidade popular nessas revoltas.
- Analisar as disputas políticas que culminaram nas revoltas.
- Entender o fenômeno do coronelismo e suas implicações na vida cotidiana.

Primeira etapa

O professor deve apresentar aos alunos os folhetos abaixo e organizar a leitura de trechos selecionados previamente.

Folhetos: *A guerra de Canudos*, *Festas do Juazeiro no vencimento da guerra*, *O princípio das cousas*, *Resultado da revolução do Recife*

Em seguida, pode elaborar algumas questões, como: Qual o tema principal dos folhetos? As revoltas narradas foram pacíficas ou violentas? Houve participação popular? Quais eram seus objetivos?

Segunda etapa

O docente pode continuar a aula abordando o conteúdo do material didático que seja pertinente ao tema.

Terceira etapa

Depois de aprofundar na análise do contexto em que as revoltas narradas nos folhetos ocorreram, o professor deve dividir a turma em grupos, cada um ficando responsável pela leitura de um folheto. Cada grupo deverá anotar dados sobre a obra: autor, título, ano (se houver), tema que mais aparece. O professor deve acompanhar a leitura e tirar as dúvidas que

forem aparecendo. Depois da leitura, cada grupo deverá expor à turma uma síntese da obra lida.

Após a leitura, novas perguntas devem ser formuladas, de acordo com os exemplos a seguir.

Qual o papel do padre Cícero na Revolta de Juazeiro? Qual a posição do narrador em relação ao conflito?

Ele era uma das principais lideranças políticas, mas o seu papel de líder religioso é o que mais se destaca, como em *Festas do Juazeiro no vencimento da guerra*.

Graças a Deus que o socorro
 Não deixou para vir tarde
 Deus nos mandou em defeza
 O defençor da verdade
 O padre Cícero que abriu
 As portas da liberdade

Por outro lado, o padre Cícero e seus seguidores são tratados como fanáticos em *O principio das cousa*.

O padre do Juazeiro
 Onde manda o pôvo vai
 Se elle disser a um filho
 Vossê va matar seu pai
 Escute o tiro do rifle
 Espere que o velho cai

O povo fanatizou-se
 Não á quem possa dar geito
 Um erro do padre Cícero
 Tudo acha que é direito,
 Se elle quizer matar um
 Elle morre satisfeito.

Percebe-se que o narrador tinha coragem para criticar o padre Cícero, mesmo ele sendo uma figura de prestígio que contava com apoio de milhares de sertanejos e coronéis. Outra hipótese que pode ser levantada é que uma das duas obras (ou até mesmo as duas) tenha sido escrita por encomenda. Neste caso, era comum o autor desenvolver sua obra de acordo com os interesses de quem a estava adquirindo.

Em *A guerra de Canudos*, qual a impressão do narrador sobre Antônio Conselheiro?

É descrito como um criminoso que iludia aos sertanejos e queria restaurar a monarquia.

De alpercatas, um cajado
 Armado de valentia
 Seu pensamento era o crime
 Outra coisa não queria
 Agradou-se de Canudos
 Que é Sertão da Bahia.

Confiado no cangaço
 E nos crimes que fazia
 Acabou com os impostos
 Pelo centro da Bahia
 Dizendo que mais tarde
 Restaurava a Monarquia.

Importante ressaltar aos alunos que o autor João Melchades Ferreira da Silva participara do conflito do lado do exército, talvez por isto tivesse uma visão tão contrária aos sertanejos liderados por Conselheiro. Ele também tinha uma visão muito crítica a respeito das questões políticas envolvidas no conflito, como se pode ver no trecho abaixo

Brasileiro é um povo máu
 A inveja o crime encerra
 A política é quem empesta
 Mais o crime nossa terra
 Pois nos braços da política
 Morreu o ministro da guerra.

De acordo com o autor, qual o principal motivo do conflito narrado em *Resultado da revolução do Recife*?

Para Francisco das Chagas Batista, a oligarquia pernambucana teria causado conflito ao não reconhecer o resultado das eleições de 1911. Então o povo pernambucano, liderado

pelo General Dantas Barreto, revoltara-se para se livrar do domínio imposto pela oligarquia, como é possível ler a seguir.

A oligarquia julgava
 Que com seu orgulho forte,
 Escravizaria o povo
 Do grande “Leão do Norte”;
 Porém esse despotismo
 A muitos custou a morte
 (...)
 Julgava o Dr. Estácio
 Que o povo se acovardava,
 A apanhar e morrer
 E nunca se revoltava;
 Mas logo se convenceu
 Que muito enganado estava.

É necessário explicar o contexto da política das “salvações” durante o governo Hermes da Fonseca, e aquilo que é chamado de revolução era na verdade um conflito entre a oligarquia dominante e seus opositores. A mudança no poder não produziu transformações para as camadas populares.

Em qual dos folhetos o aspecto religioso da revolta é mais destacado?

A religiosidade envolvida no conflito fica mais evidente em *Festas do Juazeiro no vencimento da guerra*, como no trecho a seguir.

Chegava um dali mesmo
 Ou de um estado visinho
 Se aproximava do padre
 O Rico e o pobrisinho
 Dizendo muito contente
 Meus parabens meu padrinho
 Porém o padre disia
 Eu não fui o vencedor
 Quem venceu toda a questão,
 Foi o nosso Creador,
 Por mim eu nunca vencia
 Sendo um pobre pecador

Quarta etapa

Diversas formas de avaliação podem ser sugeridas, como: solicitar aos alunos que elaborem um breve texto relacionando o poema do folheto com o conteúdo que foi estudado sobre a Primeira República: sociedade, economia, política, etc.; desenhos, xilogravuras que possam ilustrar o folheto lido; elaboração de um poema seguindo o estilo e a métrica do folheto lido. Quanto mais variadas forem as formas de avaliação, maior é a chance do aluno se identificar com alguma delas, de acordo com suas aptidões.

4.3 SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3: AS ELEIÇÕES NA PRIMEIRA REPÚBLICA

Objetivos:

- Compreender o processo eleitoral durante a Primeira República.
- Analisar a participação popular nas eleições.
- Identificar os problemas do processo eleitoral, como: fraudes, violência, coação, voto aberto.
- Comparar as eleições da Primeira República com as atuais.
- Compreender o domínio político exercido pelas oligarquias.

Primeira etapa

O professor deve apresentar aos alunos os folhetos *A Ave Maria da eleição*, *A voz do povo pernambucano* e *As promessas do governo* e em seguida organizar a leitura de trechos selecionados previamente.

Algumas perguntas podem ser feitas aos alunos: qual o tema principal que aparece nos folhetos? O autor confia no processo eleitoral que ele narra? A vontade do eleitor era respeitada? Havia uma democracia consolidada no período? As eleições eram livres? Os eleitores consideravam legítimas estas eleições?

Segunda etapa

Depois de introduzir o tema da aula através dos folhetos, o docente pode aprofundar a assunto, através do material didático que utiliza no cotidiano, ou outros métodos de sua preferência.

Terceira etapa

Depois de aprofundar na análise do processo eleitoral da Primeira República, o professor deve dividir a turma em grupos, cada um ficando responsável pela leitura de um folheto. Cada grupo deverá anotar dados sobre a obra: autor, título, ano (se houver), tema que mais aparece. O professor deve acompanhar a leitura e tirar as dúvidas que forem aparecendo. Após a leitura, novas perguntas devem ser formuladas, de acordo com os exemplos a seguir.

Expressões que se consagraram, no campo da historiografia, como “voto de cabresto”, “curral eleitoral” e “eleição a bico de pena”, podem ser corroboradas pelos folhetos?

Embora estas expressões só tenham se tornado habituais na historiografia posteriormente ao período estudado, é possível destacar alguns trechos que fazem referências a estas práticas eleitorais da Primeira República. Em *A Ave Maria da eleição*, uma sátira bem humorada sobre como eram os dias de votação, pode-se destacar o clima de violência que amedrontava a muitos. Pode-se identificar também a compra de votos, a fraude com “mesários do governo” e as ameaças.

No dia da eleição

O povo todo corria

Gritava a oposição

Ave Maria

Via-se grupos de gente

Vendendo votos nas praças

E a arma do governo

Cheia de graça

(...)

Os eleitores com medo

Das espadas dos alferes

Chegavam e se esconderem

Entre as mulheres.

Os candidatos chegavam

Com um ameaço bruto

Pois um voto para eles

‘E bemditos fructos

O mesario do governo
 Pegava a urna contente
 E dizia eu me glorieio
 Do teu ventre

A opposição gritava
 De nós não ganha ninguem
 Respondia os do governo
 Amem

É possível identificar nos folhetos se havia medo, por parte dos eleitores, de contrariar os chefes políticos?

No folheto *A voz do povo pernambucano*, o narrador enaltece as qualidades de ambos os partidos e candidatos que estão na disputa da eleição de 1911, mas não expõe sua preferência por nenhum deles, entendendo que poderia ser arriscado escolher um lado.

Meus votos é que tudo ganhe,
 E eu não tenha prejuizo.
 Porém fallar de um ou outro,
 Isso não! Que eu tenho juizo;
 Ninguem me da de comer
 No dia que eu estiver lizo.
 (...)
 Se alguem perguntar a mim
 Qual a minha opinião
 Eu digo peguem o Estado,
 E vão com elle ao facão
 Lasquem elle pelo meio,
 Cada um tire um quinhão.

É possível dizer, com base nos folhetos, se os eleitores tinham consciência dos problemas e limites daquele modelo eleitoral?

Os folhetos indicam que os eleitores compreendiam que o processo eleitoral era um embuste. Em nenhum momento a expressão democracia foi empregada. Todavia, a eleição e

representada, no folheto *As promessas do governo*, como um momento onde o eleitor poderia tentar obter alguma vantagem, mesmo que as promessas não passassem de fraude.

Esses homens da politica,
Eu sei bem elles quem são,
Só conhecem o eleitor,
Na vespera da eleição,
Depois disso o eleitor
Não tem valor de um tostão.

Eleitor pobre só presta,
Quando elles estão apertados,
quando elles veem outro duro
Em frente com o bote armado
Ahí o eleitor pobre
Passa a ser muito estimado.

Quarta etapa

Diversas formas de avaliação podem ser sugeridas, como: solicitar aos alunos que elaborem um breve texto relacionando o poema do folheto com o conteúdo que foi estudado sobre a Primeira República: sociedade, economia, política, etc; desenhos, xilogravuras que possam ilustrar o folheto lido; elaboração de um poema seguindo o estilo e a métrica do folheto lido. Pode-se sugerir aos alunos como mote para a elaboração de folhetos de cordel, eleições municipais, estaduais ou federais que ocorreram mais recentemente. Quanto mais variadas forem as formas de avaliação, maior é a chance do aluno se identificar com alguma delas, de acordo com seu potencial.

4.4 SEQUÊNCIA DIDÁTICA 4: SITUAÇÃO DOS TRABALHADORES RURAIS E A SECA NO SERTÃO NORDESTINO

Objetivos:

- Compreender a influência das condições climáticas na vida do trabalhador rural na região Nordeste, durante a Primeira República.

- Identificar outros fatores, além do clima, que contribuía para a vida precária do trabalhador rural no período.
- Analisar aspectos do coronelismo e da concentração de terra.
- Relacionar questões sociais do passado com o presente.

Primeira etapa

Como forma de introduzir e sensibilizar os alunos sobre o tema das aulas, o professor deve organizar a leitura de trechos dos folhetos a seguir: *A sêcca do Ceará*, *O retirante*, *A sujeição dos brejos da Parahyba do Norte* e *O sertanejo no sul*.

Podem ser feitas algumas perguntas aos alunos, como por exemplo: quais as condições de vida dos trabalhadores rurais que aparecem nos folhetos? Atualmente pessoas ainda precisam migrar por conta dos motivos que aparecem nos folhetos *O retirante* e *O sertanejo no sul*?

Segunda etapa

Depois da introdução ao tema das aulas, o professor deve aprofundar o assunto através do livro didático ou outros métodos de sua preferência.

Terceira etapa

Deve-se dividir a turma em grupos e atribuir a cada um a leitura atenta de um dos folhetos selecionados. O professor deve acompanhar a leitura para explicar possíveis dúvidas que apareçam. Cada grupo deverá anotar dados sobre a obra: autor, título, ano (se houver), tema que mais aparece. Em seguida, cada grupo deverá expor de forma resumida o enredo do seu folheto para a sala.

Questões que podem ser formuladas para os alunos após a leitura dos folhetos:

É possível identificar aspectos do coronelismo em quais folhetos?

O mandonismo que marcou o período de predomínio das oligarquias na Primeira República pode ser evidenciado nas palavras de “Seu Major”, senhor de engenho de *O sertanejo no sul*.

O senhor de engenho diz:
 Eu estou com a vida ganha,
 Tenho mais trabalhadores
 Do que povo na Allemanha,
 O que não me trabalhar,

Ou vai embora ou apanha.

Em *A sujeição dos brejos da Parahyba do Norte*, o autor denuncia a exploração a que os trabalhadores eram submetidos sem poder se queixar, pois poderiam ser expulsos da terra.

Porque os homens do Brejo
Os que são proprietários
Executam sem remorso
Os feitos dos sanguinários
Pois fazem de seus foreiros
Escravos - contributários,

Hoje quem tem terra em Brejo
Vive dessa exploração
Obrigando a seu foreiro
Servir-lhe por sujeição
Quatro dias da semana
Como santa obrigação.

A quem os trabalhadores rurais que aparecem nos folhetos recorrem quando estão em dificuldades?

A religiosidade aparece sempre como o último refúgio a que o sertanejo pode recorrer. Em *A sêcca do Ceará* um grupo de flagelados pede a Deus por providências.

Vê-se nove, dez, num grupo
Fazendo suplicas ao Eterno
Crianças pedindo a Deus
Senhor! Mandai-nos inverno,
Vem, oh grande natureza
Examinar a fraqueza
Da frágil humanidade
A natureza a sorrir
Ve-la sem vida cahir
Responde: o tempo é de balde.

A figura do Padre Cícero também é evocada constantemente, como em *O retirante*. Uma família de sertanejos, castigados pela seca, sai em busca de uma nova terra para trabalhar, e recorre ao padre para que o senhor de engenho não lhes tome tudo.

Dizia em oração
 divino presbitero
 santo Padre Cicero
 tenha compaixão
 de vosso sertão
 olhai para nós
 que sofrer atroz
 sem ganhar nada
 de trouxa arrumada
 confiamos em voz

Lançai vossos olhos santos
 para as almas pecadoras
 ouvi os grandes gemidos
 das famílias sofredoras
 vêde que o senhor de engenho
 não tome nossas lavouras

Quais medidas são tomadas pelos governos para diminuir o sofrimento dos pobres?

Em *A sêcca do Ceará* o narrador afirma que as autoridades do governo federal conhecem os problemas vividos pelos sertanejos, porém nada fazem para resolvê-los. Pelo contrário, contribuía para a ruína com o aumento de impostos.

Alguem no Rio de Janeiro
 Deu dinheiro e remeteu
 Porém não sei o que houve
 Que ca não apareceu
 O dinheiro é tão sabido
 Que quiz ficar escondido
 Nos cofres dos potentados
 Ignora-se esse meio
 Eu penso que elle achou feio
 Os bolsos dos flagellados

O governo federal
 Querendo remia o Norte

Porem cresceu o imposto
Que dar-lhe a morte
Um mete o facão e rola-o
O Estado aqui esfolo-o
Vai tudo dessa maneira
O municipio acha os troços
Ajunta o resto dos ossos
Manda vende-los na feira

Quarta etapa

Diversas formas de avaliação podem ser sugeridas, como: solicitar aos alunos que elaborem um breve texto relacionando o poema do folheto com o conteúdo que foi estudado sobre a Primeira República: sociedade, economia, política, etc; desenhos, xilogravuras que possam ilustrar o folheto lido; elaboração de um poema seguindo o estilo e a métrica do folheto lido. Pode-se sugerir aos alunos como mote para a elaboração de folhetos de cordel, eleições municipais, estaduais ou federais que ocorreram mais recentemente. Quanto mais variadas forem as formas de avaliação, maior é a chance do aluno se identificar com alguma delas, de acordo com seu potencial.

4.5 SEQUÊNCIA DIDÁTICA 5: A GRANDE GUERRA VISTA PELOS POETAS DO CORDEL

Objetivos:

- Compreender as causas e consequências do conflito.
- Analisar a participação brasileira nesta guerra.
- Refletir sobre o impacto que as notícias da guerra tinham na imprensa, e sobre como essas notícias chegavam às pessoas mais distantes dos centros urbanos.
- Entender os folhetos de cordel como uma crônica poética e forma de comunicação.

Primeira etapa

Para introduzir o tema das aulas e despertar a atenção dos alunos, o professor deve organizar a leitura de trechos dos folhetos a seguir: *A Alemanha vencida e humilhada*, *A victoria dos aliados: a derrota da Alemanha e a influenza hespanhola*, *As afflições da guerra da Europa* e *Echos da pátria*.

Após a leitura dos trechos escolhidos, podem ser formuladas algumas perguntas, como por exemplo: como as pessoas do interior do país tinham acesso a informações sobre o andamento da Grande Guerra? De que lado os narradores se posicionavam em relação ao conflito, de acordo com os trechos lidos? Qual o interesse em relatar com detalhes os acontecimentos do conflito?

Segunda etapa

Após a introdução ao tema das aulas, o professor deve aprofundar o assunto através do livro didático ou outros métodos de sua preferência.

Terceira etapa

Depois de aprofundar o estudo do tema, a turma deve ser dividida em grupos e atribuído a cada um a leitura atenta de um dos folhetos. O professor deve acompanhar a leitura para explicar possíveis dúvidas que apareçam. Cada grupo deverá anotar dados sobre a obra: autor, título, ano (se houver), tema que mais aparece. Novas questões podem ser formuladas para após a leitura dos folhetos, como por exemplo:

Como o conflito é descrito nos folhetos lidos?

Os folhetos sobre a Grande Guerra foram escritos durante o conflito. Neste período ainda não havia emissoras de rádio, e as notícias chegavam através dos jornais impressos. Esses veículos, no entanto, possuíam uma circulação muito restrita aos meios urbanos, entre o público letrado. Os folhetos de cordel realizaram um papel de disseminar notícias para áreas rurais e tinham alcance até mesmo entre o público analfabeto, uma vez que eram lidos para grupos de ouvintes-leitores. As notícias sobre a Grande Guerra eram carregadas de descrições que procuravam despertar os sentidos e a imaginação de quem lia ou ouvia os relatos, como por exemplo em *As afflições da guerra da Europa*

Detonam tiros medonhos
De peças demasiadas
Sóam grandes estampidos
Estremecendo as quebradas
Descendo rios de sangue

Como agua em enchorradas.

Soam echos dolorozos
 Das pobres mãos das creanças
 Com olhos rasos de lagrimas
 Sem forças, sem esperanças
 Vendo os filhos pequeninos
 Traspassados pelas lanças.

Como é retratada a participação do Brasil na guerra?

A participação brasileira é anunciada como um feito heróico, dando a entender que havia grande apoio popular a esta ação militar. O folheto *Echos da pátria* destaca que mesmo em desvantagem bélica, o brasileiro era superior em coragem.

É exato que a Allemanha
 Tem formidaveis canhões
 Submarinos que fazem
 Terros às navegações;
 Nós temos isso, mas poucos,
 E ninguem teme as nações
 (...)
 Se o allemão possuir
 Pessa de calibre grosso
 Nós possuímos os braços
 Dezposição e esforço
 Um golpe de um velho nosso
 Vale dez de outro qualquer moço.

No folheto *A victoria dos aliados: a derrota da Allemanha e a influenza hespanhola*, a participação brasileira anunciada é muito maior do que de fato aconteceu.

O Brasil já mandou gente,
 Vai mandar cem mil soldados,
 Todo jovem brasileiro
 Voluntario e serteiados
 A Allemanha sem recurso
 Não aguenta os aliados.

Qual a impressão dos autores sobre a Influenza Espanhola, pandemia que vitimou milhões de pessoas pelo mundo a partir de 1918?

A doença é mencionada em dois folhetos, e sua causa é atribuída à guerra que estava ocorrendo e a questões morais. Mesmo com o fim da guerra se aproximando, os poemas demonstram grande pessimismo. Em *A Alemanha vencida e humilhada*, o narrador explica que a “peste” é consequência da guerra e cumprimento de profecias bíblicas.

Eu não gosto de escrever
 Os episodios da guerra,
 Me entristece de tudo
 A miseria que se encerra
 Mete nojo o heroismo
 Dos nossos homens da terra
 A fome, a peste e a guerra
 Juraram nos acabar,
 A guerra trancou o mundo,
 Jogou a chave no mar,
 A peste bateu na porta
 Dizendo: eu quero entrar

Em *A victoria dos aliados: a derrota da Alemanha e a influenza hespanhola*, também encontramos referência à pandemia, que é descrita como o anúncio do apocalipse e punição aos homens.

A Influenza Hespernhola
 É um mal tão perigoso
 Para reprovar ao mundo
 Que está muito muito orgulhoso
 E os soberbos conhecerem
 Que há um Deus poderoso.

A Influenza Hespernhola
 Sem arma, sem munição
 É o verdadeiro general
 Que sabe vencer questão,
 Tem força de esmorecer
 A maior revolução.

Quarta etapa

Diversas formas de avaliação podem ser sugeridas, como: solicitar aos alunos que elaborem um breve texto relacionando o poema do folheto com o conteúdo que foi estudado sobre a Primeira República: sociedade, economia, política, etc.; desenhos, xilogravuras que possam ilustrar o folheto lido; elaboração de um poema seguindo o estilo e a métrica do folheto lido. Pode-se sugerir aos alunos como mote para a elaboração de folhetos de cordel, eleições municipais, estaduais ou federais que ocorreram mais recentemente. Quanto mais variadas forem as formas de avaliação, maior é a chance do aluno se identificar com alguma delas, de acordo com seu potencial.

CONCLUSÃO

Procurou-se demonstrar, através desta dissertação, que a literatura de cordel, além de ser um gênero literário de muita beleza e relevância, é também uma fonte histórica privilegiada que pode contribuir de forma muito qualificada para a pesquisa historiográfica e para o ensino de História na educação básica. A pesquisa buscou realizar um exercício de deslocamento: do campo da História para a literatura popular; trazendo referências culturais do Nordeste para o Sudeste, local onde a pesquisa se desenvolveu e seus resultados serão colocados em prática; e do campo dos saberes históricos para o da história pública, “que se refere à atuação dos historiadores fora da academia”¹⁸⁰.

A produção dos folhetos nordestinos, que surgiu no final do século XIX com características próprias, distinguindo-se dos seus semelhantes europeus, narra em versos e rimas mais de um século de história brasileira.

A presente pesquisa abordou o surgimento dos folhetos de cordel nordestinos, suas características, peculiaridades, e seus precursores. Demonstrou-se que sua origem está relacionada às condições existentes no Nordeste brasileiro no final do século XIX, como a existência de uma tradição de poetas e cantadores que recorriam aos versos rimados para facilitar a memorização, num contexto marcado por uma grande taxa de analfabetismo e desigualdades sociais.

O principal objetivo da pesquisa foi investigar os possíveis usos dos folhetos de cordel para o ensino de História nos anos finais do Ensino Fundamental.

O escopo da pesquisa foi a produção dos primeiros poetas cordelistas, que escreveram seus primeiros folhetos entre o final do século XIX e a década de 1920, período que coincide com os anos da Primeira República.

Debruçamo-nos sobre a bibliografia que concebe uma relação de proximidade entre a História e literatura, para depois analisarmos autores e pesquisadores que propõem formas de se trabalhar com a literatura de cordel na educação básica de uma forma geral, e no ensino de História em particular, com o intuito de enriquecer e tornar mais atrativo e estimulante o aprendizado. Experiências e propostas foram debatidas e apresentadas.

Traçamos um perfil biográfico dos poetas pioneiros da produção dos folhetos de cordel e analisamos um *corpus* documental de 34 folhetos escritos por eles.

¹⁸⁰ CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. História Pública: uma breve bibliografia comentada. (Bibliografia Comentada). In: Café História – história feita com cliques. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/historia-publica-biblio/>. Publicado em: 6 nov. 2017. Acesso em: 20 nov. 2020.

Desenvolvemos o site *Cordel Na Escola*, que disponibiliza de maneira acessível os resultados da pesquisa e o caminho que foi percorrido para sua realização. Neste portal, foram publicadas informações sobre a literatura de cordel, biografia e obra dos cordelistas pioneiros, sites, acervos e referências bibliográficas sobre o tema. Foram apresentadas cinco sequências didáticas, concebidas a partir da análise das fontes da pesquisa. Outra ferramenta disponível no site é a possibilidade de compartilhamento de experiências de trabalho com cordel na educação básica. Professores e interessados no tema podem enviar sequências didáticas, planos de aula, relatos de experiências ou outras formas de contribuições que proponham o diálogo entre a literatura de cordel e a educação básica. Caso haja autorização, estas contribuições serão publicadas e farão parte do *Cordel na Escola*, para que mais educadores tenham acesso e possam utilizá-las.

Várias conclusões podem ser apresentadas através do presente estudo. Verificou-se ao longo da pesquisa que os folhetos de cordel podem contribuir para incentivar a prática da leitura e interpretação de textos, uma vez que o formato dos folhetos proporciona uma leitura prazerosa.

Outra constatação da pesquisa é que o trabalho com a literatura de cordel em sala de aula pode favorecer a interdisciplinaridade. Trabalhos envolvendo História e diversas áreas do conhecimento podem ser profícuos: junto com Língua Portuguesa pode-se abordar as diversas formas poéticas dos folhetos; com Geografia pode-se salientar as desigualdades regionais do Brasil e do Nordeste; com Artes, pode-se valorizar as formas de expressão oral e os desenhos e xilogravuras dos folhetos.

Constatou-se que o trabalho com cordel no ensino de História pode ensejar uma maior participação coletiva, desenvolver habilidades relacionadas à oralidade e à criatividade dos educandos.

São inúmeras as possibilidades de utilização da literatura de cordel no âmbito da educação básica. No entanto, pesquisadores como Marinho e Pinheiro, Alves e Santos sugerem que a abordagem da literatura de cordel na sala de aula não deve servir apenas para “didatização” de conteúdos e conceitos.

Diante dos resultados da pesquisa, conclui-se que os folhetos de cordel analisados são fontes históricas que podem enriquecer o ensino de História, proporcionando um diálogo com o conhecimento dos livros didáticos e da historiografia, com potencial de provocar certo sentimento de “estranhamento” por parte do educando, capaz de despertar o pensamento crítico sobre a produção do conhecimento histórico e de promover experiências e vivências de ensino-aprendizagem significativas. Ao analisar e interpretar os folhetos, os alunos podem

entender melhor o conceito de fonte histórica e as metodologias adotadas na construção do conhecimento histórico. Podem entender que a História é escrita com base nas diversas interpretações do passado, e que não interessa apenas o que fizeram as figuras de destaque.

Espera-se que os resultados desta dissertação de mestrado possam estimular professores de História da educação básica a trabalhar com a literatura de cordel, uma genuína expressão cultural brasileira. Espera-se, também, que este trabalho possa inspirar novas pesquisas sobre o tema.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Histórias de Cordéis e Folhetos**. São Paulo: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 2006.

AIRES, Vilmar; FERREIRA, Ronyere; OLIVEIRA, Francisco. Literatura de cordel no ensino de história: uma proposta metodológica. *CONTRAPONTO: Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI*. Teresina, v. 2, n. 1, fev. 2015.

ALVES, Roberta Monteiro. A literatura de cordel em sala de aula: uma proposta pedagógica para a construção de um sujeito crítico. 2010. 118f. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2010.

ALVES, Roberta Monteiro. Literatura de cordel: por que e para que trabalhar em sala de aula. *Revista Fórum Identidades*. ano 2, v. 4, p. 103-109, jul-dez. 2008.

BENJAMIN, Roberto. Casa Rui Barbosa, 2008. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/SeverinoMilanes/severinoMilanes_biografia.html. Acesso em: 11 abr. 2020.

BIOGRAFIA à moda da casa. Fundação Casa Rui Barbosa. 2008. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/leandro_biografia.html#. Acesso em 20 jul. 2020.

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 3ª. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

BOTELHO, Denilson. O que o jovem Manoel de Assumpção, negro e analfabeto, tem a nos ensinar? Considerações sobre o uso de fontes no ensino de história. *Anais do I Seminário Internacional de História do Tempo Presente*. Florianópolis: UDESC/FAED - Programa de Pós-Graduação em História, 2011. p. 1153-1167.

CABRAL, Geovanni Gomes. Getúlio Vargas e as representações nos corpus de folhetos de 1945 a 1954. In: XXVI simpósio nacional da ANPUH - Associação Nacional de História, 2011, São Paulo. *Anais do XXVI simpósio nacional da ANPUH - Associação Nacional de História*, 2011. p. 1-17.

CALASANS, José. A guerra de Canudos. *Revista brasileira de folclore*. Rio de Janeiro: CDFB, n. 14, jan-abr 1966, p. 53-64.

CÂNDIDO, Antônio. “O direito à Literatura”. In: _____. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1999.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. História Pública: uma breve bibliografia comentada. (Bibliografia Comentada). In: *Café História – história feita com cliques*. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/historia-publica-biblio/>. Publicado em: 6 nov. 2017. Acesso em: 20 nov. 2020.

CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados. O Rio de Janeiro e a república que não foi.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CARVALHO, José Murilo de. Os três povos da República. Revista USP, São Paulo, n.59, p. 96-115, set./nov. 2003.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Vaqueiros e cantadores.** Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1984.

CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Orgs.). **A história contada:** capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CURRAN, Mark. **História do Brasil em cordel.** São Paulo: Edusp, 2003.

FAUSTO, Boris (org.): **História geral da civilização brasileira.** Tomo III (O Brasil Republicano), volume VIII – Estrutura de poder e economia (1889-1930). Rio de Janeiro – São Paulo: Bertrand Brasil, 2006.

FAUSTO, Boris (org.): **História geral da civilização brasileira.** Tomo III (O Brasil Republicano), volume IX – Sociedade e instituições (1889-1930). Rio de Janeiro – São Paulo: Bertrand Brasil, 2006.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil.** São Paulo: Edusp, 2006.

FERREIRA, Grace Kelly. . Folhetos de Acontecido e sua Potencialidade no Ensino de História e na Infância. 2017. (Apresentação de Trabalho/Congresso)

GALVÃO, Ana. **Cordel: leitores e ouvintes.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Oralidade, memorização e a mediação do outro: práticas de letramento entre sujeitos com baixos níveis de escolarização - o caso do cordel (1930-1950). Educação e Sociedade, Campinas, v. 23, n.81, p. 115-142, 2002.

GRILLO, Maria Angela de Faria. Da cantoria ao folheto: O nascimento da literatura de cordel nordestina. Cadernos de Estudos Sociais, Recife, v. 24, nº 2, p. 187-200, jul/dez.,2008.

GRILLO, Maria Angela de Faria. Evas ou Marias? As mulheres na literatura de cordel: preconceitos e estereótipos. ESBOÇOS (UFSC), v. 17, p. 123-155, 2007.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. Os folhetos nordestinos: literatura e história. XXVII Simpósio Nacional De História: Conhecimento histórico e diálogo social. 2013. (Apresentação de Trabalho/Simpósio).

GRILLO, Maria Ângelo de Faria. A literatura de cordel na sala-de-aula. In: ABREU, M; SOIHET, R. (Org.). **Ensino de História:** conceitos, temáticas e metodologia. 2a.. ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009.

GRILLO, Maria Ângelo de Faria. História em verso e reverso. Revista de História da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, p. 82 - 85, 01 out. 2006.

GRILLO, Maria Ângelo de Faria; LUCENA, Kalhil. O uso de uma linguagem popular nas aulas de história: as representações da República Velha nos folhetos de cordel. *Revista História em Reflexão*. Vol. 5 n. 9 – UFGD - Dourados jan/jun 2011.

GUILLEN, Isabel. Cantadores das viagens: A literatura de cordel e a experiência da migração nordestina para a Amazônia. In: VI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, 2000, Porto. VI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Porto, 2000.

GUILLEN, Isabel. **Errantes da Selva: Histórias da Migração Nordestina para a Amazônia**. Recife: Editora da UFPE, 2006.

GUIMARÃES, Selva. **Didática e prática de ensino de história**: experiências, reflexões e aprendizados. Campinas, SP: Papirus, 2003.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. **Dossiê de registro da literatura de cordel**. Brasília, 2018.

IUMATTI, Paulo Teixeira. História e folhetos de cordel: caminhos para a continuidade de um diálogo interdisciplinar. *Escritural. Écritures d'Amérique Latine*, v. 6, p. 3-32, 2012.

LACERDA, Franciane Gama; MENEZES NETO, Geraldo Magela. Ensino e pesquisa em história: a literatura de cordel na sala de aula. *Outros Tempos*, v. 7, p. 217-236, 2010.

LIMA, Arievaldo Viana. Cordel: da feira à sala de aula. In: MENDONÇA, Rosa Helena (org.). *Literatura de Cordel e Escola. Salto para o Futuro, Ano XX*, boletim 16, outubro, 2010. p. 20-27.

LUYTEN, Joseph M. **O que é literatura popular?** São Paulo: Brasiliense, 1983

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

MENEZES, Eduardo Diatahy B. de. Das classificações temáticas da literatura de cordel: uma querela inútil. *Revista de Letras*, v. 1, n. 13, 3 jul. 2017.

NASCIMENTO, Jairo Carvalho. A literatura de cordel e o ensino de História: reflexões teóricas e orientações metodológicas. In: XXIII Simpósio Nacional de História, 2005. *Anais Eletrônicos - Programa & Resumos do XXIII Simpósio Nacional de História: História, Guerra e Paz [CD-ROM]*. Londrina: Editorial Mídia. p. 1-8.

NASCIMENTO, Paulo de Oliveira . O cordel, o negro e a sala de aula: diálogos possíveis. *Cadernos Imbondeiro*, v. 2, p. 1-13, 2012.

PINTO, Maria Rosário. Casa Rui Barbosa, 2008. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/AntonioFerreira/antonioFerreira_biografia.html. Acesso em: 10 abr. 2020.

RAMOS, Everardo. Casa Rui Barbosa, 2008. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/JoseCamelo/joseCamelo_biografia.html. Acesso em: 10 abr. 2020.

ROCHA, Carlos Alberto de Macedo. **Dicionário de locuções e expressões da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

SANTOS, Ary Leonan Lima. Utilização do cordel como ferramenta para o Ensino de História: Conceitos, repertórios e experiências. 2018. 103 f. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2018.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SILVA, Vitória. Estratégias de leitura e competência leitora: contribuições para a prática de ensino em História. História [online]. 2004, vol.23, n.1-2, p. 69-83.

TERRA, Ruth. **Memória de lutas: primórdios da literatura de folhetos do Nordeste (1893-1930)**. 1978. 191 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1978.

VIANNA, Arievaldo. A morte de Leandro. Acorda Cordel. 2017. Disponível em: <http://acordacordel.blogspot.com/2017/03/a-morte-de-leandro.html>. Acesso em: 20 jul. 2020.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Tradução de Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.

FOLHETOS ANALISADOS

BARROS, Leandro Gomes de. A Allemanha vencida e humilhada. Guarabira (PB, BR): Pedro Baptista, 1918. 16 p.

BARROS, Leandro Gomes de. A Ave Maria da eleição. Recife (PE, BR): [s.n.], 1907. 16 p (p. 15-16).

BARROS, Leandro Gomes de. A crise actual e o augmento do sello. Recife (PE, BR): Jornal do Recife, 1915. 16 p (p. 1-14).

BARROS, Leandro Gomes de. A religião contra o protestantismo. Recife (PE, BR): Typ. do Jornal do Recife, [19-]. 16 p (p.1-10).

BARROS, Leandro Gomes de. A sêcca do Ceará. Guarabira (PB, BR): Pedro Baptista, 1920. 48 p [p. 37-43].

BARROS, Leandro Gomes de. A voz do povo pernambucano. [Recife (PE, BR)]: Typ. Moderna, [19-]. 16 p.

BARROS, Leandro Gomes de. Affonso Penna. Recife (PE, BR): Imp. Industrial, 1906. 16 p (p. 1-6).

BARROS, Leandro Gomes de. Antonio Silvino o rei dos cangaceiros. [S.l.]: Perseverança, [19-]. 15 p.

BARROS, Leandro Gomes de. As aflições da guerra da Europa. Paraíba (PB, BR): Tip. da Popular Ed, 1915. 8 p.

BARROS, Leandro Gomes de. As cousas mudadas; Historia de João da Cruz: 4º volume. [S.l.]: Typ. Moderna, [19--]. 16 p.

BARROS, Leandro Gomes de. As miserias da epocha. Recife (PE, BR): s.ed., s.d. 16 p.

BARROS, Leandro Gomes de. As promessas do governo. [S.l.]: [s.n.], [19-]. 16 p (p. 1-8).

BARROS, Leandro Gomes de. As saias calções. Recife (PE, BR): [s.n.], [1911?]. 16 p (p. 1-8).

BARROS, Leandro Gomes de. Echos da pátria. Paraíba (PB, BR): Popular Editora, 1917. 16 p (p. 1-14).

BARROS, Leandro Gomes de. Festas do Juazeiro no vencimento da guerra. [S.l.]: [s.n.], [19-]. 16 p.

BARROS, Leandro Gomes de. O dez réis do governo. Recife (PE, BR): Typ. Miranda, 1907. 16 p (p. 1-5).

BARROS, Leandro Gomes de. O governo e a lagarta contra o fumo. [Recife (PE, BR)?]: [s.n.], [19-]. 15 p (p. 1-7).

BARROS, Leandro Gomes de. O imposto da honra. Paraíba (PB, BR): Popular Editora, [1916?]. 16 p (p. 1-8).

BARROS, Leandro Gomes de. O imposto e a fome. Recife (PE, BR): [s.n.], 1909. 16 p (p. 1-6).

BARROS, Leandro Gomes de. O novo balão. [S.l.]: [s.n.], [19-]. 16 p (p. 1-7).

BARROS, Leandro Gomes de. O povo na cruz. Recife, PE: [s.n., 19-?]. 16 p.

BARROS, Leandro Gomes de. O principio das cousas. Recife (PE, BR): [s.n.], [191-?]. 16 p (p. 2-16).

BARROS, Leandro Gomes de. O retirante. Recife (PE, BR): Cruzeiro, 1946. 8 p.

BARROS, Leandro Gomes de. O sertanejo no sul. Afogados (Recife, PE, BR): [s.n.], [191-?]. 16 p (p. 1-7).

BARROS, Leandro Gomes de. O sorteio militar. Guarabira (PB, BR): Pedro Baptista, 1918. 16 p (p. 10-16).

BARROS, Leandro Gomes de. O tempo de hoje. Guarabira (PB, BR): Pedro Baptista, 1918. 16 p (p. 3-10).

BARROS, Leandro Gomes de. Os collectores da Great Western. Paraíba (PB, BR): Typ. Popular, [19-]. 16 p (p. 1-7).

BARROS, Leandro Gomes de. Um pau com formigas. [Recife (PE, BR)?]: [s.n.], [1912?]. 16 p (p. 1-8).

BATISTA, Francisco das Chagas. Rezultado da revolução do Recife. [S. l.]: Typ. Liv. Gonçalves Penna, 1912. 16 p. (p. 1-12).

CAMELO, José. A sujeição dos brejos da Parahyba do Norte. Guarabira (PB, BR): Liv. e Tip. Lima, [19-]. 16 p. (p. 8-16).

CRUZ, Antônio Ferreira da. Os aviadores e a viagem pelo espaço. Guarabira (PB, BR): Pedro Baptista, 1922. 15 p.

SILVA, João Melchades Ferreira da. A guerra de Canudos. [S.l.]: [s.n.], [19-]. 16 p.

SILVA, João Melchades Ferreira da. A victoria dos aliados: : a derrota da Allemanha e a influenza hespanhola. Paraíba (PB, BR): Popular Ed, 1918. 16 p. SILVA, Severino Milanês da. Peleja de Severino Pinto com Severino Milanês. [S. l.]: s.ed., s.d. 16 p.

[Sem Autor]. A caravana democratica em acção. Paraíba (PB, BR): Typ. Popular, [19-]. 15 p (p. 12-15). (Poesias populares).

JORNAIS

A SECCA NO CEARÁ. Diário de Pernambuco, Recife, ano 96, nº 22, p. 3, 23 jan. 1920. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/029033_09/8564. Acesso em 10 set. 2020.

COLLABORAÇÃO. Jornal do Recife, Recife, ano 49, nº 127, p. 1, 06 jun. 1906. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/705110/49358>. Acesso em: 20 set. 2020.

EXAMES. A Provincia, Recife, ano 33, nº 288, p. 1, 08 nov. 1910. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/128066_01/21749. Acesso em: 22 set. 2020.

EXAMES. A Provincia, Recife, ano 33, nº 312, p. 1, 2 dez. 1910. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/128066_01/21865. Acesso em: 22 set. 2020.

GENERAL DANTAS BARRETO. Jornal do Recife, Recife, ano 54, nº 348, p. 1, 19 dez. 1911. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/705110/56499>. Acesso em: 22 set. 2020.

IMPOSTO DE HONRA. A Provincia, Recife, ano 39, nº 144, p. 1, 27 mai. 1916. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/128066_01/33666. Acesso em: 14 set. 2020.

JORNAES DE HONTEM. Diário de Pernambuco, Recife, ano 91, nº 152, p. 4, 05 jun. 1915. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/029033_09/8564. Acesso em: 15 set. 2020.

LEI Nº 873. Diário de Pernambuco, Recife, ano 83, nº 143, p. 1. 27 jun. 1907. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/029033_08/8469. Acesso em: 15 set. 2020.

PORTUGAL-BRASIL. O Paiz, Rio de Janeiro, ano 38, nº 13755, p. 1, 18 jun. 1922. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/178691_05/9943. Acesso em: 08 out. 2020.

SENADO. Jornal do Recife, Recife, ano 48, nº 130, p. 1, 10 jun. 1905. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/705110/48176>. Acesso em: 22 set. 2020.

VICTORIA DIGNA. Diário de Pernambuco, Recife, ano 87, nº 309, p. 1, 21 nov. 1911. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/029033_09/2735. Acesso em 15 set. 2020.